

JUSSARA SANTOS PIMENTA

# **PAVILHÃO MOURISCO:**

**BIBLIOTECA E CENTRO DE CULTURA INFANTIL (1934-1937)**

*“O passado é um livro imenso, cheio de preciosos  
tesouros que não se deve desprezar;  
e toda a terra tem, sua história mais ou menos poética,  
suas recordações mais ou menos interessantes,  
como todo o coração tem suas saudades”.*

Joaquim Manuel de Macedo

*“Quando o tempo a desmentir, será  
porque a vida se fez diferente;  
não porque ela tenha sido  
pronunciada em vão, nem com falsidade.  
Será porque a própria verdade morreu.  
Porque as verdades também morrem,  
Para poderem renascer, depois, mais verdadeiras”.*

Cecília Meireles

## “Dai-me algumas palavras...”<sup>1</sup>

“La literatura está muerta, hijo mío (...);  
contempla estas salas desiertas y los libros en su mortaja de polvo; ya nadie lee;  
yo soy aquí el guardian de este cementerio, y se prohíbe la exhumación”.  
(Júlio Verne, 1863)

As bibliotecas públicas são uma conquista recente na história da leitura no Brasil. A primeira biblioteca pública brasileira foi criada somente em 1810, por D. João VI, a partir da doação dos 60 mil volumes pertencentes à Real Biblioteca do Palácio da Ajuda, trazidos à época da transladação da corte portuguesa para o Brasil. A biblioteca foi instalada e franqueada ao público em 1814, no Hospital dos Terceiros do Carmo. A Biblioteca Imperial, como foi denominada, deu origem, mais tarde, à Biblioteca Nacional. As demais bibliotecas desse período eram particulares ou exclusivas dos colégios e de suas respectivas ordens religiosas, e não admitiam o ingresso de leitores da comunidade. A biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro foi outro empreendimento que resultou da iniciativa da família real, sendo criada a partir da doação de 150 mil volumes, manuscritos, retratos, gravuras e mapas antigos pertencentes a D. Pedro II, os quais faziam parte do acervo da sua biblioteca particular, localizada no Palácio de São Cristóvão. A biblioteca editou a partir de 1839, ano de sua inauguração, a Revista do Instituto, que segundo Azevedo constituíram *as melhores fontes de estudos nacionais e outros tantos focos de irradiação das atividades culturais no tempo do Império*.<sup>2</sup> Nessa época, o Rio de Janeiro possuía outras bibliotecas franqueadas ao público: a da Faculdade de Medicina; a Biblioteca Municipal, fundada em 1874 pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro, sendo uma das mais freqüentadas; a biblioteca do Convento dos Beneditinos; a do Retiro Literário Português, criada em 1859; a do Gabinete Português de Leitura, instalada em 1887; e a da Sociedade Promotora do Ensino, fundada pelo Conselheiro Manuel Francisco Correia, em 1874. Existiam ainda bibliotecas especializadas: a da Academia de Belas-Artes, a do Conservatório de Música, a da Escola Politécnica, a da Escola Militar e a da Marinha, perfazendo um

---

<sup>1</sup> MEIRELES, C. "Canções". *Obra poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958, p. 938. (Obs.: Os subtítulos em itálico de todos os capítulos foram retirados dos primeiros versos de poemas de C. Meireles).

<sup>2</sup> AZEVEDO, F. *A cultura brasileira*. São Paulo: Melhoramentos/EDUSP, 1971, p. 604.

total de 14 bibliotecas que acumulavam, segundo Azevedo,<sup>3</sup> um acervo superior a 500 mil volumes.

O movimento de expansão cultural verificado nas primeiras três décadas do novo século, se não foi responsável pelo aumento considerável no número de bibliotecas na capital federal e nas demais cidades do país, contribuiu para a sua reorganização dentro de critérios que permitiram sua maior e melhor utilização pelo público leitor. As novas teorias pedagógicas difundidas pelos educadores renovadores muito contribuíram no sentido de conferir à biblioteca um lugar de destaque no processo educativo. Educadores e intelectuais começaram a questionar os serviços técnicos das bibliotecas e estas buscaram, na medida de suas possibilidades, se adequar à demanda, realizando alterações no que se referia à catalogação, classificação e às normas de funcionamento. Mas, embora se efetuassem melhorias nos serviços bibliotecários, estes não se enquadravam dentro das reais necessidades da população que freqüentava suas instalações. Os horários de funcionamento eram restritos e os regimentos extremamente rígidos. Outros problemas somavam-se a esses: a precariedade de suas instalações, a exigüidade de verbas para composição de seus acervos, quase sempre defasados, a falta de pessoal especializado e as instalações inadequadas. Muitas bibliotecas eram criadas sem a preocupação de lhes serem dadas instalações convenientes. Era comum a adaptação de prédios ou mesmo salas de prédios públicos, onde passavam a funcionar de forma precária. Quanto ao pessoal responsável, eram em sua maioria entusiastas que colaboravam sem auferir pagamento em troca de seu trabalho. Encarregados da seleção, aquisição, organização dos catálogos, conservação do acervo e atendimento ao público eram, ainda, responsáveis por conseguir verbas para a manutenção da biblioteca.

Segundo Gomes,<sup>4</sup> a existência da maioria das bibliotecas do período compreendido entre 1890 e 1930 se restringia aos estados que iniciavam seu desenvolvimento industrial, mais prósperos economicamente e de maior contingente populacional, concentrados nas regiões Sudeste (sobretudo São Paulo e Minas Gerais, seguidos do Distrito Federal) e Sul (Rio Grande do Sul). Mesmo nesses estados, a instalação e manutenção dessas bibliotecas eram realizadas

---

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 612.

<sup>4</sup> GOMES, S. de C. *Bibliotecas e sociedade na Primeira República*. São Paulo: Pioneira, 1983, p. 47.

com inúmeras dificuldades, das quais a exigüidade de verbas regulares para sua manutenção era uma constante. Nos estados onde o processo sócio-cultural não se efetivou, onde toda a economia girava em torno do setor agrícola, especialmente nos estados produtores de açúcar e borracha, e onde havia baixa concentração populacional, as bibliotecas não chegaram a ser estimuladas e tiveram distribuição ainda mais irregular.

De acordo com Gomes,<sup>5</sup> ao comentar as observações de Shera, Bengé e Asheim, as bibliotecas escolares eram as preferidas pela iniciativa governamental. Essa prioridade talvez estivesse relacionada ao baixo investimento requerido na sua instalação e manutenção, ou ainda por sua finalidade essencialmente educativa, pelo fato de não oferecer riscos representativos para a alteração dos valores, crenças e padrões comportamentais da população que buscava seus serviços. Segundo essa autora, a educação é a variável mais estreitamente relacionada com a criação de bibliotecas nos países subdesenvolvidos, e isso corrobora o fato de que houve um predomínio de bibliotecas escolares (58,2%) em relação às bibliotecas especializadas (17,9%), populares (16,7%), universitárias (7,1) e públicas (5,1%), no período correspondente à Primeira República. A implantação do currículo enciclopédico, fruto das reformas educacionais de cunho positivista, pode estar aliada ao maior crescimento das bibliotecas escolares entre 1900 e 1909, criadas com o objetivo de atender às necessidades das novas disciplinas. De 1910 a 1920 o crescimento foi inexpressivo, voltando a ocorrer de 1920 a 1930, quando se estabeleceram as primeiras reformas de ensino baseadas nos princípios escolanovistas.

A inter-relação de fatores, tais como a dominação externa, as condições precárias, o sistema político instável com o poder em mãos de uma elite dominante, a distribuição irregular da população e o baixo nível econômico e social das famílias, influenciando-se mutuamente, resultou em um sistema educacional elitista e deficiente. As bibliotecas escolares, como agências criadas para servir a uma instituição de tal nível, refletiram essas deficiências, expressas de várias maneiras: falta de tradição de bibliotecas, demanda ausente ou fraca de bibliotecas e dificuldades de formação do acervo.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 65.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 70.

As bibliotecas escolares começaram a ser organizadas segundo os métodos mais modernos, tanto no Distrito Federal como em outros lugares. A *Página de Educação* do jornal *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, criada por Cecília Meireles, serviu de veículo de divulgação dessas experiências efetivadas tanto no Brasil como nos Estados Unidos e na Europa. Em 03/03/31, publicou o relatório do Dr. Lúcio dos Santos, primeiro Diretor da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte, sobre as atividades desenvolvidas pela professora Alda Lodi, regente da cadeira de aritmética da escola. Ela estivera nos Estados Unidos, onde se especializara e de onde trouxera os mais modernos métodos, que vinha aplicando com sucesso. Essa educadora foi responsável pela organização da biblioteca escolar daquele estabelecimento de ensino.

O mobiliário – cadeiras, mesas, estantes – de proporções quase para uma terra de Lilibut, – como convém aos grandes leitores que são os garotos das classes anexas, foi quase todo feito pelas próprias crianças.

Os livros que a compõem foram analisados e classificados, em escala infantil, pelas professoras-alunas, em trabalhos para a Metodologia da Língua Pátria.<sup>7</sup>

Formada dentro dos mais modernos métodos escolanovistas, a biblioteca escolar era tida como um lugar onde se privilegiava a curiosidade da criança. Possuía livros dos educadores de maior destaque no momento, em espanhol e inglês. Apesar de confrontar os avanços introduzidos pela escola nova ao *mal da escola velha*, que não sabia adaptar o ensino, não sabia despertar a curiosidade nem o sentido perquiridor do aluno, os organizadores dessa biblioteca instituíram normas rígidas, bem ao gosto da escola que tanto criticavam. Só permitiam o empréstimo de um único exemplar, por apenas um dia, e ainda aplicavam uma sanção rigorosa – *uma forte multa*.<sup>8</sup>

A composição do acervo da maioria das bibliotecas escolares se resumia a livros-texto ou didáticos, geralmente provenientes de doação dos próprios professores da instituição, já que as verbas que dispunham para esse mister eram exíguas. Ao iniciar a organização de bibliotecas escolares no estado de São Paulo, Lourenço

---

<sup>7</sup> OLIVEIRA, L. Escola de Aperfeiçoamento. Metodologia da Aritmética. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 03/03/1931.

<sup>8</sup> *Ibidem*.

Filho vinha, a partir de comunicado na *Página de Educação*, apresentar os objetivos dessas bibliotecas dentro do novo conceito de educação e solicitar aos leitores que fizessem doação das obras lidas para o Serviço de Bibliotecas Escolares, que ficaria responsável pela desinfecção, classificação e censura, organização de lotes e distribuição pelas escolas primárias, normais, ginasiais e profissionais.

Apesar da pequena difusão alcançada a partir das transformações sócio-culturais que se verificaram nas três primeiras décadas do século, o país ainda não se encontrava apto a criar bibliotecas que cumprissem seus objetivos reais. A produção cultural gerada no país era ainda insuficiente e não necessitava de uma organização em forma de biblioteca.

Sente-se a falta de interesse por parte de órgãos públicos na manutenção e conservação de bibliotecas. Percebe-se que muitas vezes as bibliotecas eram criadas pelo simples fato de que órgãos governamentais *deviam* criar bibliotecas, mas uma vez criadas, não havia empenho em sua instalação imediata. Criavam-se bibliotecas sem procurar destinar-lhes prédios para instalações adequadas e verbas suficientes para sua organização e conservação.<sup>9</sup>

Mormente, as bibliotecas sobreviviam de verbas não governamentais, provenientes de expedientes tais como concertos beneficentes, campanhas junto à comunidade e cobrança de mensalidades. Os fatores limitantes à composição do acervo eram a ausência de casas editoras brasileiras e a precariedade do comércio livreiro, encarecendo o preço das obras, que tinham que ser importadas da Europa e/ou da América do Norte. O preço do papel, que também era importado, encarecia e limitava a expansão de um mercado editorial genuinamente brasileiro. Como não existia demanda por parte da população, essencialmente agrícola, analfabeta e marginalizada das questões políticas, econômicas e sociais do país, o crescimento do mercado editorial e livreiro não era estimulado.

Quanto às normas, essas bibliotecas eram extremamente rígidas, talvez em razão do preço excessivo das obras. Não se faziam empréstimos domiciliares, não era permitido o livre acesso às estantes e o leitor era proibido de folhear o volume pedido ao bibliotecário por mero passatempo. Também não favoreciam o acesso

---

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 48.

de crianças menores de quatorze anos, mesmo acompanhadas dos pais ou responsáveis, às suas instalações. Em 1932, a Biblioteca Nacional fazia chegar aos seus usuários uma circular que informava as determinações do Sr. Ministro da Educação e Saúde Pública e do Diretor da instituição, para a entrada nos seus salões de consulta. Os candidatos a leitor deveriam solicitar e obter na secretaria da mesma repartição um cartão de ingresso, conseguido depois de se inscrever em um livro especial, apresentar documentos de identidade e domicílio, aprovados ou não pelo diretor geral da instituição. Quanto aos menores, estes deveriam, além disso, juntar um termo de responsabilidade dos respectivos pais, tutores ou de pessoas que os representassem. Esse cartão de ingresso deveria ser apresentado juntamente com os documentos de identidade sempre que o leitor adentrasse o recinto da biblioteca. Essa circular foi motivo de muita crítica por parte dos responsáveis pela *Página de Educação* no dia 17/02/1932. Cecília Meireles e Correia Dias foram até a Biblioteca Nacional e resumiram seu espanto diante do que viram. Ela comentou o absurdo das novas normas:

Depois de tudo o que leu, o leitor há de concordar conosco. Teria sido muito mais simples, muito mais lógico e muito mais prático, em vez de tantas complicações e tantos documentos, colocar, ali no alto do edifício da Biblioteca um grande letreiro com estes dizeres: "*É proibida a entrada*".<sup>10</sup>

A reportagem trazia, ainda, uma charge de Correia Dias, na qual um estudante se inscrevia como leitor, atrapalhado com inúmeros papéis que caíam diante do porteiro sisudo. Sob a mesma, o seguinte comentário do ilustrador:

O menor, além de todos os documentos exigidos aos que teimam em freqüentar a Biblioteca Nacional, ainda leva o pai para conceder a autorização indispensável. No fim de tudo, ou o menor consegue uma carta de apresentação que lhe abra todas as portas, ou sai desiludido. Assim se intensifica a cultura no Brasil...<sup>11</sup>

Em 1934, a professora Armanda Álvaro Alberto apresentou a conferência *Leitura para Adultos* na VI Conferência de Educação, promovida pela ABE em Fortaleza. Nessa tese, a educadora defendia a necessidade de bibliotecas que atendessem de forma mais efetiva o leitor proveniente da classe operária. Esse seu interesse

---

<sup>10</sup> MEIRELES, C. Reportagem na Biblioteca Nacional. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 17/02/1932.

<sup>11</sup> *Ibidem*.



em relação à leitura do público trabalhador fez com que ela visitasse a Biblioteca Pública da cidade e comentasse as impressões que havia tido, durante uma visita ao jornal *Gazeta de Notícias*. Segundo ela, a biblioteca não oferecia muitos atrativos ao operariado. Como todas as demais, essa biblioteca, por não ser aberta, ou seja, por não permitir o acesso imediato do leitor às estantes, dificultava e tornava cerimonioso e burocrático o manuseio dos livros. Pela consulta que fez à lista dos volumes utilizados pelo trabalhador, Armanda observou que este não freqüentava a biblioteca, pois não havia entre as obras relacionadas nenhuma que pudesse constar de sua leitura preferida. O absurdo da sua constatação, no entanto, adveio de um dispositivo regulamentar: o regimento interno da biblioteca vedava o manuseio dos volumes aos funcionários.

Os empregados, além do suplício tantálico por que passam, não podendo ler as obras que lhes pareçam interessantes e com as quais estão diariamente a lidar, devem agir, assim, mecanicamente, levando e trazendo livros, ignorantes dos tesouros de saber que enfeixam.

Podiam ser substituídos, perfeitamente, pelo homem máquina, se inventado...

O fato porém, é que o espírito moderno não se condiciona à tal exigência regulamentar, no momento em que a tendência é para empregar verdadeiros profissionais nos serviços das bibliotecas, gente que seja bastante ilustrada para prestar informações sobre os livros que desejarem consultar.

Aqui nem à boa vontade dos funcionários se pode recorrer, a fim de obter qualquer informação, porquanto são eles obrigados a conhecer os livros apenas pela ordem de disposição nas estantes. Para eles os volumes, os autores, os assuntos tratados e discutidos em cada brochura, não devem passar de inexpressivos números...<sup>12</sup>

Os educadores que atuavam junto a Associação Brasileira de Educação – ABE, especialmente aqueles que compunham a Seção de Cooperação da Família, além dos intelectuais interessados nas questões que se referiam à educação e mais propriamente à leitura, reivindicavam livre acesso às estantes e acesso de todos às bibliotecas, especialmente as crianças. Outra reivindicação se referia à criação de seções infantis nas bibliotecas públicas e de bibliotecas públicas voltadas para o

---

<sup>12</sup> Autor desconhecido. *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 15/02/1934.

público infantil. J. Guimarães Menegale, funcionário responsável pela Biblioteca Pública de Belo Horizonte, em relatório ao prefeito Luiz Penna, anunciava as inovações introduzidas pela sua administração:

Não há mais razão para vedar-se às crianças o acesso à Biblioteca. A fiscalização, que outrora era deficientíssima, e a aquisição de livros próprios permitem incrementar a leitura infantil no estabelecimento; nessas condições, fiz anunciar, pelo órgão oficial, a admissão à consulta de menores de quatorze anos, e o resultado foi logo animador: crianças e pais acorreram em procura da biblioteca infantil, cuja organização encetei.

Para o próximo ano, espero dar-lhe desenvolvimento, entrando em entendimento com as sras. diretoras dos grupos escolares da capital, a ver se é possível instituir a distribuição de obras de literatura infantil, a prazo determinado, à biblioteca de cada um deles.<sup>13</sup>

Esse relatório foi publicado pela Imprensa Oficial de Minas Gerais em 1932 e adquirido pela Biblioteca Central de Educação. Ao lado de outras obras, como *Biblioteca en la Escuela*, de Manuel Barroso, e *Bibliotecas Escolares*, de Lorenzo Luzuriaga, o livro de Menegale parece ter servido de inspiração para muitos educadores do Departamento de Educação, que se ocuparam da organização e administração de bibliotecas escolares das escolas municipais do Distrito Federal.

Dada a completa inexistência de bibliotecas próprias ao público infantil, Armanda Álvaro Alberto, em uma palestra sobre literatura infantil de 16/04/34, chamava, mais uma vez, a atenção dos executivos municipais do Rio de Janeiro e de outras cidades do Brasil para a necessidade dessas bibliotecas, *coisa banal nos países europeus e na Norte América, (...) bibliotecas que parecem criações de contos de fadas (...) nem todas fundadas pelo governo, mas todas (...) dirigidas por bibliotecárias formadas em cursos universitários.*<sup>14</sup> Armanda visitara a biblioteca infantil de Montevideu e constatara o entusiasmo da bibliotecária e das meninas voluntárias na organização das *coleções bem escolhidas e ao alcance de todas as mãos* bem como *a alegria calma do ambiente singelo, pobre mesmo, mas de gosto,*<sup>15</sup> e questionava-se do porquê de haver ainda no Brasil tanto descaso em

<sup>13</sup> MENEGALE, J. G. *O que é e o que deve ser a Biblioteca Pública*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1932.

<sup>14</sup> ALVARO ALBERTO, A. *Literatura Infantil*. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 16/04/1934.

<sup>15</sup> *Ibidem*.

relação à criança quando outros países já ofereciam esse serviço com qualidade. Aludia às diversas sugestões e campanhas efetivadas pela ABE, incluindo a mais recente, em parceria com o *Rotary Clube* – o projeto do pavilhão da Praça da República – que não chegou a se concretizar. Apesar disso, Armanda comunicava sua surpresa ao tomar conhecimento de um empreendimento da Biblioteca Municipal, que vinha tendo resultados positivos:

Deu-se com ela um fato interessante. Como é de fácil acesso ao público, as crianças da rua a invadiram. O antigo diretor mandava expulsar a gente miúda, mas o atual achou mais conveniente arranjar-lhes uma salinha com certa quantidade de livros e revistas para sua idade... e assim, mesmo sem o mobiliário apropriado àquele ambiente (...) nós tivemos a primeira biblioteca pública infantil – diga-se de passagem, uma das aspirações por que luta a ABE desde os seus primórdios. Formada ao acaso, é verdade, mas muito melhor que nada. Temos a sua estatística do mês de outubro de 33, mês da sua inauguração. Foi freqüentada por 116 crianças, que leram 123 livros.<sup>16</sup>

No mês seguinte à palestra da educadora abeana, foi criada a Biblioteca do Pavilhão Mourisco, por Cecília Meireles, organizada exclusivamente para atender o público infantil. Mantida por verba pública, a biblioteca era a primeira no país a permitir o acesso das crianças mesmo desacompanhadas dos pais, bem como o livre acesso às estantes. Com normas regulamentares mais brandas, as crianças eram incentivadas a freqüentar suas sessões de filmes e música, as dramatizações organizadas pelas estagiárias, e a desenvolver sua criatividade através de jogos educativos. Além disso, as crianças ainda eram auxiliadas em suas atividades escolares.<sup>17</sup>

Diante disso, a experiência do “Espaço Mourisco” despertava a curiosidade. Era preciso conhecer mais a fundo essa experiência que gerou polêmica e controvérsias, a fim de saber o que tal iniciativa representou no universo educacional da década de 30 e que impacto causou nos modelos até então seguidos pelos educadores brasileiros. As dúvidas acerca dos problemas que envolvem a biblioteca escolar e as concepções de leitura presentes nas nossas

---

<sup>16</sup> ALVARO ALBERTO, A. Leitura para adultos. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 11/03/1934.

<sup>17</sup> A Biblioteca Infantil, embora introduzisse inovações desconhecidas no país até então, como todas as bibliotecas brasileiras do período, não utilizava os serviços especializados de bibliotecários formados em curso universitário, conforme as reivindicações da ABE.

escolas poderiam ser comparadas às daqueles educadores quando criaram o “Espaço Mourisco”? Essa experiência foi significativa quando procurou respostas para problemas surgidos na época e permitiu que os educadores brasileiros começassem a pensar outros caminhos para questões fundamentais como a leitura, a literatura infantil, os livros, a biblioteca? Procurar rever essa experiência poderia ajudar a suscitar novas discussões sobre o assunto e permitir que os educadores deste início de século encontrem respostas semelhantes para problemas educacionais a partir daquelas perguntas que, julgava-se, estavam perdidas no tempo? Esse centro de cultura despertou o entusiasmo das crianças e do público em geral e contou com a participação de intelectuais e artistas que atuavam como colaboradores especiais. Quem eram esses intelectuais? Que trabalhos realizaram? No discurso de inauguração do Centro, Anísio Teixeira teria pensado na criação de *um verdadeiro órgão de pesquisa*. Essa aspiração se concretizou? Existiu alguma ligação dessa biblioteca com os cursos normais? O trabalho realizado no Espaço Mourisco priorizava o planejamento entre professores e bibliotecários? Ela contribuiu efetivamente para a formação do aluno leitor da época? O espaço da biblioteca foi entendido pelos educadores como um foco para despertar o interesse dos usuários para o livro e a leitura?

A primeira constatação que se tem da importância de Cecília Meireles no cenário brasileiro decorre do fato de sua obra poética ser lida e admirada em todo o seu conjunto. Como educadora Cecília Meireles escreveu livros, assinou o *Manifesto dos Pioneiros* ao lado de Anísio Teixeira, Roquette Pinto, Armanda Álvaro Alberto, Fernando de Azevedo, Noemy da Silveira, Lourenço Filho e Edgar Sússekind de Mendonça, entre tantos outros, foi professora da Universidade do Distrito Federal, conferencista sobre assuntos de literatura e educação e integrou a Comissão Nacional de Folclore; como jornalista, colaborou em quase todos os jornais e revistas do Rio de Janeiro, tecendo comentários no *Diário de Notícias* a favor da Educação Nova, publicou estudos sobre folclore infantil no jornal *A Manhã* e poemas nas revistas *Árvore Nova* e *Terra de Sol e Festa*, escreveu para o jornal *Observador Econômico e Financeiro* e editou a revista *Travel in Brazil*, do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP); como amante da literatura e dos livros, realizou um inquérito sobre leituras infantis que serviu de base para a fundação da primeira biblioteca pública infantil – a Biblioteca do Pavilhão Mourisco.

Conhecer a fascinante viagem dessa poetisa educadora (ou educadora poetisa) é conhecer toda uma época. Rer sua obra, sobretudo suas crônicas e seus *Comentários*, é rever momentos importantes do nosso panorama educacional. É rever, através de seu olhar, fascinantemente feminino e coerente, o movimento da Escola Nova: seus embates, suas conquistas, seu conteúdo pioneiro e realizador. Assim, o caminho empreendido foi tentar olhar a história através desses olhos. Conquanto a admiração, atentamos para o fato de que esse trabalho não pretende ser uma *exaltação retórica de um fato histórico ou de uma personalidade*<sup>18</sup>. Fazer história é mais que isso. É questionar o passado, refletindo sobre as possíveis contradições dos fatos históricos. É tentar captar esses acontecimentos através das lentes divergentes do nosso tempo, procurando nos aproximar dessa realidade e tendo a clareza dos limites do nosso olhar, ou seja, compreendendo que aquilo a que chamamos passado deve estar de fato, presente, embora distante no tempo. E,

(...) além disso, a história, todos sabem como é feita. Dificilmente se pode descrever uma coisa que se presencia: fatores de tantas naturezas intervêm para que variem as interpretações! O testemunho histórico, ainda o dos autores escolhidos como insuspeitos, é sempre imperfeito, improvável. Admitindo que se obtivessem testemunhos inofismáveis, como apresentar suficientemente coisas de difícil compreensão, dada a transformação do ambiente, a ética dos tempos, o conceito de quem julga?<sup>19</sup>

O presente trabalho tem como foco a atuação de Cecília Meireles na Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco. A biblioteca infantil foi um dos projetos mais ambiciosos da reforma de Anísio Teixeira e um espaço onde a educadora pôde desenvolver sua criatividade e seu empenho em favor da literatura infantil. Situada na enseada de Botafogo, era conhecida pela população como Pavilhão Mourisco. Tornou-se um dos grandes empreendimentos culturais da reforma. A biblioteca era freqüentada por estudantes das escolas públicas, que para lá se dirigiam após terminadas as aulas. Lá, desenvolviam atividades de biblioteca e também seu senso estético e artístico. Com a demissão de Anísio, em 1935, a biblioteca teve dificuldades em continuar existindo. Em 1937, em plena vigência do Estado Novo,

---

<sup>18</sup> MEIRELES, C. Solenidades cívicas. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro: 29/06/30.

<sup>19</sup> *Ibidem*.

o Centro foi invadido pelo interventor do Distrito Federal. O fechamento se prendeu ao fato de que a biblioteca teria no seu acervo um livro de *conotações comunistas*, cujas idéias eram perniciosas ao público infantil. Tratava-se de *As Aventuras de Tom Sawyer*, de Mark Twain.

São objetivos desse trabalho estudar a importância da escola, único contato que os alunos das classes populares têm com o livro e a leitura, na formação do leitor; subsidiar reflexões acerca da relevância da articulação entre biblioteca e sala de aula como espaço propício ao desenvolvimento da imaginação, da criatividade e da expressão oral; contribuir para a conscientização dos profissionais de Educação para a necessidade de uma política de leitura; desenvolver a capacidade crítica e o maior interesse pelos problemas sócio-econômicos do país e, conseqüentemente, ampliar os conhecimentos; incentivar o estudo da biblioteca como elemento indispensável ao aperfeiçoamento intelectual permanente do indivíduo; incentivar a criação de bibliotecas infantis e escolares que atendam concretamente às finalidades pedagógicas, lúdicas e estéticas das crianças brasileiras; entender o Espaço Mourisco como um celeiro de idéias e pesquisas pedagógicas, ajudando a esclarecer aspectos relevantes da nossa história educacional; suscitar novas discussões sobre o Espaço Mourisco, a fim de permitir aos educadores de agora o encaminhamento de questões que perpassaram todo o século XX e que não encontraram ainda soluções definitivas; ajudar a entrever outras facetas do movimento da Educação Nova; trazer uma contribuição ao estudo da obra pedagógica de Cecília Meireles; utilizar a abordagem histórica dos fatos da educação como instrumento indispensável para análise das situações do presente; subsidiar investigações posteriores que tomem como objeto a biblioteca escolar, relacionando-a às políticas sociais de atendimento à escola das classes populares.

Caracteriza-se, metodologicamente, como uma pesquisa histórica, na perspectiva de uma história cultural, que utiliza como fontes documentais básicas o conjunto de textos que constam na obra de Cecília Meireles (especialmente os Comentários da *Página de Educação* e a *Página das Crianças* do *Diário de Notícias*, bem como sua correspondência pessoal com Fernando de Azevedo);<sup>20</sup> a obra de Anísio Teixeira e documentos que constam de seu arquivo pessoal no CPDOC (sobretudo o que se

---

<sup>20</sup> A íntegra pode ser pesquisada no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP).

refere à Reforma de Instrução Pública no Distrito Federal em 1931-1935);<sup>21</sup> a obra e os documentos encontrados no arquivo Fernando de Azevedo (IEB-USP); a obra de Armanda Álvaro Alberto (inclusive o livro de atas da Seção de Cooperação da Família da ABE – Associação Brasileira de Educação); e outros documentos que têm ligação estreita com o tema proposto para investigação – documentos referentes ao Pavilhão Mourisco que constam no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro; jornais da época, encontrados na seção de periódicos da Biblioteca Nacional e nos arquivos do jornal *O Globo*, depoimentos, cartas e entrevistas.

Agradeço ao CNPq, pelos recursos da Bolsa de Mestrado; à Prof<sup>a</sup> Ana Waleska C. P. Mendonça, minha orientadora, por sua presença tranquilizadora, competente e estimulante; ao Departamento de Educação da PUC-Rio – a todos os professores, pelo apoio, pela confiança e pelas críticas e reflexões e aos funcionários Neiva, Genecy, Celso e Janaína, pela colaboração; a Zaia Brandão, pelo estímulo sempre lembrado e ainda a Maria Fernanda Correia Dias, D. Arlette Pinto de Oliveira e Silva e Maria Carlota Vaz de Faria, da ABE, Miriam Waidenfeld Chaves, Luciana Borgherth Vial Corrêa, Tania Dauster, Ana Chrystina Venancio Mignot, Ida Vicenzia Dias de Souza, Yolanda Lima Lobo e Ruth Villela Alves de Souza, pela cooperação e pelo incentivo ao meu trabalho. Aos colegas de pesquisa Fernando César Ferreira Gouvêa, Maria Teresa Cavalcanti de Oliveira, Alessandra Stachuck de Mello, Carolina Moreira Kimus e Flávia Santos de Oliveira, pela amizade e a Débora Santos Pimenta, pela dedicada e competente revisão lingüística deste trabalho.

Dedico esse trabalho a Deus, aos meus pais Alcebíades e Maria Helena, que me proporcionaram educação e entendimento do mundo, aos meus irmãos Alexandre, André Luiz e Débora pelo incentivo, aos meus sobrinhos Thales Henrique e Pedro Henrique, para quem desejo um mundo melhor e ao colega e amigo do Mestrado em Educação da PUC-Rio, Adaury Corrêa da Fonseca - *in memoriam*.

---

<sup>21</sup>Ver também: Biblioteca Virtual Anísio Teixeira: [www.prossiga.br/anisioteixeira](http://www.prossiga.br/anisioteixeira)

*“Abri na noite as grandes águas...”<sup>22</sup>*

*“Trabajamos rodeados de tinieblas, hacemos lo que podemos, ofrecemos lo que tenemos.  
Nuestra duda es nuestra pasión, nuestra tarea. Lo demás es la locura del arte”.*  
**(Henry James)**

*“Ser educador, tem, evidentemente, a sua parte de loucura.*  
**(Cecília Meireles)**

No final do século XIX, o Rio de Janeiro sofreu transformações significativas. A cidade foi palco dos principais acontecimentos políticos que viriam alterar toda a fisionomia do século que nascia. A abolição da escravatura, a proclamação da República, as lutas travadas durante os primeiros tempos dos governos republicanos, a explosão populacional resultante da imigração estrangeira e da migração de trabalhadores rurais (ex-escravos, em sua grande maioria) contribuíram não só para forjar uma nova mentalidade, mas também para trazer modificações no panorama político, econômico e espacial.

Nessa cidade, crescia desordenadamente toda espécie de mazelas. Eram restritos os recursos urbanos de transportes, alimentação e abastecimento para atender a uma população que crescia aceleradamente e exigia cuidados das autoridades constituídas. As epidemias eram comuns nos aglomerados do centro da cidade, solicitando medidas sanitárias urgentes e eficazes. É nesse clima de tensão que surgem as primeiras manifestações por obras de melhoramento, embelezamento e saneamento a serem implementadas pelo governo, visando transformar a cidade de feições modestas e imperfeitas num modelo de civilização e modernidade. A cidade precisava ganhar contornos de uma grande metrópole. O modelo era Paris, imaginada por Napoleão e encetada pelo barão de Haussmann.<sup>23</sup> Prevalencia a ideologia do êxito econômico e da ascensão social numa cidade ainda marcada pelos valores tradicionais, ainda não superados. Em nome dessa evolução iniciou-se a obra de transformação do espaço urbano. Casas em estilo colonial foram derrubadas, edifícios de estilo afrancesado foram erguidos nas grandes avenidas projetadas, populações marginalizadas foram empurradas para os subúrbios. As primeiras modificações significativas tiveram origem durante o governo Rodrigues

---

<sup>22</sup> MEIRELES, C. "Apelo". Retrato Natural. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958, p. 477.

<sup>23</sup> Georges Eugène Haussmann. Administrador francês (1809-1891) e prefeito de Paris no segundo Império, remodelou a capital francesa (1853-70).



Alves. Foram iniciadas as obras de modernização do porto do Rio de Janeiro, o projeto de prolongamento do canal do Mangue e a abertura das avenidas Francisco Bicalho, Rodrigues Alves e Avenida Central, atual Rio Branco.

Nesse clima de iniciativas, a vislumbrar tempos novos, nascia Cecília Meireles, em 7 de novembro de 1901, no bairro do Rio Comprido, filha de Carlos Alberto de Carvalho Meireles, funcionário do Banco do Brasil, falecido três meses antes do nascimento da filha, e de D. Matilde Benevides, professora, falecida quando a menina contava apenas três anos de idade. Com a morte dos pais, Cecília vai para a casa da avó, D. Jacinta Garcia Benevides, de origem açoriana, também viúva. Fazem parte do universo da menina, além de sua avó, a babá Pedrina, descendente de escravos e hábil contadora de histórias. Em seu livro *Olhinhos de Gato*, a poetisa lembra-se dos anos passados na casa avarandada do começo da ladeira, no Estácio.

Os galos cantavam, os pássaros faziam uma algazarra pelas árvores, passavam os burros do carvão, vinha o peixeiro de brincos de prata, subia o mascate, ouvia-se o pregão dos pretos do melado e das bananas, dormitava o gato embaixo da mesa. (...) chegavam os negrinhos das balas, do puxa-puxa, dos roletes de cana, a rua enchia-se de cantigas de roda, de corridas, de gritos, de gargalhadas, os homens voltavam do emprego (tão cansados, meu Deus!), acendiam-se os bicos de gás – nasciam claras estrelas – e todo esse tempo andavam a revolver essas coisas vindas de longe, a escolhê-las, a separá-las, a sacudi-las, a estendê-las ao sol ou a deitá-las para o lado.<sup>24</sup>

E existia aquela rua! Antiga rua, larga e pobre, escancarada ao sol e às tempestades. As águas da chuva cortavam-na de regos irregulares. Vinha o sol e arrancava à miséria daqueles sulcos profundos – cheios de latas, papéis, vidros, coisas perdidas – um manso crescimento cintilante de ervas rasteiras. Alastrava-se o verde pelo barro acima. As lavadeiras estendiam ali lençóis anilados, roupas numerosas de criança, saias brancas de babado e cadaços. As ceroulas, de pernas abertas, pareciam ainda homens dormindo ao sol.<sup>25</sup>

---

<sup>24</sup> MEIRELES, C. *Olhinhos de Gato*. São Paulo: Moderna, 1980, p. 6.

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 42.

A morte prematura dos pais e irmãos era, na verdade, uma conseqüência da insalubridade da cidade e da insuficiência de medidas sanitárias daqueles tempos, e trouxe repercussões, impressas anos mais tarde em toda a sua obra.

Essas e outras mortes ocorridas na família acarretaram muitos contratempos materiais, mas, ao mesmo tempo, me deram, desde pequenina, uma tal intimidade com a Morte que docemente aprendi essas relações entre o Efêmero e o Eterno que, para outros, constituem aprendizagem dolorosa e, por vezes, cheia de violência. (...) Creio que isso explica tudo quanto tenho feito, em Literatura, Jornalismo, Educação e mesmo Folclore.<sup>26</sup>

Seu contato com os livros se deu bastante cedo. *Quando eu ainda não sabia ler, brincava com livros, e imaginava-os cheios de vozes, contando o mundo.*<sup>27</sup> Sua infância de menina sozinha deu-lhe, segundo ela mesma diz, duas coisas que poderiam ser vistas como negativas, mas que foram sempre benéficas: *o silêncio e a solidão*. A companhia dessas horas foram sempre os livros.

... e se antes de saber ler já gostava de brincar com livros, antes de brincar com livros gostava de ouvir histórias. Minha pajem (...) foi a companheira mágica da minha infância. Ela sabia muito de folclore do Brasil, e não só contava histórias, mas dramatizava-as, cantava, dançava, e sabia adivinhações, cantigas, fábulas, etc.<sup>28</sup>

Em 1910, contando apenas 9 anos de idade, Cecília, aluna da escola municipal Estácio de Sá, recebeu das mãos de Olavo Bilac, então Inspetor Escolar do Distrito Federal, uma medalha de ouro com o nome dela gravado (coincidentalmente, anos mais tarde, em 1938, receberia o prêmio "Olavo Bilac" da Academia Brasileira de Letras pelo seu livro *Viagem*). Nessa época escreveu seus primeiros versos, que segundo ela mesma diz eram apenas versos, longe estavam de serem considerados poesia. O primeiro livro lido foi *Os Três Mosqueteiros*, numa velha edição que pertencera a seu avô. A paixão pelos livros transformou-se em paixão pelo magistério. *Minha mãe tinha sido professora primária e eu gostava de estudar em seus livros. Desses velhos livros de família, as gramáticas, sobretudo a latina e*

---

<sup>26</sup> MENEZES, Fagundes. *Silêncio e Solidão*. Rio de Janeiro, 3 de outubro de 1953.

<sup>27</sup> MEIRELES, C. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958, p. 81.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p. 79.

a italiana me seduziam muito.<sup>29</sup> Fez estágio na Escola Gonçalves Dias, em São Cristóvão, e formou-se em 1917 na Escola Normal do Largo do Estácio, que se tornaria mais tarde o Instituto de Educação. Um ano depois lecionou na Escola Municipal Deodoro, na Rua da Glória. Também tinha recordações do tempo em que lecionou numa escola da Avenida Rio Branco.

Terminada a Escola Normal fui lecionar o primário, ainda com um jeito de menina, num sobrado da Avenida Rio Branco. Ali, na mesma sala, havia duas turmas e duas professoras, a metade voltada para cada lado. Pois as crianças, vendo-me quase tão menina quanto elas, viravam quase todas para mim.<sup>30</sup>

Em 1920 vamos encontrá-la na Escola Normal lecionando desenho, a convite do professor Fernando Nereu de Sampaio, diretor daquele departamento.

Aos 18 anos havia publicado seu primeiro livro – *Espectros* – com sonetos bem ao gosto parnasiano, segundo a moda do momento. Em todo caso, apesar de não serem um primor de estilo, os versos encontraram incentivo na figura de seus professores da Escola Normal, entre eles Alfredo Gomes e João Ribeiro, que inclusive prefaciaram esse seu primeiro trabalho. Continua sua produção literária. Em 1922, Cecília lança dois livros com poemas simbolistas: *Nunca mais* e *Poema dos Poemas...* Sua poesia nada tem de original e longe está da vanguarda que reina na época. Seus temas prediletos não se afinam com os da corrente modernista. Não trazem os temas recorrentes dos modernistas: a fábrica, as máquinas, a industrialização. Não busca os regionalismos nem o sotaque nativista tão comum entre seus pares. Como diria Mário de Andrade, estava na contramão de todas as escolas. Ela de fato surgiu para a literatura nesse ano de 1922, através de sua participação nas revistas *Árvore Nova*, *Terra do Sol* e *Festa*, que tinham, entre outros, os escritores Tasso da Silveira e Andrade Muricy.

Em 1923, Cecília edita seu primeiro livro para crianças: *Criança Meu Amor*, adotado no ano seguinte pela Diretoria de Instrução Pública e aprovado pelo Conselho Superior de Ensino dos estados de Minas Gerais e Pernambuco. Trazendo ilustrações de Fernando Correia Dias, ilustrador português com quem Cecília Meireles havia se casado em 1920, esse livro traz ainda uma visão bastante

---

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 79.

<sup>30</sup> MEIRELES, C. Entrevista a Pedro Bloch. *Manchete*: Rio de Janeiro, 1964.

tradicional da educação. Tem ao todo 38 textos, entre 34 prosas poéticas e quatro poemas. Nele, a criança ainda é considerada como uma tábula rasa, na qual são impressas as características aprovadas pela sociedade. Assim, são apresentados modelos que a criança deve seguir, as virtudes são enaltecidas, são transmitidas imagens e idéias selecionadas e organizadas visando ao final desejado, ou seja, a assimilação pela criança.

Nesse período em que Cecília inicia a sua carreira profissional o Brasil passa por modificações significativas. Durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), principalmente em São Paulo, o café teve um desenvolvimento surpreendente. O capital acumulado foi prontamente investido em atividades que envolviam a produção, a distribuição, o financiamento e a comercialização do produto. O café foi também responsável pelo avanço da imigração estrangeira e, sobretudo, pelo fortalecimento da atividade industrial. O grande surto da indústria brasileira deu-se, entretanto, no pós-guerra. A primeira indústria siderúrgica de base foi criada, o trabalho tornou-se cada vez mais coletivo e intenso e sofreu profundas alterações. Cresceu o mercado consumidor. O modelo econômico agrário-exportador começou lentamente a ser substituído. Com o surto industrial modificou-se a feição de toda a sociedade brasileira. Surgiram correntes ideológicas, organizadas em partidos e sindicatos. Criticando a velha ordem surgiram também os modernistas, que se reuniam em torno de manifestações artísticas como a literatura, as artes plásticas e a música, principiando o movimento conhecido como Semana de Arte Moderna, em fevereiro de 1922.

O conflito entre a tradição e o moderno também se verificou na educação, como resultado da industrialização e urbanização. Outros padrões culturais foram veiculados, e aqueles estratos da sociedade que não tinham acesso à educação agora o reivindicavam. No entanto, a educação a que aspiravam ainda tinha o formato antigo, ou seja, a educação técnica era desprezada em virtude da valorização de uma educação acadêmica e elitista, como aquela a que sempre tiveram acesso as classes privilegiadas.

Nesse momento eclodem discussões entre intelectuais que vislumbram a melhoria do nível cultural e educacional da sociedade. O propósito era levar o país, que

passava por modificações tão significativas nas esferas política e econômica, a um patamar de modernidade equivalente também na área social.

O que distingue a última década da Primeira República das que a antecederam foi justamente isso: a preocupação bastante vigorosa em pensar e modificar os padrões de ensino e cultura das instituições escolares, nas diferentes modalidades e nos diferentes níveis. Com isso, aparecem novos esquemas de enquadramento desse processo ou, pelo menos, velhos esquemas são repensados e antigas aspirações são revigoradas, com o que se procura criar as condições institucionais apropriadas para a sua aplicação e realização.<sup>31</sup>

As idéias de educadores como John Dewey, William James, Decroly, Kilpatrick e Claparède começam a ser trazidas por intelectuais brasileiros que haviam estado no exterior. Entre eles, Anísio Teixeira, que lá estivera no final da década, primeiramente como comissionado do governo baiano para observar a vida intelectual nos Estados Unidos, em 1927, e depois como aluno do *Teachers College* em Nova York, sendo aluno do próprio Dewey, em 1928. Temos ainda a chegada de professores europeus, sobretudo de alunos de Édouard Claparède, que criara o Instituto Jean-Jacques Rousseau em 1912. León Walther desembarcou no Brasil em 1928, a serviço do presidente de Minas Gerais, que pretendia *fundar uma escola normal superior, destinada à preparação dos futuros mestres e dirigentes educacionais em Belo Horizonte*.<sup>32</sup> Em abril de 1929, Helena Antipoff assinou no Consulado do Brasil, em Genebra, um contrato de dois anos com o governo de Minas Gerais, para ser professora de psicologia da Escola de Aperfeiçoamento para Professores em Minas Gerais. Chegou ao Brasil em 6 de agosto de 1929, sendo recebida no porto de Santos por Leon Walther e pelos professores brasileiros Lourenço Filho e Noemy da Silveira Rudolfer, e dias mais tarde, em Minas Gerais, pelo presidente do estado, Dr. Antônio Carlos de Andrada, e pelos senhores Francisco Campos e Mário Casassanta.

Dentro dessa nova fase de iniciativas na educação, foi criada a Associação Brasileira de Educação – ABE – em outubro de 1924, pelos intelectuais Heitor Lyra, Everardo Backeuser, Edgar Sússekind de Mendonça e Francisco Venâncio Filho. A principal meta dessa associação era, segundo seu Estatuto, *promover no Brasil a*

<sup>31</sup> NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. São Paulo: EPU, 1976, p. 100.

<sup>32</sup> ANTIPOFF, Daniel. *Helena Antipoff: sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975, p. 96.

*difusão e o aperfeiçoamento da educação em todos os ramos e cooperar em todas as iniciativas que tendam, direta ou indiretamente, a esse objetivo.*<sup>33</sup> A ABE congregou educadores de tendências pedagógicas divergentes, que se acirraram no decorrer do tempo. Foi responsável pela convocação de congressos ou conferências de educação, entre as quais a de Curitiba, em 1927, a de Belo Horizonte, em 1928, a de São Paulo, em 1929, a do Rio de Janeiro em 1931, a de Fortaleza em 1934 e a de 1935, realizada em Niterói, que encerrou o ciclo de debates promovido pela ABE desde o início dos anos 20.

Nesse processo desencadeado pelas novas idéias educacionais, temos a reforma empreendida por Antônio Sampaio Dória em São Paulo, de 1920 a 1925, que foi, segundo Fernando de Azevedo, *o primeiro sinal de alarma que nos colocou francamente no caminho da renovação escolar.*<sup>34</sup> Vieram a seguir as *grandes reformas*<sup>35</sup>, como as denomina Azevedo, quais sejam: as do Rio de Janeiro (1927-1930), de Minas Gerais (1927-1930), de São Paulo (1931-1932 e 1933), do Rio de Janeiro (1931-1935) e a de Pernambuco (1928-1930).

Cecília Meireles também vai se contaminar dessas novas idéias. Em sua tese *O Espírito Victorioso*, com a qual concorre à cadeira de Literatura Vernácula da Escola Normal do Distrito Federal em 1929, refere-se à escola moderna com a ênfase de uma entusiasta:

Todos os dias é tempo de se fazer o elogio da nova educação, ainda que sintamos passada a sua fase consagrativa, transformada no culto cada vez mais constante daqueles que realmente a tenham compreendido. Todos os dias brota espontaneamente do nosso entusiasmo esse elogio, pois à medida que caminhamos por estes novos campos é que sentimos como aqui se expande sinceramente a vida e cada elemento individual pode modelar com liberdade a sua forma de modo que, no milagre das realizações posteriores, esteja cada valor em seu lugar próprio e nenhum poder fique sem aproveitamento.<sup>36</sup>

---

<sup>33</sup> CARVALHO, M.M.C. de. *Molde Nacional e Fôrma Cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)*. Bragança Paulista: EDUSF, 1998, p. 54-55.

<sup>34</sup> AZEVEDO, F. *A Cultura Brasileira*. São Paulo: Melhoramento/EDUSP, 1971, p. 653.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 655.

<sup>36</sup> MEIRELES, Cecília. *O Espírito Victorioso*. Tese apresentada ao concurso da cadeira de Literatura da Escola Normal do Distrito Federal. Rio de Janeiro, 1929, p. 7.

Para a jovem professora, o mais curioso era a generalização que essas idéias novas tomaram, sua propagação ou o *aparecimento simultâneo sobre diversos pontos da terra, fazendo crer numa nivelção geral de desenvolvimento, entre povos das mais diversas origens e tradições*.<sup>37</sup>

O que a escola moderna pretende, acima de tudo, é restituir à criatura humana as suas primitivas qualidades de ânimo livre, de inteligência franca, de sentimento justo e de vontade equilibradora, reconquistando-lhe a independência de quaisquer preconceitos formados, e poupando-a de preconceitos novos, pelo estímulo da sua iniciativa de observar, do seu destemor de experimentar, da sua coragem de agir, uma vez desenvolvidas, prévia e sabiamente, todas as suas faculdades, num ambiente de iniciações favoráveis.<sup>38</sup>

Entusiasmo e boa fé de principiante. O concurso se transformou em verdadeiro campo de guerra entre aqueles que ainda eram defensores das idéias tradicionais e temiam o “novo”, que chegava para varrer a mesmice e o comodismo de práticas educativas centenárias. Em sua tese, Cecília reivindicava a transformação do antigo mestre. O novo professor precisava ter não apenas conhecimento, mas sensibilidade para os fenômenos da natureza humana. É importante que ele tivesse

(...) a capacidade de amar largamente o passado, sem se curvar a ele; de perceber o presente, tanto quanto é possível vê-lo de perto, sem o oferecer no entanto, como uma era definitiva; e, entre um e outro, ter essa alegria do futuro que se espera sempre como um bem maior.<sup>39</sup>

E mais adiante:

Um mestre que tenha provado o gosto da vida, intensamente; não que esteja existindo apenas, dentro da função de ensinar: um mestre que transmita dos discípulos não o sabor que os seus lábios sentiram, mas o desejo comovido e elevado de tocar também com a sua boca essa estranha bebida e distinguir-lhe o duplo ressaio de eternidade e impermanência.<sup>40</sup>

---

<sup>37</sup> *Ibidem*, p. 8.

<sup>38</sup> *Ibidem*, p. 14.

<sup>39</sup> *Ibidem*, p. 18.

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 19.

E como conseguir que o mestre alcançasse todas essas prerrogativas? Somente através do conhecimento, da Sociologia, da História da Educação e da Psicologia, que abria *um mundo novo e complexo aos olhos de quem pode ver na criança o mecanismo admirável que a ciência descobriu que é.*<sup>41</sup>

Pela História da Educação, viajando pelos caminhos pedagógicos do passado, colhendo em cada um o sentido contido na expressão de cada método, de cada educador, de cada êxito, e de cada fracasso, também, haverá, sem dúvida, oportunidade para analisar a marcha das fórmulas experimentadas na solução do problema humano, e para se chegar à compreensão desse problema, principalmente.<sup>42</sup>

No preâmbulo de sua tese, Cecília não só defende como também atesta a sua importância: a Educação é a nova ciência que virá transpor o passado e inaugurar um tempo em que a compreensão entre os homens seja uma realidade. O futuro deve conhecer uma prática nova, em que os formalismos teóricos, inaproveitáveis, rotineiros da escola tradicionalista sejam esquecidos.

O que a escola moderna pretende, acima de tudo, é restituir à criatura humana as suas primitivas qualidades de ânimo livre, de inteligência franca, de sentimento justo e de vontade equilibradora, reconquistando-lhe a independência de quaisquer preconceitos formados, e poupando-a a preconceitos novos, pelo estímulo da sua iniciativa de observar, do seu destemor de experimentar, da sua coragem de agir, uma vez desenvolvidas, prévia e sabiamente, todas as suas faculdades, num ambiente de iniciações favoráveis.<sup>43</sup>

Todas essas impressões, tão modernas quanto singulares, não foram suficientes para quebrar o monopólio da tradição que se instalara monoliticamente entre os educadores responsáveis pelo julgamento do seu trabalho. Dos oito concorrentes à vaga de professor, três foram reprovados na prova de defesa de tese. Outros três desistiram em virtude da insuficiência alcançada nas notas. Restavam apenas Cecília e o professor catedrático do Colégio Pedro II, o Dr. Clóvis do Rego Monteiro. Este defendia a concepção pedagógica clássica-erudita, enquanto Cecília defendia a concepção moderna de educação. Foi feita a opção pela tese

---

<sup>41</sup> *Ibidem*, p. 21.

<sup>42</sup> *Ibidem*, p. 21.

<sup>43</sup> *Ibidem*, p. 14.



defendida por Clóvis Monteiro. Cecília ficou em segundo lugar. Mais tarde, na sua coluna do *Diário de Notícias*<sup>44</sup>, ela viria registrar o conservadorismo da banca examinadora que, apesar de localizada numa tão *suntuosa edificação*, tinha no seu interior *todos os adversários da Escola Nova*. Para Cecília, o concurso colocou em má situação a reforma pelo conservadorismo de seu corpo docente, que preteriu as idéias novas, defendidas também por Fernando de Azevedo, em benefício das concepções de um técnico da educação que nada mais fez que confirmar sua ignorância (e também a da banca examinadora) em relação à *pedagogia de qualquer espécie*. Quanto ao fato de estarem presentes na banca examinadora educadores representantes da Igreja, ela assim se manifesta:

Os representantes da Igreja, que dela fazem parte, não puderam jamais, pela própria dignidade do seu cargo, deixar a batina à porta, como já se disse. Está no seu interesse e na sua obrigação religiosa defender o seu credo. E na sua opinião, fazem de certo muitíssimo bem. Mas a opinião dos educadores é outra. E essa é que tem que ser respeitada, porque a Escola Normal é um instituto pedagógico e não um seminário.<sup>45</sup>

Cecília Meireles acusou os componentes católicos que se encontravam na banca examinadora de não entenderem nada de pedagogia. Para ela, eles sequer eram educadores. Estava comprada sua primeira briga com os católicos, que viria a se acirrar mais tarde na questão do ensino religioso.

---

<sup>44</sup> MEIRELES, C. A futura Escola Normal. *Diário de Notícias*: Rio de Janeiro, 21/09/30.

<sup>45</sup> *Ibidem*.

“A cana agreste ou a harpa de ouro...”<sup>46</sup>

“Talvez a ciência pedagógica não diga tudo,  
se não for animada por um sopro sentimental, que a aproxime  
do lirismo da vida quando apenas começa,  
desse lirismo que os homens, com o correr do tempo,  
ou perdem, ou escondem, cautelosos e envergonhados,  
como se o nosso destino não fosse o sermos humanos,  
mas práticos.”

Cecília Meireles

Impossível criticar ou definir as obras de arte, pois certamente os foram, não só as suas crônicas e poemas, mas também os *Comentários* que Cecília Meireles escreveu no *Diário de Notícias* entre 1930 e 1933.

Para penetrar uma obra de arte, nada pior do que as palavras da crítica, que somente levam a mal-entendidos mais ou menos felizes. Nem tudo se pode saber ou dizer, como nos querem fazer acreditar. Quase tudo o que sucede é inexprimível e decorre num espaço que a palavra jamais alcançou. E nada mais difícil de definir do que as obras de arte, – seres misteriosos cuja vida imperecível acompanha nossa vida efêmera.<sup>47</sup>

No início dos anos 30 vamos encontrá-la envolvida não somente com poesia e educação. Nesse momento se abre uma nova frente de interesse – o jornalismo. Cecília é chamada para dirigir uma página diária no jornal *Diário de Notícias*, fundado em 12 de junho pelos jornalistas Orlando Dantas, Nóbrega da Cunha e Alberto Figueiredo Pimentel. O *Diário de Notícias*, juntamente com outros jornais da época – *Correio da Manhã*, *Diários Associados*, *O Combate* e *A Batalha* – apoiava sem restrições a Aliança Liberal de Getúlio Vargas. Fernando de Azevedo, em *A Cultura Brasileira*, assim se refere ao trabalho desses jornalistas:

Elementos de vanguarda tomavam posições na imprensa do país, e especialmente no Rio de Janeiro onde, no *Diário de Notícias*, de 1931 a 1934, Cecília Meireles, com suas crônicas finas e mordazes, e Nóbrega da Cunha, com sua atividade sutil e de grande poder de penetração, Azevedo Amaral, em *O Jornal*, com sua dialética persuasiva a serviço de um pensador robusto, e, mais

<sup>46</sup> MEIRELES, C. “Instrumento”. Mar Absoluto. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958, p. 330.

<sup>47</sup> RILKE, R. M. *Cartas a um jovem poeta*. S/I: Livraria Exposição do Livro, s/d. p. 13-14.

tarde, J. G. Frota Pessoa, que desde 1933 fez de sua coluna no Jornal do Brasil uma trincheira de combate, pela sua lucidez implacável e pela segurança de seus golpes, traziam novos estímulos e acentos novos a essa campanha, cujo conteúdo não se esgotava sobre o plano cultural, e ao longo de cujo desenvolvimento vibravam com uma força sustentada um espírito moderno e um sentimento profundamente humano.<sup>48</sup>

Composto de várias seções – política nacional e internacional, economia, esportes, assuntos femininos e culturais –, o *Diário de Notícias* foi o primeiro jornal do país a se interessar pela educação, tendo uma página totalmente dedicada ao tema. A *Página de Educação* era diária e trazia três matérias jornalísticas principais, além de uma coluna denominada *Comentário*. O início da *Página* coincide com o dia da fundação do jornal. Até agosto de 1930, a coluna não era assinada por Cecília Meireles, e somente mais tarde traria suas iniciais. A *Página de Educação* contava com colaboradores como Frota Pessoa, que havia ocupado o cargo de Secretário Geral da Diretoria de Instrução Pública (1926-1930), Carlos Lacerda, então jovem jornalista, o professor de Desenho da Escola Normal de Santiago do Chile (o uruguaio Gerardo Seguel), e mais esporadicamente, com outros educadores como Attilio Vivacqua, Secretário de Instrução do Espírito Santo, Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, que vieram a assinar mais tarde alguns artigos. A *Página de Educação* foi uma verdadeira trincheira, de onde Cecília dialogava com os educadores sobre as questões fundamentais da educação brasileira, e de onde combatia pela educação, contra o obscurantismo dos opositores dessas novas idéias. Todas as questões eram dissecadas pela sua pena, talvez utópica, mas lúcida e corajosa.

Em seus três anos de existência, a *Página de Educação* passaria por modificações substanciais. No primeiro ano, Cecília tratou de afirmar suas posições ideológicas e filosóficas, preocupando-se em difundir o ideário da Escola Nova e marcar a posição dos principais reformadores do momento. Escrevia sobre questões fundamentais como arte, feminismo, fraternidade universal, revolução, nacionalismo, leitura, livros e literatura infantil. Ressaltava, entre outras coisas, o

---

<sup>48</sup> AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira*. São Paulo: Melhoramento/EDSUP, 1971, p. 681. (Aqui temos um pequeno engano de Fernando de Azevedo. Na verdade, Cecília Meireles permaneceu no *Diário de Notícias* até 12 de janeiro de 1933 e não 1934 como o autor afirma).

estado de abandono em que se encontravam as escolas do Distrito Federal, e a necessidade de intervenção imediata para alterar esse quadro.

Cecília, como outros intelectuais e grande parte da classe média, viu com esperança a vitória da Revolução, em 3 de outubro de 1930. Ela acreditava que, uma vez instaurada a Revolução, algumas das reformas propostas por educadores como Fernando de Azevedo fossem atendidas pelos políticos revolucionários. Suas crônicas de 1930 são profundamente otimistas em relação à Revolução. *Nela encontramos todas as qualidades de coragem superior, iniciativa, justiça, pureza, desinteresse e fraternidade que são os pontos essenciais de qualquer plano de educação.*<sup>49</sup> E ainda:

A Revolução de outubro surdindo com a explosão de inquietudes, desassossegos, aspirações e desesperos acumulados desde muito tempo, e tendo a formidável repercussão que teve em toda parte da alma nacional que não estava, propriamente, em atividade, nesse movimento, recebendo-o quase como uma surpresa feliz, significa estarmos, realmente, preparados para uma transformação radical de toda a nossa vida, pois as alterações políticas não são fenômenos limitados a certos personagens e certos cargos: representam, pelo contrário, a síntese das possibilidades coletivas.

Mais de uma vez temos chamado a atenção dos educadores para essa formidável esperança, embora sabendo que a muitos deles causará estranheza tamanho interesse por assunto que talvez lhes possa parecer alheio as suas cogitações.<sup>50</sup>

Aparecem no decorrer do período outros *Comentários* que privilegiam a Revolução, tida como *obra redentora, pórtico para uma idade nova, anúncio do que virá*. Em *Responsabilidade da Revolução*, ela parece antever o que de fato ocorreria a seguir. Chama a atenção para o fato de que o governo deve estar atento para distinguir os *elementos esclarecidos, competentes e empenhados* dos que vão aparecer pedindo ou insinuando retrocesso à obra da educação, que são nada mais, nada menos que

Os de alma legalista, são os inimigos disfarçados da Revolução são os que desejam seu fracasso futuro, cortando, por uma das penas arbitrarias, as

---

<sup>49</sup> *Ibidem*.

<sup>50</sup> MEIRELES, C. Sinal dos Tempos. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 14/11/1930.

possibilidades de evolução que o Brasil possa ter, através da obra educacional adequada aos tempos modernos.<sup>51</sup>

Para Cecília, havia que se saber distinguir os raros elementos existentes dos demais, para que a Revolução não incorresse no equívoco de ser *interpretada nas fórmulas do governo extinto*. Assim, devia-se saber fazer a distinção entre *revolucionários e revolucionários*. Uns que o eram por contingência do momento e os outros, autênticos, completos, transformados, *ou por temperamento ou por educação*, os que tinham ideologia, que faltava aos pseudo-revolucionários. Os grandes revolucionários, os verdadeiros, não necessitavam ser pedagogos por obrigação, porém deveriam estar atentos para seus melhores colaboradores, que eram *essas centenas de professores modernos*.<sup>52</sup>

Chamava a atenção do governo para o seu problema maior, o da educação, e recomendava:

Agora se espera que o governo oriente nesse sentido todos os seus atos, que imprima a cada questão um caráter capaz de provar que não a vê isoladamente, mas como parte de um sistema geral, e que nesse sistema não gira em torno de nomes políticos nem de classes sociais: que é integral, que é vivo e completo como um organismo, que adere a todas as coisas, que está impregnado nelas, que é seu ritmo consciente, a sua força de desenvolvimento, o seu processo natural de expansão favorecido pela clarividência das "idéias novas" – que são, afinal de contas as aspirações espontâneas de uma época... apenas.<sup>53</sup>

Entretanto, recomendações como essas foram relegadas ao descaso. Ao compor seu programa educacional, Vargas fez valer os acordos políticos com o grupo mineiro e escolheu Francisco Campos para ocupar o cargo de Ministro da Educação, no recém-criado Ministério da Educação e Saúde Pública. Campos assumiu o ministério em 18 de novembro de 1930, tendo afirmado que a Revolução havia sido feita para "libertar" os brasileiros. Com a reforma Francisco Campos, foi criado o Conselho Nacional de Educação, pelo Decreto nº 19.850 de 11 de abril de 1931, órgão destinado a assessorar o ministro na administração e direção da educação nacional. Outros decretos dispunham sobre a organização do ensino

<sup>51</sup> MEIRELES, C. Responsabilidade da Revolução. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 27/11/1930.

<sup>52</sup> MEIRELES, C. Um dos resultados da Revolução. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 03/12/1930.

<sup>53</sup> MEIRELES, C. O Programa Educacional. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 17/12/1930.

superior e a adoção do regime universitário, do ensino secundário e do ensino comercial. Estas foram diretrizes que trouxeram inovações ao sistema educacional, sobretudo pelo fato de procurar uma organização inexistente até então. Porém, deve-se salientar que a reforma não se preocupou com os ensinamentos fundamental, normal e profissional (exceto o comercial). Não procurou articular os vários graus do ensino médio, nem cuidou de organizar o ensino industrial, numa época em que a indústria se encontrava em franca expansão. Uma das medidas tomadas por Francisco Campos entrou em choque frontal com as concepções dos renovadores – a instituição do ensino religioso facultativo nas escolas públicas. Cecília, bem como outros educadores, não admitia tal medida e entrou em campo para o combate. Sua arma foi a *Página de Educação*, que ganharia contornos mais políticos a partir de 1931.

Mas o Sr. Francisco Campos parece que resolveu dar cada dia prova mais convincente de que não entende mesmo nada, absolutamente, de pedagogia. Que a sua pedagogia é uma *pedagogia de ministro*, isto é, *politicagem*...

E assim, antes que aqui tivéssemos estudado o caso das reformas, deixou desabar do seu ministério para as mãos do Sr. Getúlio Vargas um decreto tornando obrigatório o ensino religioso nas escolas.

Ora, a educação, no nosso tempo, é uma fórmula de levar as criaturas à liberdade pelo desenvolvimento de todas as suas aptidões; a verificação de todas as experiências humanas passadas e presentes, orientadas por um superior critério de responsabilidade. Daí, todas as obrigatoriedades atentarem contra o espírito da escola nova, que é apenas um aspecto da vida no século que atravessamos.

Sob pena de sermos retrógrados, temos de estar de acordo com o tempo. Sob pena de sermos tiranos, temos que nos submeter à sua ética.

O Sr. Francisco Campos acaba de demonstrar que não sabia dessas coisas absolutamente vulgares na pedagogia corrente.

Qualquer professorinha sabe que religião é uma coisa e educação é outra. Educação é um problema de liberdade, preparo do homem para se orientar por si. Religião é catequese: subordinação do homem ao interesse de uma seita, ou de um indivíduo, nem sequer de Deus.

Que pensará de semelhante coisa o Sr. Getúlio Vargas, que quis ter os destinos do Brasil na sua mão, prometendo-lhe um futuro senão melhor, pelo menos mais democrático, mais livre?<sup>54</sup>

A Constituição de 1891 havia estabelecido em seu artigo 72, parágrafo 6, que seria *leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos públicos*. Essa questão do ensino religioso poderia ter sido considerada de menor importância, mas a polêmica que causou fez com que o problema evoluísse e se transformasse no "pomo da discórdia", causando inclusive a ruptura dos educadores em duas facções: os renovadores, aqueles que defendiam uma escola laica, gratuita e obrigatória, e os católicos, que combatiam essas proposições.

Todo o mundo concorda: menos os católicos. E começam a levantar a suspeita (...) de que a escola leiga é uma coisa monstruosa; que é uma escola sem moral, sem Deus, sem Cristo, que é a perversão da infância e a desgraça da sociedade; o desmoralamento nacional e a condenação da humanidade para todo o sempre.<sup>55</sup>

O ensino religioso foi matéria constante, a partir desse momento, na Página de Educação. São *Comentários* dessa época *Pedagogia de Ministro, Como se originam as guerras religiosas, Questão de liberdade, Perguntas para o ar, Legiões e religiões, Um problema insolúvel, Leigo e religioso e Libertação*, entre outros. Em *Como se originam as guerras religiosas*, Cecília chega a exagerar quando afirma que o ensino religioso, de tão antipedagógico e nefasto, pode até ser causa de guerras religiosas. Exageros à parte, ela esperava uma reforma de *finalidades, de ideologia, de democratização máxima do ensino, da escola única – todas essas coisas que a gente precisa conhecer, antes de ser ministro da Educação...*<sup>56</sup> O decreto do ensino religioso ia contra todos esses princípios. Cecília atentava para o disparate de tal medida numa época em que os conhecimentos científicos, principalmente a psicologia, já estavam bastante desenvolvidos, sendo impossível conciliar a *escola científica com histórias religiosas antipedagógicas*.<sup>57</sup> Francisco Campos, como ministro da Educação, rejeitou a política de neutralidade escolar,

---

<sup>54</sup> MEIRELES, C. Pedagogia de Ministro. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 30/04/1930.

<sup>55</sup> MEIRELES, C. Leigo e religioso. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 06/02/1932.

<sup>56</sup> MEIRELES, C. Questão de liberdade. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 06/05/1931.

<sup>57</sup> MEIRELES, C. O ensino religioso nas escolas. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 10/05/1931.

consagrada pela Constituição de 1891, e fez valer as reivindicações católicas e sua política escolar.

Mas, agora, o Sr. Getúlio Vargas fica em situação muito delicada. Delicadíssima. Porque foi ele que assegurou sempre ao povo que o ensino religioso não viria favorecer nenhuma religião especial. Ora, se a Legião *reafirma*<sup>58</sup> os seus compromissos com a Igreja Católica... E se o Sr. ditador disse que ia governar com as legiões...

Assim se desilude um povo. E não há nada mais grave que um povo desiludido.<sup>59</sup>

Completamente descontente e descrente com os rumos que a Revolução tomava, começou a se referir ao presidente Getúlio Vargas como o Sr. ditador, em letras minúsculas. Estão longe os elogios à Revolução e a crença depositada numa mudança efetiva na realidade do país. Se o ministro Campos havia se esquecido da educação e se tornado apenas ministro da Saúde, se havia se esquecido de ser ministro e se tornado apenas um legionário romano, numa alusão bem-humorada e mordaz à Legião de Outubro, uma vez que rompera definitivamente com as antigas intenções, o governo tinha a responsabilidade de se interessar pela educação primária, pela Reforma, que a resistência provava ser excelente, pois nem os atos atabalhoados do ministro conseguiam estragá-la.

O regime atual, que tanto tem invocado a Liberdade como sua padroeira, nos coloca nas velhas situações de rotina, de cativo e de atraso que aos olhos atônitos do mundo proclamarão, só por si, o formidável fracasso da nossa malograda revolução.<sup>60</sup>

Até então, a Igreja havia se mantido em atitude de expectativa quanto à onda de reformas. A partir do momento em que foram desfechados os primeiros ataques contra o ensino religioso, a Igreja promoveu o primeiro Congresso Católico de Educação do *Centro D. Vital* de São Paulo e fez publicar uma série de artigos de autores católicos, como Pe. Leonel Franca e Tristão de Ataíde<sup>61</sup>, chamando a atenção para o fato de a família ser depositária do direito e do dever de escolher a educação dos filhos, cabendo a ela eleger a que melhor lhe conviesse, isto é, à

---

<sup>58</sup> Grifo da autora.

<sup>59</sup> MEIRELES, C. Legiões e religiões. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 03/07/1931.

<sup>60</sup> MEIRELES, C. Questão de liberdade. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 06/05/1931.

<sup>61</sup> Pseudônimo de Alceu Amoroso Lima.



família deveria ser dado o direito de ter na escola o prolongamento da educação religiosa do lar.

Depois, a corrente a que pertence o Sr. Tristão de Ataíde age com esse delírio dos fracassados, que, na loucura da salvação, não podem distinguir mais a natureza dos seus próprios argumentos. (...) E quando, na sua desventura idealista, esses homens embalam também um número respeitável de ambições e interesses de ordem mística, mas a que a sutileza psicológica sabe dar aqueles disfarces com que até os sonhos nos procuram, às vezes enganar?

Em todo caso, eu creio – e antes andasse enganada – que esses cronistas nos vão dar muito trabalho. Primeiro, porque não é fácil, nem agradável, nem prático discutir com enfermos. E eles o são – e quase todos incuráveis. Chega mesmo a ser desumano. Mas, por outro lado, acontece serem enfermos originais, faladores, iluminados, que se dizem amigos íntimos de Deus, e, como quase todos os amigos íntimos, começam por deixar na gente uma desconfiança muito grave sobre a sua amizade...<sup>62</sup>

A discordância em torno da questão religiosa desencadeou protestos tão veementes entre os educadores que participavam da IV Conferência Nacional de Educação (reunida de 13 a 20 de dezembro de 1931 e promovida pela Associação Brasileira de Educação no Rio de Janeiro), que não foi possível estabelecer um consenso. O governo havia solicitado a elaboração de diretrizes para uma política nacional de educação. Porém, a polêmica desencadeada provocou uma retirada em massa dos educadores católicos da ABE, permanecendo apenas aqueles que se alinhavam aos preceitos escolanovistas. Para atender à solicitação do governo, os reformadores que continuaram na associação resolveram se pronunciar através de um *Manifesto ao Povo e ao Governo*, fixando dessa maneira o sentido de suas principais reivindicações. Elaborado por Fernando de Azevedo e publicado em 1932, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova procurou estabelecer a relação que deveria existir entre educação e progresso. Apresentava uma concepção avançada a respeito da educação e uma direção ao movimento renovador, opondo-se francamente ao empirismo das reformas empreendidas nos estados. Consagrava o método científico aplicado ao enfrentamento dos problemas

---

<sup>62</sup> MEIRELES, C. *Carta a Fernando de Azevedo*. Rio de Janeiro, 23/05/1932. FA - Cp, Cx. 21, 66/1. IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros).

educacionais e reivindicava uma ação mais objetiva por parte do Estado, que deveria proporcionar a todos uma escola pública, laica, gratuita, obrigatória, contestando a educação como privilégio de classe. Apesar disso, pecava em alguns aspectos por seus conceitos um tanto quanto idealistas, aproximando-se de uma concepção mais romântica que real da educação. O *Manifesto* foi assinado por 26 educadores, como por exemplo Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Afrânio Peixoto, Roquette Pinto, Francisco Venâncio Filho e Edgar Sússekind de Mendonça, além de três mulheres, Noemy da Silveira, Armanda Álvaro Alberto e Cecília Meireles. O surgimento do *Manifesto* trouxe um novo alento num período minado por tanta descrença.

O valor dos manifestos não está apenas nas idéias que apresentam. Somos, em geral, gente rica de idéias, com sutilezas de engenho que causariam admiração a uma boa parte do mundo se a língua portuguesa não tivesse ainda limites tão injustos de expansão. Se não temos o pensamento elaborado e sistematizado de outros povos, possuímos alguma coisa igualmente preciosa: o poder do pensamento nascente, que se vai levantando das energias profundas da raça para a luta das experiências que lhe irão traçando no tempo os caminhos de sua definitiva realização.<sup>63</sup>

Um manifesto contendo tão admiráveis conceitos podia não ter, na verdade, um valor preciso e certo: ele dependia dos que o subscreviam, das personalidades que por ele se responsabilizavam, das vidas postas a seu serviço, *com o contingente de sinceridade que todos devem possuir seja qual for a natureza de contribuição que apresentem.*<sup>64</sup> Cecília parecia querer recuperar a crença na capacidade dos educadores escolanovistas de fazer valer seus ideais em prol da construção de uma educação mais justa e igualitária para todos. No entanto, em carta a Fernando de Azevedo, ela parecia ter dúvidas a esse respeito.

Ando meio triste com essas coisas. O grupo do Manifesto, se quisesse, podia ser uma força invencível. Quererá? Vencer é também obra de paciência e disciplina. Uma bela idéia arde nos ares como as girândolas. Precisamos de um fogo contínuo. Desse fogo humilde mas sustentado com que se espantam as feras e com que se mantêm os lares. De um fogo que canse, que às vezes chegue a dar

---

<sup>63</sup> MEIRELES, C. O valor dos manifestos. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 19/03/1932.

<sup>64</sup> *Ibidem*.

tédio – mas que seja a nossa vigilância, que exprima a nossa solidariedade, a reunião dos nossos esforços, a fórmula do nosso pensamento comum.

Quando penso no grupo do Manifesto, imagino muitas vitórias a ganhar. Mas esta dissolução em que vejo caírem todos os grupos e partidos, esta ausência de continuidade nas iniciativas, esta desagregação dos elementos que uma única intenção reuniu e que se deviam manter fiéis até o fim – tudo isso me desilude e impressiona. Não sei como se possa viver sem um sonho grande, e sem a disposição heróica de o servir. Não sei como se possa ser criatura humana sem uma aspiração para feitos maiores, e o gosto de aventura do espírito, e essa tentação do perigo – em que a gente se experimenta, pela inquietação de ganhar, ainda que, certamente, com a possibilidade também de perder. Faz-me mal ver a vida sem brilho, sem esperanças, sem glórias e sem desastres... Pensar que houve uma Revolução e continuamos assim...<sup>65</sup>

Em seu *Comentário* de meses antes afirmara que esse grupo era o mais preparado em talento, especialização técnica, inteligência e prestígio para levar adiante *a obra da educação* de que o país necessitava naquele momento. Eram elementos, além do mais, possuidores de dons de várias espécies no pensamento e na ação, de responsabilidade, de invulnerabilidade, de lucidez e de fé. Afirmava que não sentia nenhum constrangimento escrevendo sobre as qualidades dos signatários do manifesto, porque logo se poderia ver que quando se referia a mérito e grandeza, era dos outros que estava falando. Por ela, só tinha, *sem discussão, a consciência da responsabilidade, o desejo da ação e uma confiança perfeita no poder da vontade desinteressada*.<sup>66</sup> Os signatários não foram vencidos apenas pela Igreja Católica e pelos seus articulistas. A estes se somaram fatores políticos e econômicos. A escola pública e gratuita representava um perigo concreto, não apenas pelo perigo de esvaziamento das escolas privadas. O risco maior era que as elites viam a extensão de educação escolarizada a todas as camadas como ameaça para os privilégios concedidos somente a ela até então. A Igreja Católica, no intuito de conservar seus próprios privilégios, posicionou-se contra as reivindicações do movimento renovador, tomou o partido da velha ordem e, com isso, da educação tradicional.

---

<sup>65</sup> MEIRELES, C. *Carta a Fernando de Azevedo*. Rio de Janeiro, 23/05/32. FA - Cp, Cx. 21, 66/1. IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros).

<sup>66</sup> MEIRELES, C. O valor dos manifestos. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 19/03/1932.

Em 12 de janeiro de 1933, Cecília encerrou suas atividades no jornal, depois de ter escrito cerca de 960 artigos, por sentir *um grande cansaço e um desencanto com as manobras políticas do governo*. Não se pode afirmar, no entanto, que tal fato se deveu a represálias de seus principais desafetos. Ela se despede em seu último *Comentário* afirmando que a *Página* havia sido um espaço de sonho, mas de um *sonho obstinado, intransigente, inflexível*, que ela procurou tornar real na busca da construção de um mundo melhor. Entretanto, no tempo em que esteve na *Página*, não havia apenas sonhado. Ao longo desses três anos, muito havia sido realizado, pois muitos haviam ouvido o que ela havia se proposto a falar. Esperava deixar em cada *ouvinte a esperança de uma colaboração* que continuasse, que este pudesse lhe suceder em outras frentes de atuação trazendo a colaboração que o Brasil precisava para se conhecer e se definir.

Pode cessar o trabalho, pode o trabalhador desaparecer, para não mais ser visto ou para reaparecer mais adiante; mas a energia que tudo isso equilibrava, essa permanece viva, e só espera que a sintam, para de novo modelar sua plenitude.<sup>67</sup>

Cecília também coordenou a *Página das Crianças*, que surgiu no segundo domingo de circulação do jornal *Diário de Notícias* e circulou de 22 de junho a 31 de agosto de 1930, num total de onze números. Essa página infanto-juvenil contava com a presença de Correia Dias, que colaborava tanto com desenhos, que acompanhavam os vários textos, como com artigos que ensinavam a confeccionar brinquedos de armar e utilidades. Essa página continha textos variados: fábulas, quadrinhas, trovas, poemas, contos de fadas, folclore, pensamentos, adivinhações e curiosidades. Era comum a publicação de extratos da obra de autores renomados como José de Alencar, Visconde de Taunay, Euclides da Cunha e Tolstói, bem como alguns textos da autoria de Cecília, denotando a preocupação que a organizadora da página tinha em fazer chegar até seus leitores-mirins obras de qualidade, que suscitassem o gosto pela leitura. A cada trecho publicado, Cecília se preocupava em trazer uma apresentação do autor e a tecer alguns comentários que julgava pertinentes sobre a obra, de forma afetiva e informativa, objetivando conquistar a atenção do leitor.

---

<sup>67</sup> MEIRELES, C. Despedida. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 12/01/1933.

Como educadora, jornalista e poetisa, Cecília colaborou em quase todos os jornais e revistas do Rio. Seu envolvimento com a atividade jornalística no *Diário de Notícias* lhe renderia outros convites. Em carta a Fernando de Azevedo, em 15 de novembro de 1933, ela comunicava ao amigo que acabara de ser convidada para escrever um suplemento no jornal *A Nação*, *apesar das minhas resoluções de ser árvore e do meu confessado horror pelo jornalismo*. Trataria de escrever *impressões rápidas sobre os acontecimentos semanais – menos política*,<sup>68</sup> *disseram-me*. Essa coluna, diria, *pode ser uma forma de continuar a brincar com a vida, que é todo o meu programa atual*.<sup>69</sup> Em 1940 foi designada pelo jornal *Diário de Notícias*, como repórter, para cobrir a Semana Santa em Ouro Preto, de onde lhe veio inspiração para publicar, 15 anos mais tarde, o *Romanceiro da Inconfidência*. Também atuou como redatora no jornal *A Manhã* desde sua fundação, escrevendo 259 artigos entre 31 de janeiro de 1942 e 28 de agosto de 1943, numa coluna intitulada *Professores e Estudantes*. Nesta, tratava de assuntos ligados à educação e ao folclore. A coluna traria ainda uma novidade: a preocupação de resgatar as cantigas de roda e de ninar, os jogos infantis de diversas regiões brasileiras, bem como de trazer para os jovens leitores expressões folclóricas de diversas culturas, principalmente da América Latina. Seu trabalho de pesquisa também procurou resgatar a obra da professora Alexina de Magalhães Pinto, educadora responsável pela compilação de diversas obras de cultura infantil e popular. Em 1953 voltou ao *Diário de Notícias*, no qual ficou até 1959, colaborando no suplemento literário. Escreveu ainda no *Correio Paulistano* e na *Folha Carioca*. Sobre sua atividade jornalística diria, em entrevista concedida a Solêna Benevides Vianna:

A minha atividade na imprensa é muito antiga e em vários setores. Reputo a mais importante que exerci entre os anos de 1930 e 34, no "Diário de Notícias" e depois em "A Nação", porque aí tive ocasião de servir às idéias de melhoramento do homem brasileiro pela compreensão mais séria da educação, atendendo a todos os problemas que o afligem, com as soluções que um plano geral de educação, devidamente orientado, comporta. Naquele tempo, chegou-se a pensar com entusiasmo nessas coisas. Acreditei tanto numa possibilidade generosa e sincera

---

<sup>68</sup> Grifo da autora.

<sup>69</sup> MEIRELES, C. *Carta a Fernando de Azevedo*. Rio de Janeiro, 15/11/33. FA - Cp, Cx. 21, 69. IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros).

de educar para a vida, para o trabalho, para uma felicidade humana maior que me dediquei completamente a propagar o que pensavam e desejavam (e até certo ponto tentaram fazer) os que, por essa ocasião se ocupavam do assunto. Apesar de muitas desilusões continuo a acreditar nisso.<sup>70</sup>

---

<sup>70</sup> VIANNA, S. B. *Cecília Meireles fala de sua vida literária*. Artigo sem referências. Faz parte da pasta de recortes da Coleção Plínio Doyle e do acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa.

*“Minhas mãos ainda estão molhadas do azul das ondas entreabertas...”*<sup>71</sup>

*“E aquilo que nesse momento se revelará aos povos  
Surpreenderá a todos não por ser exótico  
Mas pelo fato de sempre ter estado oculto quando terá sido óbvio”.*

Caetano Veloso

O primeiro impulso para a modernização do país e a transformação da sociedade brasileira já havia se realizado nos últimos anos do império. Verificou-se um incipiente desenvolvimento com a expansão dos serviços urbanos (com a criação das redes telegráficas, ferrovias, instalações portuárias), com um pequeno crescimento industrial e com a intensificação do contato com o exterior, sobretudo com a Europa. Estas e outras alterações no quadro político e social, como a abolição da escravidão e o manifesto liberal de 1868, foram suficientes para provocar uma reviravolta nos costumes e aspirações da classe dominante nos últimos anos do Império. A crença na educação como redentora começava a se difundir nos meios intelectuais: a salvação do Brasil adviria da expansão de sua rede escolar.

Da discussão para a ação, tivemos a reforma Leôncio de Carvalho, em 19 de abril de 1879, *a de mais alto interesse científico, entre todas as que se empreenderam no século XIX*<sup>72</sup>, que apesar de não ter tido suas proposições aprovadas pelo Legislativo, ainda assim se difundiu. Essa reforma pretendia inovações, como por exemplo: a liberdade de ensino, que garantisse ao cidadão capacitado o direito de utilizar-se do método de ensino mais adequado; remuneração e garantias profissionais oferecidas pelo Estado para o exercício do magistério; e liberdade de freqüência para que os alunos escolhessem a escola que melhor atendesse às suas necessidades. Uma segunda reforma, de 17 de fevereiro de 1854, foi organizada por Luís Pedreira Couto Ferraz, o Visconde de Bom Retiro. Esta previa medidas reguladoras para o ensino primário e secundário na corte e dava nova estrutura ao Colégio Pedro II e ao ensino superior do Império. Segundo Fernando de Azevedo, essas duas reformas foram suficientes apenas para conservar e aperfeiçoar as instituições fundadas por D. João VI e as criadas no Primeiro

<sup>71</sup> MEIRELES, C. “Canção”. Viagem. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958.

<sup>72</sup> AZEVEDO, F. *A cultura brasileira*. São Paulo: Melhoramentos/EDUSP, 1971, p. 606.

Império.<sup>73</sup> Outra iniciativa do período, o projeto de reforma do Conselheiro Rodolfo Dantas, teve Rui Barbosa como relator da comissão instituída para sua avaliação, em 12 de setembro de 1882. Esse parecer, apesar de ter sido considerado um primor de erudição, não se ajustava à realidade brasileira, sendo *um plano ideal e teórico*, em que se coordenavam, *por uma espécie de ecletismo, elementos e instituições discordantes, inspirados nos meios sociais mais diversos, como a Inglaterra, a Alemanha e os Estados Unidos.*<sup>74</sup> Além dessas providências, o próprio imperador se pronunciou a favor de medidas urgentes para a difusão da educação, solicitando, em sua *Fala do Trono*, a criação de um ministério que cuidasse da instrução pública, propondo a fundação de escolas técnicas, de duas universidades e de faculdades de ciências e letras.

O tão recomendado ministério só foi instituído com a proclamação da República, em 1889. Denominado Ministério da Instrução, Correios e Telégrafos, foi criado em 19 de abril de 1890 e confiado a Benjamim Constant. Para Azevedo, foi uma *criação esdrúxula*, pois trazia em sua organização, *numa mesma pasta, um corpo de serviços públicos, (...) diferentes e disparatados.*<sup>75</sup> Com efeito, a conciliação de tão amplas atribuições parece não ter surtido o efeito esperado, tanto assim que em 26 de dezembro de 1892 deixou de existir, sendo a instrução transferida para a pasta do Interior e Justiça. Benjamim Constant conseguiu empreender *a reforma de toda a instrução pública, desde a primária e secundária do Distrito Federal, até o ensino superior, artístico e técnico, em todo o território do país.*<sup>76</sup> Influenciada pelo positivismo, a reforma tinha como princípios a liberdade, a gratuidade e laicidade do ensino primário. Entre outras medidas, destacou-se a criação do *Pedagogium*, inspirado no *Musée Pédagogique* de Paris e no *Bureau of Education* de Washington, destinado a *servir de centro impulsor das reformas e melhoramentos de que carecia a instrução nacional, e de centralizador de quanto pelo Brasil se fizesse em matéria de ensino público.*<sup>77</sup> A Reforma Rivadávia Correia, de 1911, também de cunho positivista, ampliou a *aplicação do princípio de liberdade espiritual ao pregar a liberdade de ensino e de freqüência, abolindo o diploma em*

---

<sup>73</sup> *Ibidem*, p. 607.

<sup>74</sup> *Ibidem*, p. 608.

<sup>75</sup> *Ibidem*, p. 622.

<sup>76</sup> *Ibidem*, p. 623.

<sup>77</sup> *Ibidem*, p. 624.



*favor de um certificado de assistência e aproveitamento*<sup>78</sup> e transferiu os exames de admissão ao ensino superior para as faculdades, visando formar o cidadão e não apenas o candidato ao nível posterior. As reformas que se seguiram foram: a de Carlos Maximiliano, de 5 de abril de 1915, que procurou restaurar e reoficializar o ensino secundário, mantendo os exames preparatórios; e a de João Luís Alves, também conhecida como Rocha Vaz, de 13 de janeiro de 1925, que procurou estabelecer uma legislação que permitisse ao Governo Federal uma ação conjunta com os estados da federação, no sentido do atendimento ao ensino primário, tendo vigorado até 1930. Todas essas reformas foram tentativas de criação de um sistema educacional e tinham um ponto em comum: visavam à expansão e ao aperfeiçoamento da rede escolar.

Com a guerra de 1914-1918, o Brasil aumentou as exportações de seus produtos agrícolas e extrativos e praticamente interrompeu a importação de produtos manufaturados. As exportações excedendo as importações ocasionaram um acúmulo de capital, prontamente investido no setor industrial e na policultura. A imigração de europeus solucionou o problema de mão-de-obra para a indústria nascente, já que muitos provinham de áreas urbanas e estavam familiarizados com o trabalho nas indústrias. O surto industrial também foi responsável pelo deslocamento das populações rurais para as cidades, atraídas por melhores condições de vida e remuneração. Esse contingente não especializado e abundante contribuiu, sobretudo no Rio de Janeiro, para o inchamento da cidade, para a proliferação dos cortiços e casas de cômodos, onde irrompiam epidemias devastadoras. As condições de extrema pobreza e o atraso cultural dessa população chocavam vivamente as elites. Assim, foram iniciadas campanhas de vacinação, bem como obras de saneamento e modernização objetivando o melhoramento e o embelezamento da cidade. A educação surgiu como *recurso importante de viabilização da convivência interclasses no espaço urbano e no tempo da produção-expropriação capitalista*.<sup>79</sup> Dessa forma, a década de vinte assistiria a uma mudança na forma de pensar a escola. O analfabetismo continuava sendo o problema fundamental do país. Não adiantava aumentar o

---

<sup>78</sup> RIBEIRO, M.L.S. *História da Educação Escolar: a organização escolar*. Campinas: Autores Associados, 2000, p. 80.

<sup>79</sup> CARVALHO, M.M.C. de. Notas para Reavaliação do Movimento Educacional Brasileiro. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo (66):4-11, ago. 1988, p. 7.

número de unidades escolares, era preciso que a escola primária formasse o cidadão. Era necessário organizar a escola para que ela desempenhasse seu papel civilizatório: incorporar a massa analfabeta e alçar o Brasil ao patamar das grandes nações do mundo.

Os novos padrões que se apresentam, modelam-se a partir do pressuposto de que a escola primária é capaz de regenerar o homem brasileiro e, por esse caminho, regenerar a própria sociedade. Aqui, o modelo pedagógico se transforma no instrumento da felicidade social; o "pedagógico" importa mais que o "educacional", no sentido de que o aspecto "doutrinário" sobreleva o aspecto "meramente informativo", a começar pelo sentido que aquele fornece a este. De um modo geral, o modelo inclui, basicamente, novos modos de formulação do programa escolar e nova instrumentação para tornar mais eficaz o trabalho docente; e, também, diversificam-se as atividades escolares e introduzem-se novos órgãos e novas práticas.<sup>80</sup>

A mudança de orientação devia-se, basicamente, à influência das novas idéias que começavam a se difundir nos meios educacionais. Dewey, Kilpatrick e Claparède ganhavam adeptos entre os intelectuais brasileiros, que promoviam reformas educacionais parciais, restritas aos seus Estados de origem. Tais reformas foram instituídas nos estados de São Paulo (1920-1925, com Sampaio Dória; 1930-1931, com Lourenço Filho; 1933-1935, com Fernando de Azevedo; e 1935-1936, com A. F. Almeida Júnior); no Ceará (1922-1923, com Lourenço Filho); Rio Grande do Norte (1925-1928, com José Augusto); Distrito Federal (1923-1926, com Carneiro Leão; 1927-1930, com Fernando de Azevedo; e 1931-1935, com Anísio Teixeira); Pernambuco (1928-1930, com Carneiro Leão); Paraná (1927-1928, com Lysímaco da Costa); Minas Gerais (1927-1930, com Francisco Campos); e Bahia (1925-1927, com Anísio Teixeira). Essas reformas, iniciadas a partir dos anos 20 e estendidas até meados dos anos 30, não traduziam

uma política orgânica traçada pelas elites governantes, mas antes as tendências pessoais de educadores determinados, que agiam por sua própria conta, orientando, no sentido das idéias novas, as suas iniciativas a que sucediam contra-reformas, de volta ao passado. (...) Faltava, evidentemente, na ausência de uma política escolar oficial, uma força de aglutinação desses grupos esparsos de

---

<sup>80</sup> NAGLE, J. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo: EPU, 1974, p. 114.

educadores novos que, mal se formavam, já ameaçavam desagregar-se, e cujos sucessos, na administração escolar, permaneciam em função de sua autoridade e prestígio pessoal e, portanto, de vários fatores que os obrigavam a uma tática muito complexa para fazerem prevalecer os seus ideais.<sup>81</sup>

Visando à organização dessas idéias nascentes, foi fundada a primeira organização de educadores: a A.B.E. – Associação Brasileira de Educação. Criada em outubro de 1924 por Heitor Lira da Silva, teve suas bases lançadas em 29 de agosto de 1924, estando presentes Venâncio Filho, Everardo Backeuser e Edgar Sússekind de Mendonça. Essa associação viria a se tornar o centro de concentração de educadores do Rio de Janeiro, *pondo-os em contato uns com os outros, abrindo oportunidades para debate largo sobre doutrinas e as reformas, e convocando-os para congressos ou conferências de educação*<sup>82</sup>, tendo sido

um dos instrumentos mais eficazes de difusão do pensamento pedagógico europeu e norte-americano, e um dos mais importantes, se não o maior centro de coordenação e debates para o estudo e solução dos problemas educacionais, ventilados por todas as formas, em inquéritos, em comunicados à imprensa, em cursos de férias e nos congressos que promoveu nas capitais dos Estados.<sup>83</sup>

Para melhor cumprir suas atribuições, a Associação Brasileira de Educação foi organizada em diversas seções: Ensino Primário e Normal, sob a presidência de Deodato de Moraes; Ensino Secundário, tendo a presidência de Henrique de Toledo Dodsworth; Ensino Técnico e Superior, sob a presidência de Ferdinando Laboriau; Ensino Profissional e Artístico, tendo como presidente Fernando Nereo de Sampaio; Educação Física e Higiene, sob a presidência de J. P. Fontenelle; Educação Moral e Cívica, tendo a presidência de Everardo Backeuser; e Cooperação da Família, tendo Armanda Álvaro Alberto como presidente. Carvalho<sup>84</sup> observa que de todas essas seções apenas a do Ensino Técnico e Superior e a da Cooperação da Família tiveram funcionamento regular. As demais se alternaram em períodos de funcionamento e inatividade ou foram fundidas, desdobradas ou substituídas por outras. Algumas iniciativas tomadas por essas

---

<sup>81</sup> AZEVEDO, F. *A cultura brasileira*. São Paulo: Melhoramentos/EDUSP, 1971, p.654.

<sup>82</sup> *Ibidem*.

<sup>83</sup> *Ibidem*, p.655.

<sup>84</sup> CARVALHO, M.M.C. *Molde nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)*. Bragança Paulista: EDUSF, 1998, p. 105-107.

seções *tinham como denominador comum o empenho na moralização dos costumes, proposta como obra de civismo.*<sup>85</sup> Eram comuns atividades como: pregações, palestras através do rádio, concursos, conferências em colégios e associações, festas pedagógicas, seleção e censura de filmes, elaboração de listas de livros recomendáveis, organização de atividades infantis e criação dos Círculos de Pais, atividades que em sua grande maioria eram de responsabilidade da Seção de Cooperação da Família. A única a promover atividades diferenciadas era a Seção de Ensino Técnico e Superior, que organizava  *cursos e conferências de "alta cultura" para realizar uma "demonstração prática" da viabilidade do ensino universitário no país*<sup>86</sup>, mas que não tiveram a importância das iniciativas de moralização dos costumes tomadas nas outras Seções.<sup>87</sup>

A Seção de Cooperação da Família inaugurou seus trabalhos em 8 de agosto de 1925 no anfiteatro da Escola Politécnica, com 49 membros inscritos, tendo a professora Armanda Álvaro Alberto como sua primeira presidente. A Seção procurou realizar atividades que funcionassem como ativadoras do debate educacional. Consta como sua primeira iniciativa o envio de uma circular endereçada aos diretores dos estabelecimentos de ensino primário e secundário, nos seguintes termos:

A Seção de Cooperação da Família, da Associação Brasileira de Educação, criada com o objetivo de estabelecer entre nós uma cooperação ativa entre famílias e professores, na obra comum de educar a juventude, tem a satisfação de apresentar-vos o seu programa, para cuja realização solicita o vosso precioso concurso.

1. Proporcionar aos que fazem parte da Seção, membros do magistério, mães e pais de família, a oportunidade de estudar, discutir e esclarecer questões que necessitam essencialmente da harmonia de vista dos responsáveis pela formação das individualidades.
2. Promover a organização de um Círculo de Pais e Professores junto a cada estabelecimento de ensino infantil, cabendo à Seção o papel de órgão central, que religará esses Círculos entre si, sem intervir na vida interna de cada um.

---

<sup>85</sup> *Ibidem*, p. 60.

<sup>86</sup> *Ibidem*.

<sup>87</sup> Ver: CARVALHO, p. 63-64.

3. Sugerir a iniciativa de reuniões nas escolas para a troca franca de informações e impressões entre os pais e os professores.
4. Indicar como complemento à prática procedente a franquia das aulas, normalmente, à presença da família.
5. Estimular a organização de cursos de educação familiar, nas escolas, como meio de preparar os que devem constituir os Círculos de Pais.
6. Realizar a Associação Brasileira de Educação esses cursos para famílias, inteiramente gratuitos.
7. Manter uma biblioteca que atenda aos fins da Seção.
8. Apelar para as associações religiosas a fim de que forneçam aos sacerdotes das respectivas religiões, a exemplo do que fazem algumas ligas na Bélgica, manuais práticos de educação familiar, que deverão ser distribuídos a todo casal em seguida à celebração do matrimônio.<sup>88</sup>

Segundo Armanda,<sup>89</sup> alguns desses pontos foram modificados, e outros, como o item de número oito, sequer foram tentados. Muitos foram surgindo com o tempo e assumindo uma importância que não havia sido prevista nesse programa de intenções. Algumas dessas idéias tiveram êxito imediato, como os Círculos de Pais e Professores, introduzidos pela iniciativa particular nos colégios Benett e Jacobina e pela administração pública. Foram implantados na gestão de Carneiro Leão nas escolas municipais e tiveram continuidade durante as reformas de Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, no Distrito Federal. A biblioteca da Seção foi prontamente organizada, tendo à frente Miss Nancy Holt. Essa educadora foi responsável, ainda, pelo intercâmbio que a Seção estabeleceu com associações internacionais como a *Parents Teacher Association*, dos Estados Unidos. As comissões mais importantes dentro da Seção foram a do Cinema e a das Leituras Infantis. A primeira, da qual se encarregara a Sra. Laura Xavier da Silveira, agia junto aos estabelecimentos de ensino, exibidores e importadores de filmes e até mesmo junto à polícia. A essa comissão competia a seleção, censura de filmes e

---

<sup>88</sup> ÁLVARO ALBERTO, A. Associação Brasileira de Educação - Seção de Cooperação da Família (08/08/1932). In: MORAES, D. L. *Esboço histórico-geográfico do município de Duque de Caxias*. Duque de Caxias: Asgráfica, 1978, p. 115.

<sup>89</sup> *Ibidem*, p. 115.

elaboração de listas com os filmes recomendados às crianças e aos adolescentes. A segunda comissão, de Leituras Infantis, foi responsável pelos inquéritos sobre leituras entre os escolares do Distrito Federal, pela emissão de listas de livros recomendados para a infância e adolescência, pela campanha de melhoria dos livros destinados às crianças, pelas exposições de livros infantis, pelo incentivo às bibliotecas escolares, inclusive com programa de doação de livros, e pela reivindicação de uma biblioteca pública para crianças. Outras atividades relatadas por Armanda foram: cursos de puericultura, de educação sexual, de higiene mental do adolescente, de desenho espontâneo, palestras sobre a vida de educadores notáveis e uma campanha de apelo feita à Associação Brasileira de Imprensa no *sentido de modificação no noticiário sensacional dos jornais*, a que foram convidados a participar *diretores de jornais, publicistas, magistrados e educadores interessados no assunto*.<sup>90</sup>

Temos, portanto, que a Comissão de Leituras Infantis, pela sua amplitude, pode ser considerada a de maior importância, por sua atuação junto à sociedade. O primeiro inquérito sobre Leituras Infantis foi realizado no primeiro ano após a fundação da Seção de Cooperação da Família, em julho de 1926, tendo sido publicado no Boletim da ABE em maio de 1927 e transcrito por diversos órgãos da imprensa nacional, dentre eles *Revista Bibliográfica, Jornal do Brasil, O País, Jornal do Comércio e Educação* de São Paulo (1928). Foi traduzido e publicado em livros franceses que tratavam de literatura infantil e enviado ao Bureau Internacional de Educação e a outras instituições nacionais e estrangeiras. Esse inquérito,<sup>91</sup> realizado para investigar a preferência de leitura de jovens cariocas, apurou os votos de 3.094 escolares entre 8 e 17 anos (meninos e meninas) pertencentes a 22 escolas públicas e particulares, urbanas e rurais, brasileiras e estrangeiras do Distrito Federal, que já possuíam bibliotecas para uso dos alunos. As escolas públicas eram as seguintes: Escola Normal, Wenceslau Braz, José de Alencar, Rodrigues Alves, Deodoro, Prudente de Moraes, Nilo Peçanha, Ennes de Souza, 1ª Mista do 15º Distrito, 4ª Mista do 2º Distrito e Estados Unidos. As particulares eram: Colégios Bennett, Rezende, Anglo-Americano, Mallet Soares, São Paulo, Curso

---

<sup>90</sup> *Ibidem*, p. 117.

<sup>91</sup> ÁLVARO ALBERTO, A. Resultado do Inquérito sobre Leituras Infantis, realizado em julho de 1926 pela Seção de Cooperação da Família. In: MORAES, D. L. *Esboço histórico-geográfico do município de Duque de Caxias*. Duque de Caxias: Asgráfica, 1978, p. 112.

Jacobina, Curso Andrews, Escola Alemã, Liceu da Fundação Osório, Associação Cristã Feminina. A única escola rural presente entre as demais era a Escola Regional de Meriti, que tinha Armanda Álvaro Alberto como fundadora e diretora.<sup>92</sup> O inquérito se resumia a apenas uma pergunta: *Qual o livro de que mais gostou até hoje?* A cédula de votação deveria ser preenchida com o título do livro e o autor da obra, seguidos do nome, da idade e da escola do aluno votante. Dos 3.094 votantes, 345 tiveram seus votos inutilizados, por terem escolhido livros didáticos ou votado em branco. O livro mais votado pelos alunos e alunas de 8 a 11 anos foi *Contos da Carochinha*, de Figueiredo Pimentel, e o autor preferido por esse segmento foi Arnaldo Barreto. Os rapazes de 12 a 14 anos preferiram *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, enquanto as meninas da mesma idade escolheram *O Guarany*, de José de Alencar, que foi o livro preferido dos alunos e alunas de 15 a 17 anos. Foram escolhidas cerca de 673 obras de autores: ignorados (104); brasileiros (186); franceses (140); alemães (106); portugueses (40); italianos (8); espanhóis (7); anglo-americanos (52); russos (4); dinamarqueses (3); polônês (1); sueco (1); grego (1); hindu (1); e 13 de nacionalidade não identificada. Uma das conclusões do inquérito estava relacionada à precariedade das bibliotecas nos estabelecimentos de ensino, tanto públicos quanto particulares, depois da confirmação de que os alunos mal sabiam diferir uma obra literária de outra didática. Outra constatação estava relacionada à preferência dos alunos por autores estrangeiros, apesar das *péssimas traduções de romancistas franceses, alguns bem medíocres*,<sup>93</sup> em detrimento de autores brasileiros e portugueses, evidenciando a falta de edições populares. O resultado alertava para a necessidade de se organizarem edições dos grandes autores, principalmente nacionais, para a *instituição de "bibliotecas rotativas", que serviriam revezadamente às escolas populares preparando a organização futura das*

---

<sup>92</sup> *A Escola Regional de Meriti fundada por Armada Álvaro Alberto em Duque de Caxias, dando continuidade ao trabalho que havia desenvolvido em Angra dos Reis – uma escola para filhos de pescadores -, teve originalmente, em 1921, o nome de Escola Proletária de Meriti. (...) pretendia ser um "laboratório de pedagogia prática" – característica de uma Escola Nova. Partia do interesse da criança, subvertendo o processo pedagógico centrado tradicionalmente no professor, e abandonava as paredes da sala de aula para desenvolver atividades ao ar livre em contato com a natureza. Voltada para o ensinamento de hábitos de higiene que deveriam se propagar para a família, não restringindo tal preocupação ao espaço interno da sala de aula, a escola envolvia a comunidade.* In: MIGNOT, A.C.V. Decifrando o recado do nome: uma Escola em busca de sua identidade pedagógica. *RBEF*, Brasília, v.74, n. 178, p. 620-622, set./dez. 1993.

<sup>93</sup> ÁLVARO ALBERTO, A. Resultado do Inquérito sobre Leituras Infantis, realizado em julho de 1926, pela Seção de Cooperação da Família. In: MORAES, D. L. *Esboço histórico-geográfico do município de Duque de Caxias*. Duque de Caxias: Asgráfica, 1978, p. 114.

*bibliotecas escolares*,<sup>94</sup> e sugeria a criação, nas escolas, de sessões de leitura seguidas do registro das mesmas pelos alunos.

O inquérito de Leituras Infantis evidenciou de tal forma a situação da literatura infantil no Distrito Federal, que a Comissão empreendeu, logo a seguir, a 1ª Exposição de Livros. A exposição procurou mostrar livros infantis brasileiros e estrangeiros e ainda organizou palestras e debates, levando ao público as listas de livros recomendados. Publicada pela primeira vez na revista *O Tico-Tico*, em 22 de fevereiro de 1928, fazia aos jovens leitores a seguinte advertência:

Amiguinhos:

Enquanto vocês estão brincando, justamente a essa hora boa da volta da escola, em que as risadas, as travessuras enchem a casa de animação, exatamente a essa hora dos melhores carinhos da Mamãe, da merenda mais gostosa, do descanso merecido na vida de vocês todos, – por causa de vocês, pensando em vocês, põe-se a trabalhar, em certos dias da semana, com afinco, com entusiasmo, numa sala do centro da cidade, um grupo de mães, pais e professores. Estão na Associação Brasileira de Educação, onde fundaram a Seção de Cooperação da Família. Um dos trabalhos maiores que eles fizeram até hoje foi a **Biblioteca para crianças e adolescentes**.<sup>95</sup> Leram uma quantidade enorme de livros, dentre os quais escolheram para indicar aos meninos e meninas do Brasil, estes que aí seguem.

Qualquer observação ou pedido de informações, vocês podem dirigir, sem acanhamento, para a sede da Associação, rua Chile, 23, 1º andar, Rio. Lá estará para responder a cada um, com o bem que lhes quer,

Armanda Álvaro Alberto/Pela comissão de leituras.<sup>96</sup>

Logo a seguir, trazia uma lista de livros recomendados para crianças de 11 anos, algumas obras adaptadas e outras originais, entre as quais publicações de Monteiro Lobato, Thales de Andrade, Olavo Bilac, Júlia Lopes de Almeida e Cecília Meireles, com *Criança Meu Amor*. Essa seleção foi mais tarde (1930) publicada em folheto com o título *Biblioteca para Crianças e Adolescentes*. Ela deu origem a

---

<sup>94</sup> *Ibidem*, p. 115.

<sup>95</sup> Grifo da autora.

<sup>96</sup> ÁLVARO ALBERTO, A. Aos jovens leitores d'O Tico-Tico. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro, 22/02/28.



outras listas de livros recomendados para a infância e adolescência, dentro de critérios mais rígidos de seleção das obras, já que a Comissão não se restringiu à simples publicação, mas procedeu a uma crítica das obras, objetivando a seleção das mais adequadas ao público infanto-juvenil.

Armanda julgava como pioneira essa iniciativa da Comissão de Literatura Infantil, mas a professora Alexina de Magalhães Pinto, educadora mineira que colaborava no *Almanaque Garnier*, já havia organizado, em 1907, o *Esboço Provisório de uma Biblioteca Infantil*, no qual recomendava aos pais e educadores o *trabalho de percorrer os livros antes de os entregarem aos seus filhos e educandos*.<sup>97</sup>

A implantação do hábito da leitura subsidiária desde os bancos escolares primários é problema com esse entrelaçado e a pedir solução prática. Os diretores de colégios e de escolas muito poderiam concorrer para tal fim pela organização de bibliotecas para empréstimo, mediante pequena contribuição mensal de cada pai, ou pequena taxa de empréstimo e de depósito.<sup>98</sup>

Alexina chamava a atenção de pais e mestres para a necessidade de *conhecer o que se faz no estrangeiro e o que é feito por estrangeiros – não para repetir maquinalmente, mas para fazermos obra nacional ou latina com elementos nossos*.<sup>99</sup> A seguir, recomendava livros para a infância, para as mães e para as meninas. Essa talvez tenha sido a primeira tentativa de uma educadora em chamar a atenção de pais e educadores para a promoção da leitura e para a necessidade de criar bibliotecas nas escolas. Anos mais tarde, Afrânio Peixoto, em sua participação no 3º Congresso Americano da Criança, realizado no Rio de Janeiro de 27 de agosto a 5 de setembro de 1922, sob o patrocínio do Governo da República, trazia como temas recomendados para serem avaliados pelos educadores o professor e o livro na escola primária, métodos de ensino de leitura e literatura infantil – de crianças e para crianças –, além de incentivar a criação de bibliotecas escolares.

---

<sup>97</sup> MAGALHÃES PINTO, A. Esboço provisório de uma biblioteca infantil. In: ZILBERMAN, R., LAJOLO, M. *Um Brasil para Crianças*. Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos. São Paulo: Global, 1993, p. 280-288.

<sup>98</sup> *Ibidem*, p. 280.

<sup>99</sup> *Ibidem*, p. 281.

O que se conhecia até então como “biblioteca para crianças e jovens” eram coletâneas publicadas por uma editora ou um determinado autor, como Carlos Jansen, que selecionara e publicara vários livros *para ensinar a ler a geração presente*,<sup>100</sup> mas que não passavam de adaptações de clássicos europeus. Outra Biblioteca Infantil, organizada em 1915 pelo professor Arnaldo de Oliveira Barreto e editada por *Weizflou & Irmãos*, de São Paulo, tinha o mesmo feitio da anterior. Entretanto, apesar das deficiências, Lourenço Filho acreditava que a empreendimentos dessa natureza devia-se *a expansão da literatura infantil no país, pois demonstrou, com os seus dois milhões de exemplares já editados, a pais e mestres, que um tipo especial de leitura deveria ser considerado para as crianças*.<sup>101</sup> Fernando de Azevedo foi responsável pela publicação de uma biblioteca para crianças, que fazia parte da *Biblioteca Pedagógica Brasileira*, editada pela *Companhia Editora Nacional* de São Paulo, de 1931 a 1942, constituída de cinco séries: livros didáticos (manuais, livros-textos e livros-fontes); atualidades pedagógicas (destinada à formação cultural e profissional do professor); iniciação científica; a *Brasiliana* e a série de literatura infantil, uma coletânea de livros para crianças em que se achavam incorporadas obras consagradas de autores estrangeiros, traduzidas em sua grande maioria por Monteiro Lobato. De um total de 20 obras, Monteiro Lobato possuía 19 (próprias e adaptações), e Viriato Correia apenas uma obra.

Os inquéritos eram comuns na época. Foram organizados por associações como a ABE, por educadores e também por jornais, como *O Estado*, que instituiu em algumas livrarias um inquérito destinado a apurar a preferência dos leitores.

Monteiro Lobato chama a atenção para o fato de que

tais inquéritos são por natureza deficientes e velhacos, intervindo para viciá-los não só a maroteira dos negociantes como ainda a simpatia dos promotores. Além disso não provam de fato o que se lê, senão, e apenas, o que se compra.

---

<sup>100</sup> JANSEN, C. Correspondência. In: ZILBERMAN, R., LAJOLO, M. *Um Brasil para Crianças*. Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos. São Paulo: Global, 1993, p. 267-268.

<sup>101</sup> LOURENÇO FILHO, M.B. Como aperfeiçoar a literatura infantil. In: ZILBERMAN, R., LAJOLO, M. *Um Brasil para Crianças*. Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos. São Paulo: Global, 1993, p.323.

Entre comprar livros e lê-los vai alguma diferença. (...) De modo que tais inquéritos erram de objetivo e tomam a nuvem por Juno, como se dizia nos saudosos tempos de imagens gregas.<sup>102</sup>

Helena Antipoff empreendeu o inquérito *Idéias e Interesses das Crianças de Belo Horizonte*, publicado em 1929, que constatou como preferido das crianças os seguintes autores: Arnaldo Barreto, Figueiredo Pimentel e Monteiro Lobato. Em 1931, Cecília Meireles iniciou um inquérito semelhante, *Leituras Infantis*, publicado pelo *Instituto de Pesquisas Educacionais* em 1934, que serviu de base para a constituição do acervo da primeira biblioteca pública infantil do Pavilhão Mourisco, que será oportunamente analisada. Outro estudo foi publicado em 1934 pela *Revista de Ensino*, órgão de direção do ensino de Minas Gerais, de autoria da professora Irene Lustosa. No jornal *Traço de União* do Colégio Jacobina, do Rio de Janeiro, foi realizado um inquérito do mesmo gênero. Entre 1934 e 1936, a professora Elvira Nizinska coordenou outro inquérito na biblioteca infantil do Instituto de Educação, considerado entre todos os demais como o de *conclusões de mais larga pesquisa*.<sup>103</sup>

O segundo inquérito da ABE foi realizado em 1930 e estendido a 5.840 escolares do Rio de Janeiro dos cursos primários e secundários que freqüentavam estabelecimentos públicos e particulares. Cada votante pôde escolher até quatro livros de sua preferência, excluídos os didáticos. Armanda chama a atenção para um acontecimento que a ABE logo assinalou e saudou como o *início de uma genuína literatura infantil brasileira: o acontecimento Monteiro Lobato. Realmente, antes e depois de Monteiro Lobato – são as duas épocas que dividem o que há escrito em livros destinados à juventude...*<sup>104</sup> O resultado desse inquérito foi apresentado na 2ª Exposição de Livros Infantis em 18 de novembro de 1930, data do 4º aniversário da morte de Heitor Lyra da Silva, fundador da ABE. Foram expostos livros de quase todos os países da América, por intermédio do Ministério das Relações Exteriores.

---

<sup>102</sup> LOBATO, J.B.M. Os livros fundamentais. In: ZILBERMAN, R., LAJOLO, M. *Um Brasil para Crianças*. Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos. São Paulo: Global, 1993, p. 289.

<sup>103</sup> LOURENÇO FILHO, M.B. Como aperfeiçoar a literatura infantil. In: ZILBERMAN, R., LAJOLO, M. *Um Brasil para Crianças*. Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos. São Paulo: Global, 1993, p.324-325.

<sup>104</sup> ÁLVARO ALBERTO, A. Leituras infantis. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 22/02/48.

Nessa exposição não teremos apenas livros para leitura de crianças, senão também os que tratam de crianças e se destinam aos educadores. Em seções diferentes se encontrarão obras didáticas, pedagógicas, recreativas e de cultura ao lado de revistas especializadas e de publicações referentes à organização de leituras; num quadro, o projeto de biblioteca infantil (nos moldes das fundadas pelos americanos no seu país e no estrangeiro, como *L'Heure Joyeuse*, de Paris e Bruxelas) que imaginamos para o Rio de Janeiro; noutros quadros, o resultado do nosso segundo inquérito sobre o que tem os colégios cariocas. Finalmente, tentaremos expor todos os livros indicados em nossa Biblioteca para Crianças e Adolescentes, e que perfazem o total de 687 obras.<sup>105</sup>

Os livros europeus haviam sido cedidos, principalmente, pelas senhoras Clara Curtis, Carlota Lyra da Silva e pela livraria *Alemã*. Outras livrarias emprestaram ou ofereceram livros, como a *Livraria Alves*, que cedeu exemplares de seu estoque. Esses donativos foram mais tarde utilizados para compor a seção infantil da biblioteca da Seção de Cooperação da Família. A exposição foi prolongada por duas semanas, devido ao sucesso alcançado pelas palestras e pela hora do conto, prestigiadas por pais, professores e alunos das escolas do Distrito Federal. A *Página de Educação* trouxe, em 23 de novembro, o programa da exposição.

- 3<sup>a</sup> feira 25 - Histórias para crianças contadas por D. Armanda Álvaro Alberto.
- 4<sup>a</sup> feira 26 - Comunicação do resultado do Inquérito sobre Leituras feito em 33 colégios desta capital.
- Sábado - Palestra por D. Armanda A. Alberto seguida de discussão sobre questões relativas a literatura e livros infantis.<sup>106</sup>

Armanda ressalta que o evento foi oportunamente escolhido para a apresentação de um memorial, redigido e assinado por 35 personalidades, algumas estranhas à ABE, mas que se solidarizavam com a campanha de melhoria do livro infantil. Esse memorial, dirigido aos editores do Brasil, publicado na revista *Schola* e mais tarde por toda a imprensa, propunha-se a sugerir às casas editoras alguns requisitos básicos para a confecção de livros para crianças.

---

<sup>105</sup> REVISTA Schola. ABE - Departamento do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, novembro de 1930, p. 259-260.

<sup>106</sup> EXPOSIÇÃO de livros infantis. Página de Educação. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 23/11/30.

Convencida de que o momento presente é o mais propício às iniciativas renovadoras que vão surgindo em todos os terrenos, resolveu a ABE, ao encerrar a sua 1ª Exposição de Livros sobre Crianças, iniciar uma campanha pela melhoria da literatura infantil publicada entre nós. Vultos eminentes, entre os que, fora da Associação, também se dedicam a estas questões vieram juntar a sua voz à nossa.

É pois, em nome dos amigos da criança brasileira que ora nos dirigimos aos Srs. Editores de todo o Brasil, a quem, por outro lado, prometemos solicitar ao Ministério do Trabalho a redução do imposto sobre a importação do papel. Esperamos do espírito progressista dos Srs. Editores a melhor acolhida às sugestões abaixo, resultado que são de estudos especializados e larga experiência junto à infância. A ABE considera como um mínimo de condições que tornam aceitável o livro para crianças as seguintes:

1. Quanto à apresentação material: o livro deve ser sempre, de belo aspecto, atraente, obra de bom gosto a serviço da infância; encadernado ou cartonado; de papel branco, sem brilho, caracteres grandes (nunca o cursivo), pretos; margens largas; uma só coluna em cada página. Para os leitores pequeninos o formato muito grande, vistoso, ou pelo contrário, bem pequeno (col. Beatrix Potter, F. Warne & C<sup>o</sup>. New York).
2. Quanto ao texto: tão reduzido e intercalado de gravuras quanto menor for a idade a que se destina o livro. A linguagem empregada deve ser simples, familiar às crianças (evitando a gíria). Frases curtas, períodos curtos, bastante dialogada nos livros para os pequeninos. As traduções devem sempre, ser confiadas a escritores competentes, cujo nome deve figurar em seguida ao do autor.
3. Quanto às ilustrações: numerosas, artísticas em cores, de linhas simples, compreensíveis ao olhar infantil (nunca o desenho caricaturesco ou imitação do desenho infantil).
4. Quanto aos gêneros: historietas de animais personalizados, para os pequeninos, até 6 anos; daí em diante, em prosa, mais do que em verso, histórias cheias de ação, de maravilhoso, de simpatia, pelos animais (nunca histórias dogmáticas, moralizantes, tristes). Há um livro-tipo para esta idade: a "Viagem Maravilhosa de Nils Holgersson". Para adolescentes, ainda viagens, explorações, maravilhas da ciência. Biografias dos grandes homens. Poesias.

Coletâneas de contos escolhidos dos nossos melhores escritores a exemplo do que foi feito com Monteiro Lobato, livro adotado pelo Colégio Mackenzie, de São Paulo. Livros que despertem a consciência do valor humano, da solidariedade humana.

Espera, pois, a ABE que estas sugestões sejam atendidas dentro das possibilidades brasileiras.<sup>107</sup>

Assinaram o memorial: Armanda Álvaro Alberto, Artur Moses, Laura Lacombe, Fernando Magalhães, Gustavo Lessa, Edgar Sússekind de Mendonça, Venâncio Filho, Euclides Roxo, Mário de Paula Brito, Juracy Silveira, Malba Tahan, Afrânio Peixoto e Pascoal Lemme, entre outros.

A terceira Exposição de Literatura Infantil aconteceu no dia 5 de setembro de 1934. Estiveram presentes embaixadores da Espanha, ministros de Cuba e da Polônia, um representante do ministro da Holanda, o então Diretor do Departamento de Educação do Distrito Federal<sup>108</sup> Anísio Teixeira, e um representante do Ministério da Educação. Foram expostos livros dos seguintes países: Portugal, Espanha, Holanda, Noruega, Bélgica, Peru, Alemanha, Estados Unidos, Inglaterra, Uruguai, França, Itália, México, Paraguai, Bolívia, Cuba, Equador e Venezuela, ao lado das obras mais modernas da literatura infantil brasileira. O programa constava de histórias contadas por Armanda Álvaro Alberto, Pedro Calmon, D. Mariana Alvim e Josefa Gui Rayn; projeção de filmes; palestras sobre literatura alemã com Lina Hirsh; literatura infantil espanhola, com Dr. Mello Leitão; literatura infantil americana, com Dr. Venâncio Filho; literatura infantil francesa, com D. Mariana Alvim. O evento também contou com a presença de D. Gilda Machado Guimarães, que falou sobre as bibliotecas infantis na Inglaterra.<sup>109</sup>

A questão das bibliotecas escolares já fazia parte do programa da Seção de Cooperação da Família desde 1927. Porém, nessa época, a reivindicação era lançada apenas aos colégios particulares. À medida que os inquéritos foram acontecendo, tendo a participação de expressivo contingente de alunos da escola

---

<sup>107</sup> *Ibidem.*

<sup>108</sup> A Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal foi transformada em Departamento de Educação em 1º de fevereiro de 1932. Em 2 de setembro de 1935, pela Lei nº 7, os serviços da Prefeitura do Distrito Federal foram reorganizados e o Departamento de Educação foi transformado em Secretaria Geral de Educação e Cultura.

<sup>109</sup> TERCEIRA Exposição de Literatura Infantil. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 06/09/34.

pública, ficou constatado que o problema da falta de bibliotecas estava justamente naquele segmento educacional. Assim, ficou estabelecido que a Seção deveria se empenhar na formação de bibliotecas para alunos das escolas públicas, conseguindo compor o acervo através de donativos de livros usados, que a própria Seção se encarregaria de selecionar e distribuir. Em 1929, o *Boletim* da ABE trazia a seguinte conclusão:

Tomou a si esta Seção organizá-las nas escolas mais pobres dos subúrbios com livros novos ou usados, angariados entre alunos dos colégios particulares e pessoas que compreendendo a vantagem dessas bibliotecas nos bairros afastados do centro urbano queiram auxiliá-la.<sup>110</sup>

A campanha em prol das bibliotecas não surtiu o efeito esperado. Foram insuficientes os donativos para atender tantas escolas. Entretanto, com os livros doados por particulares e pelo Curso Jacobina, foi possível a criação de uma biblioteca na Escola Mista de Cordovil, denominada *Biblioteca Heitor Lyra da Silva*.

Em 1927, a Comissão de Leituras Infantis chegou à conclusão de que a Biblioteca Nacional deveria criar uma sala de leitura para crianças como as que haviam *visto em gravuras de revistas norte-americanas*,<sup>111</sup> e designou uma pessoa dos seus quadros para orientar na seleção dos livros que iriam fazer parte do acervo.

Urge instalar no Rio de Janeiro, assim como em todas as cidades brasileiras, bibliotecas públicas infantis, ainda que de começo funcionem as do tipo quiosques, comuns nos jardins públicos de Buenos Aires, de custo assaz modesto. Outrossim, que se construa um pavilhão num dos terrenos anexos à Biblioteca Nacional, com frente para a Avenida México, onde há espaço suficiente para sua instalação.<sup>112</sup>

Para alcançar o objetivo proposto, foram feitas várias visitas e reuniões com o diretor da Biblioteca Nacional, Dr. Mário Bhering, que se mostrou interessado no trabalho da Seção de Cooperação da Família, publicando na revista *Cine-Arte* um artigo sobre as atividades da Seção. O presidente da República, em visita à Biblioteca Nacional, tomou conhecimento do projeto e prometeu uma reforma, além

---

<sup>110</sup> *BOLETIM da ABE*. Rio de Janeiro, maio de 1929, p. 38.

<sup>111</sup> LIVRO de Atas da Seção de Cooperação da Família. Rio de Janeiro, 04/05/27.

<sup>112</sup> ÁLVARO ALBERTO, A. Livros, revistas e jornais para crianças. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 02/11/33.

da construção de um pavilhão destinado a ser a futura biblioteca infantil, a qual nunca chegou a ser criada.

A Seção buscou ainda uma parceria com o *Rotary Club* para a construção de uma biblioteca infantil na Praça da República, em 1932. Já tinham a contribuição da Prefeitura (terreno e 30 contos de réis) e esperavam conseguir ajuda do *Book Committee on Children's Libraries*, dos EUA, que havia contribuído para a fundação da *L'Heure Joyeuse* de Paris e de Bruxelas. Armanda esclarecia em seu artigo na revista *Rotary Brasileiro* que tal iniciativa não trataria apenas

de oferecer às crianças cariocas salas providas de coleções de livros, que se lêem ali mesmo ou que se levam para casa. Trata-se de estabelecer no centro da cidade e dentro de suas escolas públicas um aparelho complexo, maravilhoso em seus efeitos educativos, destinado a atingir, (...) os seguintes objetivos: enriquecer o currículo escolar com informações complementares, instruir as crianças no uso de livros e das bibliotecas como instrumento de trabalho, treinar as crianças em atividades sociais (clubes de leitura e dramatização, autocontrole dos alunos, etc.), e, sobretudo, ensinar a ler, a ler por prazer, como um hábito para toda a vida.<sup>113</sup>

Sobre os resultados alcançados pela campanha da ABE pela melhoria do livro e pela criação de bibliotecas, Armanda diz o seguinte:

Ao mesmo tempo em que nos empenhávamos pela melhoria do livro, conteúdo e apresentação, pela educação do gosto dos que adquirem livros, pela divulgação dos bons livros, é óbvio que não deixaríamos de fazer a campanha correlata pela instalação de bibliotecas infantis. Sim, essa campanha durou tanto quanto as outras. Coube a Anísio Teixeira, na qualidade de Secretário de Educação e Cultura do Distrito Federal, atender-nos, inaugurando a primeira Biblioteca Pública Infantil do país, a do Pavilhão Mourisco, cuja direção confiou a Cecília Meireles, bem como a organização de um plano para a instalação de bibliotecas escolares, tendo podido inaugurar umas poucas.<sup>114</sup>

---

<sup>113</sup> ÁLVARO ALBERTO, A. Bibliotecas públicas infantis. *Rotary Brasileiro*, Rio de Janeiro, maio de 1932.

<sup>114</sup> ÁLVARO ALBERTO, A. Leituras Infantis, realizado em julho de 1926, pela Seção de Cooperação da Família. In: MORAES, D. L. *Esboço histórico-geográfico do município de Duque de Caxias*. Duque de Caxias: Asgráfica, 1978, p. 127.



Na VI Conferência Nacional de Educação, que se reuniu em Fortaleza em 1934, Armanda, em tese intitulada *Leitura para Adultos*, reivindicava bibliotecas populares, que proporcionassem leituras para homens e mulheres que não haviam tido oportunidade de ir além da escola primária e que, apesar de exercerem atividades muitas vezes complexas, não dispunham de formação teórica e muito menos de livros que os ajudassem em sua formação profissional. *Por toda parte existem inúmeros testemunhos do que tem sido conseguido nos últimos tempos em benefício da educação extra-escolar por intermédio do livro, isto é, das bibliotecas populares.*<sup>115</sup> A seguir, trazia algumas iniciativas feitas em direção à formação literária do adulto trabalhador em diversas partes do mundo. Salientava a insuficiência de bibliotecas públicas no Brasil: apenas 98 delas em todo o território, e mesmo assim com acervos defasados, regime de funcionamento inadequado às classes trabalhadoras e excesso de exigências para os frequentadores. Estas e outras causas mantinham o adulto longe dos livros. Com essa tese ela chegava, enfim, às seguintes conclusões:

1. O livro, em nossos dias, ainda é o melhor instrumento de cultura.
2. O livro ainda está fora do alcance da maioria dos brasileiros que sabem ler, porque incumbindo à biblioteca pública prover as leituras para o povo, essas bibliotecas não existem em número suficiente e as poucas que existem não são atraentes nem cômodas em seus sistemas. Além disso, não oferecem às classes populares as leituras que atendam as suas necessidades culturais.
3. A eficiência da biblioteca popular depende muito mais do bibliotecário do que de um rico aparelhamento material. Assim, o cargo de bibliotecário deve ser exercido por profissionais aptos para a função de educadores do povo.
4. O Congresso Nacional de Educação sugere aos poderes competentes a adoção em todas as bibliotecas públicas do Brasil, do regime de "biblioteca aberta".
5. Os educadores preocupados com o problema da cultura das massas populares reconhecem que é urgente a publicação de livros de divulgação científica, tecnológica e assuntos afins, a preços reduzidos. Entendem, outrossim, que compete aos poderes públicos estimular essas edições

---

<sup>115</sup> ÁLVARO ALBERTO, A. *Leitura para adultos*. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 11/03/34.

concedendo anualmente um prêmio em dinheiro repartido entre a casa editora e o autor que oferecerem ao público a melhor obra, com uma tiragem mínima de 10.000 exemplares.

6. É inegável a importância do jornal na cultura popular. O 6º Congresso Nacional de Educação apela para a imprensa do país no sentido de ampliar aquela atuação, criando ou desenvolvendo cada jornal seções de divulgação de conhecimentos gerais.<sup>116</sup>

Durante todo o período em que esteve à frente da *Página de Educação*, Cecília Meireles procurou incluir matérias que informassem o leitor sobre a situação das bibliotecas, tanto as criadas no Distrito Federal como as de outros estados do Brasil. A apresentação de bibliotecas européias e americanas, principalmente as infantis e escolares, eficientes e bem aparelhadas, procurava despertar nos leitores, leigos ou não, a necessidade da criação e organização de bibliotecas brasileiras tão eficientes como aquelas e em número suficiente para atender as crianças em idade escolar. No entanto, Cecília não chegou a escrever nenhum *Comentário* inteiramente dedicado ao assunto, apesar de essa ser uma de suas preocupações mais constantes. *Pensar em organizar criteriosamente uma biblioteca infantil é ter de lutar, desde logo, com uma dificuldade que inutiliza esse bom propósito: a falta de livros para crianças, entre nós.*<sup>117</sup> Procurava alertar pais e educadores para a necessidade de desenvolver o gosto da leitura em seus filhos e alunos. Entretanto, o que se podia considerar literatura infantil? As obras que costumavam se enfileirar nas prateleiras das bibliotecas e circular entre as crianças eram arremedos de literatura. Eram livros que desconsideravam a inteligência da criança, suas possibilidades, suas características. Cecília punha-se a alertar, sobretudo os autores de livros infantis, sobre os principais vícios em que incorriam quando escreviam livros dedicados às crianças. Eram livros de qualidade duvidosa, que só serviam para *atormentar com o seu peso inútil a pasta dos alunos das nossas escolas.*<sup>118</sup> Definitivamente, escrever e publicar livros para crianças não era tarefa para qualquer desavisado. *Muita gente pensa que escrever para a infância é das coisas mais fáceis*, diria ela em 28/06/30, *que qualquer assuntozinho atoa se presta para um livro desses*. Alguns autores descreviam de forma fantástica

---

<sup>116</sup> *Ibidem*.

<sup>117</sup> MEIRELES, C. Literatura Infantil. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 28/06/1930.

<sup>118</sup> MEIRELES, C. Livros para crianças. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 09/11/1930.

proezas incríveis e golpes de audácia e de crueldade. Eles se enganavam pensando entreter a criança com tais assuntos.

Ambos esses extremos são ridículos. Simplicidade não quer dizer banalidade. Pode-se fazer um livro extremamente simples – porque há que atender aos recursos limitados do vocabulário da primeira idade – mas repleto, ao mesmo tempo desse aroma de poesia que devia ser alimento contínuo da infância. E também se pode fazer um livro maravilhoso – mas sem monstruosidade, condições que muita gente supõe afins.<sup>119</sup>

Era comum receber livros infantis e comentá-los. Várias crônicas suas são dedicadas a esse propósito. Eram lidos e analisados autores como Selma Lagerlöf,<sup>120</sup> que havia criado uma das obras *mais belas, mais ricas, mais completas e espirituais que o mundo possui para leitores em transição da infância para a adolescência*.<sup>121</sup> Outra autora, Olga Monteiro de Barros, enviou seu livro *Estrelas e Rosas à Página de Educação* para a devida apreciação. Cecília comentou: *lamentamos que, apesar dos bons desejos que, certamente, animaram a confecção deste livrinho, não possamos recomendar a sua leitura àqueles a que foi destinado*.<sup>122</sup> Constâncio C. Vigil, escritor argentino, também teve seus livros analisados: eram bem ilustrados, possuíam cartonagens sugestivas que lembravam os luxuosos livros de histórias inglesas, além de neles se encontrar uma atmosfera de pureza e bondade, tudo indicando que seu autor se preocupava com a formação de seus leitores, com um critério que surpreendia. Mesmo vacilando em alguns momentos, do ponto de vista pedagógico, era inegável reconhecer que ele acabava acertando sempre, *pela imensidade de amor com que impregnou sua alma para se aproximar do domínio infantil*.<sup>123</sup>

Nem mesmo Monteiro Lobato escapou de seus *Comentários*. Tratava-se de um equívoco geográfico presente em um dos livros do autor, que dava a localização de um rio do estado do Mato Grosso como pertencente ao então território de Goiás.

---

<sup>119</sup> MEIRELES, C. Literatura Infantil. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 28/06/1930.

<sup>120</sup> Selma Lagerlöf (1858-1940), escritora sueca, agraciada com o Prêmio Nobel de Literatura em 1909, tendo sido a primeira mulher que o recebeu. Publicou: *A Saga de Gösta Berling; Os Laços Invisíveis; Jerusalém; Os Milagres do Anticristo; O Livro das Lendas; O Rei de Portugal; O Carreteiro da Morte*, etc.

<sup>121</sup> MEIRELES, C. Literatura Infantil. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 28/06/1930.

<sup>122</sup> MEIRELES, C. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 18/09/1930.

<sup>123</sup> MEIRELES, C. Constâncio C. Vigil. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 21/04/1931.

Monteiro Lobato produziu os livros infantis mais belos, do ponto de vista gráfico, mas lamentavelmente em desacordo com o moderno espírito da educação apesar do seu formoso talento e da sua brilhante inteligência, incorreu também num desses desagradáveis descuidos, (...) o que, se não empana a sua reputação literária, serve ao menos de curso prudente aos que se aventurarem “pelas regiões difíceis” da boa literatura infantil.<sup>124</sup>

Em outra ocasião, anos mais tarde, comentaria em carta a Fernando de Azevedo:

Recebi os livros do Lobato. Preciso saber o endereço dele para lhe agradecer diretamente. Ele é muito engraçado, escrevendo. Mas aqueles seus personagens são tudo quanto há de mais malcriado e detestável no território da infância. De modo que eu penso que os seus livros podem divertir (tenho reparado que divertem mais os adultos que as crianças) mas acho que deseducam muito. É uma pena. E que lindíssimas edições! (...) Por nenhuma fortuna do mundo eu assinaria um livro como os do Lobato, embora não deixe de os achar interessantes.<sup>125</sup>

A literatura infantil da década de 30, se não era rica, ainda assim contava com autores como Júlia Lopes de Almeida, Viriato Correa e Monteiro Lobato entre seus melhores representantes. No final do século XIX, tudo o que se conhecia como literatura brasileira para crianças se resumia aos *Contos da Carochinha*, uma compilação de histórias de fadas organizada por Figueiredo Pimentel em 1894, e que em 1926, à época do primeiro inquérito de Leituras Infantis da ABE, tivera a preferência da maioria dos alunos de 8 a 11 anos, demonstrando a falta absoluta de obras destinadas à infância. Esse quadro tinha sido ainda mais desalentador. Sílvio Romero lembrava-se das leituras que fizera nos bancos da escola primária:

Ainda alcancei o tempo em que nas aulas de primeiras letras aprendia-se a ler em velhos autos, velhas *sentenças*<sup>126</sup> fornecidas pelos cartórios dos escrivães forenses.

Histórias detestáveis e enfadonhas em sua impertinente banalidade, eram-nos ministradas nesses poeirentos cartapácios. Eram como clavas a nos esmagar o senso estético, embrutecer o raciocínio e estragar o caráter.

---

<sup>124</sup> MEIRELES, C. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 13/07/1930.

<sup>125</sup> MEIRELES, C. *Carta a Fernando de Azevedo*. Rio de Janeiro, 09/11/32. FA - Cp, Cx. 21, 67. IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros).

<sup>126</sup> Grifo do autor.

Era então precisa uma abundante seiva nativa para resistir a semelhante devastação.

As *sentenças* manuscritas eram secundadas por impressos vulgares, incolores, próprios para ajudarem a destruição.

Era o ler por ler sem incentivo, sem préstimo, sem estímulos nenhuns. Hoje esta face da educação provoca um cuidado especial. Ministram-se às crianças leituras que lhes desenvolvam o senso moral e estético, o raciocínio e a imaginação, o coração e o espírito.<sup>127</sup>

A *Página de Educação* não se restringia à análise de livros para a infância, mas se prestava ao intercâmbio literário com os países latinos, como Argentina, Bolívia, Uruguai, Colômbia e Portugal. Em agosto de 1930, recebeu uma coleção de livros portugueses doados pela escritora Ana de Castro Osório. Essa escritora fez parte dos círculos intelectuais femininos de Portugal, sendo responsável pela criação de associações, pela realização de conferências e pela publicação de diversos livros em diferentes estilos literários, destinados tanto a adultos quanto a crianças. Algumas de suas obras tiveram aproveitamento pedagógico, como *Uma Lição de História, Lendo e Aprendendo, Os Nossos Amigos, As Boas Crianças e Minha Pátria*. A escritora esteve por diversas vezes no Brasil participando de conferências, entre as quais o Congresso de Instrução Pública, em Belo Horizonte. Dessa sua extensa obra, ofereceu, por intermédio do parlamentar português Nuno Simões, alguns exemplares (*Dias de Festa, Livrinho Encantador, Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Brasil e As Mulheres Portuguesas*) ao jornal brasileiro – dentro do espírito de aliança que deveria ser estimulado entre os dois povos –, exemplares que deveriam ser enviados para as bibliotecas escolares, associações de classe e de beneficência brasileiras.<sup>128</sup> A distribuição dos livros ficou confiada a um colaborador do Diário de Notícias, o Sr. Oscar Messias Cardoso, instrutor de escoteiros e redator da seção de escotismo. Ana de Castro teve dois de seus livros (*Lendo e Aprendendo e Uma Lição de História*) adotados

---

<sup>127</sup> ROMERO, S. *O professor Carlos Jansen e as leituras das classes primárias*. Estudos de literatura contemporânea. Páginas de crítica. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert & C., 1885, p. 159-164.

<sup>128</sup> UMA coleção de livros portugueses para as crianças brasileiras. *Página de Educação*. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 06/08/30.

pelos estados de Minas Gerais e São Paulo, respectivamente, como manuais didáticos.<sup>129</sup>

As mais importantes iniciativas educacionais dos estados da federação foram notícia na *Página de Educação*. Geralmente estavam relacionados à questão mais cara a Cecília – as bibliotecas e os livros infantis. A *Festa do Livro* do Espírito Santo mereceu destaque especial no dia 23/09/30.<sup>130</sup> A exposição teve como objetivo incentivar e animar o gosto pela leitura, fazer propaganda do livro brasileiro e contribuir para a organização de bibliotecas fixas e rotativas da Secretaria de Instrução daquele estado. Outra inovação anunciada aos leitores foi a criação de um *Clube para Crianças e Adolescentes* pelo Instituto Brasileiro de Educação.<sup>131</sup> Desenvolvido para suprir a falta de locais próprios ao lazer infantil, contava com biblioteca, cinema educativo, jogos, música, dança, excursões, banhos de mar, além de assistência médica de especialistas, que o instituto dava a seus alunos *no intuito de orientar a prática de divertimentos que, como verdadeiros exercícios físicos, devem ser dosados e adaptados à constituição de cada criança para prevenir distúrbios orgânicos tão fáceis de sobrevirem nessas idades.*<sup>132</sup> A Associação dos Amigos do Livro de São Paulo teve seu dia do livro noticiado pela *Página de Educação*. Além das conferências, da exposição e da feira de livros, a associação se empenhou em fazer chegar ao Ministro da Educação um telegrama solicitando a instituição do *Dia do Livro*, a ser comemorado em 1º de julho ou no início do segundo semestre de cada ano. Reclamava ainda, ao interventor federal

---

<sup>129</sup> REMÉDIOS, Maria José Lago dos. Ana de Castro Osório e a construção da grande aliança entre os povos: dois manuais de autoria da escritora portuguesa adotados no Brasil. *Anais do I Congresso Brasileiro de História da Educação*. Rio de Janeiro, 6 a 9 de novembro de 2000, p. 162-164.

<sup>130</sup> A ATIVIDADE Educacional no Espírito Santo. *Página de Educação*. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 23/09/1930.

<sup>131</sup> O Instituto Brasileiro de Educação foi criado em 1931 por Paschoal Lemme e pela professora Julieta Arruda. Estava localizado à Rua Paissandu, nº 108, no bairro do Flamengo. Posteriormente, mudou-se para a Rua Marquês de Abrantes, 191. Contou com a presença do professor Ernesto Faria, que fundou o “Clube da Mocidade”, que reunia alunos do Colégio e de outros estabelecimentos. Além da biblioteca para crianças, o Instituto contava com uma biblioteca para professores, com obras de pedagogia moderna. Foram criados cursos de nível superior em pedagogia, metodologia, história da educação, psicologia, sociologia e estatística aplicada à educação. Em janeiro de 1933, foi fundada a Sociedade de Pedagogia do Rio de Janeiro, que, sem recursos suficientes para reconhecer os respectivos cursos, o Instituto fechou suas portas nesse mesmo ano. Ver: LEMME, Paschoal. *Memórias*. São Paulo: Cortez; Brasília: INEP, 1988, v. 2, p. 87-97.

<sup>132</sup> *Página de Educação*. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 06/05/31.

em São Paulo, a melhoria dos edifícios e aparelhamentos das bibliotecas públicas existentes, assim como a criação de bibliotecas sucursais ou populares.<sup>133</sup>

No Méier, bairro do Distrito Federal, foi inaugurada uma biblioteca por iniciativa de um grupo de jovens positivistas ligados a *O Jornal*, fato que veio ao encontro de uma urgente necessidade da população suburbana, até então desprovida de tal instituição. A biblioteca era constituída de *seleccionadíssima coleção dos melhores livros de poesia, ciência, história e religião*.<sup>134</sup> A ABE se solidarizou com tal empreendimento, e a Sra. Lúcia Miguel Pereira enviou a *O Jornal* a seguinte carta de congratulação:

A Associação Brasileira de Educação tomando conhecimento da criação, promovida por esse matutino, de bibliotecas populares destinadas às zonas suburbanas e rurais da nossa capital, transmite o seu aplauso a essa feliz iniciativa, e, como se tenha detidamente ocupado com a organização de leituras apropriadas às várias mentalidades da nossa população, está pronta a contribuir nesse sentido, para o bom êxito de semelhante iniciativa, que tão de perto se prende à obra de educação popular inscrita em seu programa de ação.<sup>135</sup>

O Centro de Professores Paulistas de São Paulo anunciava a criação de bibliotecas ambulantes que percorreriam o interior do estado, o que era fruto do novo espírito pedagógico dominante.<sup>136</sup> Outras iniciativas, como palestras e movimentos em prol da criação e organização de bibliotecas escolares, chegavam diariamente ao jornal como resultado do esforço constante das associações de pais e mestres e das secretarias de instrução dos demais estados da União.

A inauguração, organização e a insuficiência de bibliotecas no Distrito Federal foi tema de muitos dos artigos constantes da *Página* e matéria permanente das reivindicações dos membros da Seção de Cooperação da Família e de muitos outros intelectuais da época, como Afrânio Peixoto, Monteiro Lobato e Alexina de Magalhães Pinto. Conquanto fossem iniciativas isoladas empreendidas por

---

<sup>133</sup> DIA do Livro: uma iniciativa sugerida em São Paulo. Página de Educação. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 28/05/31.

<sup>134</sup> BIBLIOTECA Popular do Meyer. Página de Educação. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 14/05/31.

<sup>135</sup> A BIBLIOTECA Popular da Sucursal do O Jornal e a Associação Brasileira de Educação. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 12/09/28.

<sup>136</sup> SÃO PAULO tem um serviço de bibliotecas ambulantes no interior. Página de Educação. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 18/06/31.

diletantes, foram suficientes para criar um movimento que se fortaleceu, tanto assim que alguns educadores como Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e mais tarde Anísio Teixeira, ao empreenderem suas reformas de ensino, acataram algumas dessas sugestões e investiram na criação e no desenvolvimento de bibliotecas escolares e infantis. A inexistência de uma política nacional de cultura, no entanto, impediu que as bibliotecas se difundissem de maneira uniforme. Nos estados onde houve mudanças econômicas e culturais e uma substituição dos costumes tradicionais mais significativa, foi possível uma maior difusão *dos serviços educacionais, pela criação de novas instituições de grande alcance, pelos novos métodos de administração escolar e por uma aplicação mais larga dos métodos científicos aos problemas da educação.*<sup>137</sup> As bibliotecas encontrariam nessas reformas substrato propício ao seu desenvolvimento.

Em 08/11/31, Cecília comunicou a Fernando de Azevedo que estava *trabalhando numa comissão técnica, estudando o que lêem e como lêem as crianças cariocas.* Estava se referindo ao inquérito organizado por ela, citado anteriormente. *Faço-o intensamente, quer como ação quer como intenção. Pode ser que se chegue a uma visão sugestiva do que temos e do que precisamos.*<sup>138</sup> Parecia antecipar, com essas palavras, a biblioteca do Pavilhão Mourisco, criada somente anos mais tarde.

Estamos, por enquanto, atravessando dias preparatórios. As visões claras, espero-as por detrás deles: mas ainda não posso as descortinar, porque a distância inventa os seus mistérios.<sup>139</sup>

---

<sup>137</sup> AZEVEDO, F. *A cultura brasileira*. São Paulo: Melhoramentos/EDUSP, 1971, p.682.

<sup>138</sup> MEIRELES, C. *Carta a Fernando de Azevedo*. Rio de Janeiro, 08/11/31. FA - Cp, Cx. 21, 64. IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros).

<sup>139</sup> *Ibidem*.



*“É preciso que exista, enfim uma hora clara...”*<sup>140</sup>

*“Eureca! Eureca! Você é o líder, Anísio!  
Você é que há de moldar o plano educacional brasileiro.  
Só você tem a inteligência bastante clara e aguda  
para ver dentro do cipal de coisas engolidas e não digeridas  
pelos nossos pedagogos reformadores”.*

Monteiro Lobato

*“As bibliotecas são as instituições básicas  
da educação. Não seria absurdo dizer que, em verdade,  
antecedem às escolas. Pois esta só poderia realmente educar,  
se tiver a Nação um sistema de Bibliotecas, que serviriam  
em cada Estado de focos permanentes para a  
vitalidade e a riqueza das próprias escolas”.*

Anísio Teixeira

O educador Fernando de Azevedo considerava a reforma empreendida por ele no Distrito Federal, a partir de 23 de janeiro de 1928, como o ponto culminante do movimento de renovação educacional no Brasil e *o foco mais intenso de irradiação das novas idéias e técnicas pedagógicas*,<sup>141</sup> tendo sido conceituada por eminentes autoridades nacionais e internacionais *como uma fase nova da história da educação nacional*.<sup>142</sup>

Essa reforma foi responsável pela introdução de um novo conceito em educação, ao implementar no cenário educacional carioca uma verdadeira renovação das técnicas e dos processos escolares, que repercutiu em outros estados brasileiros. Além de privilegiar a função social da escola, atendeu ao seu enriquecimento interno e ao alargamento de seu raio de ação. Buscou a transformação material do aparelho escolar através de um programa de edificações para atender com qualidade às necessidades pedagógicas. Para os novos prédios escolares previa-se a inclusão de gabinetes dentário e médico, laboratório, biblioteca e museu escolar. Essa remodelação não deveria atender apenas às exigências pedagógicas mais imediatas, mas desenvolver no aluno, através da arte, *um dos poderosos*

---

<sup>140</sup> MEIRELES, C. “Futuro”. Mar Absoluto. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958, p. 373.

<sup>141</sup> AZEVEDO, F. *A cultura brasileira*. São Paulo: Melhoramentos/EDUSP, 1971, p. 663.

<sup>142</sup> *Ibidem*.

*instrumentos de transformação social*<sup>143</sup> e um senso estético mais apurado, a começar

pelo próprio ambiente da escola, em que, das linhas arquitetônicas à moldura dos jardins, da paisagem envolvente à decoração interior, tudo possa servir às sugestões da ordem e da harmonia e contribuir assim para despertar e desenvolver, na idade mais acessível e plástica, o sentido da beleza e da arte. A escola não realiza o seu fim primário, essencial e comum, de tornar sensível a alma da criança às incitações da natureza, – o nosso primeiro mestre, da moral e da arte, – senão proporcionando à mocidade das gerações novas um ambiente que seja, na sua eloquência muda, uma lição permanente de beleza, de gosto e de conforto. (...) proporcionar à personalidade infantil meio favorável à sua formação integral, chamando os olhos, para recreá-los e educá-los, à observação da beleza, no equilíbrio das proporções, na harmonia do conjunto e no gosto do detalhe, na propriedade da decoração e no encanto dos cenários naturais.<sup>144</sup>

Para Azevedo, a educação, *para se conformar com o verdadeiro sentido da vida*, se tinha de ser *prática, ativa e dinâmica, intimamente relacionada com os problemas sociais e industriais*, não deveria se basear apenas na filosofia pragmática, *de base econômica e critério estreitamente utilitário*.

A educação, planejada dentro de uma concepção integral da vida deve dilatar as suas finalidades e, aplicando os resultados, aprofundar o sentido de nossas experiências estéticas. Pois, como a vida se reparte entre o trabalho e o prazer, a educação exige um programa amplamente construtivo, que compreenda o verdadeiro entretenimento, do ponto de vista físico e espiritual, desde a alegria dos jogos e exercícios, até o prazer das coletividades e emoções artísticas.<sup>145</sup>

O plano educativo deveria conter tudo o que proporcionasse a elevação do espírito, que pudesse ser utilizado para provocar alegria e a compreensão da beleza. Entretanto, a elevação do espírito não adviria somente da visão do belo. A criação de espaços culturais na escola tinha como meta alargar os horizontes da infância, sendo lugares especiais onde a música, o desenho, os trabalhos manuais, a dança e o teatro fossem privilegiados. As artes deveriam ocupar lugar de proeminência

---

<sup>143</sup> AZEVEDO, F. A Arte, como instrumento de educação, na Reforma. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 12/03/30.

<sup>144</sup> *Ibidem*.

<sup>145</sup> *Ibidem*

nas escolas primárias e não deveriam ser estimuladas apenas como divertimento nos programas de festas e reuniões, mas incorporar-se ao *sistema de educação popular como um dos principais fatores educativos e uma das mais poderosas forças de ação, de equilíbrio e de renovação da coletividade*.<sup>146</sup>

Dentro dessa concepção, Azevedo estabeleceu, através do Decreto nº 2.940 de 22 de novembro de 1928, o Regulamento do Ensino, que deu origem aos instrumentos auxiliares de ensino: o *Boletim de Educação Pública*, a literatura pedagógica, bibliotecas e museus escolares, cinema escolar e rádio, escotismo e intercâmbio interestadual e internacional escolar. O *Boletim de Educação Pública* tornou-se a revista oficial da administração do Distrito Federal, espaço destinado à publicação de trabalhos de pesquisa dos professores da rede municipal. O Regulamento de Ensino previa, ainda, a produção de uma literatura adequada ao público infantil. A criação de bibliotecas e museus escolares em todas as escolas ficou determinada pelo Decreto 3.281 de 23 de janeiro de 1928. Este estipulava que as escolas deveriam manter duas bibliotecas: uma para alunos e outra para professores. Propunha uma organização mais racional da biblioteca da Escola Normal e criava o cargo de bibliotecário, para organizar e administrar as bibliotecas e também atender os alunos e professores que solicitassem esse serviço. Também foi criada, na administração de Azevedo, a Biblioteca dos Professores, que funcionou na sede da Inspetoria do Segundo Distrito e que punha à disposição dos docentes as *obras mais modernas de educação e ensino*.<sup>147</sup> Segundo Vidal, apesar da preocupação de Fernando de Azevedo<sup>148</sup> no que se refere à criação de bibliotecas escolares em sua gestão, ele não se ocupou de *prever-lhes uma instância superior, uma organização central, como fez para os museus de escola*.<sup>149</sup> Essa organização só veio a acontecer na gestão de Anísio Teixeira, com a criação da Biblioteca Central de Educação (BCE).

---

<sup>146</sup> *Ibidem*

<sup>147</sup> VIDAL, Diana Gonçalves. *O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937)*. Doutorado, Faculdade de Educação/USP, 1995, p. 134.

<sup>148</sup> Depois de afastar-se da Diretoria de Instrução Pública, Fernando de Azevedo manteve, em 1933, uma coluna semanal chamada Academia e Escolas no jornal *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro, cujo objetivo era divulgar a agenda de eventos, inscrição de alunos e concursos públicos para professores, além de difundir a educação como um todo.

<sup>149</sup> VIDAL, Diana Gonçalves. *O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937)*. Doutorado, Faculdade de Educação/USP, 1995, p. 135.

Nos últimos meses do ano de 1931, a sucessão para o cargo de Diretor de Instrução do Distrito Federal agitou os meios educacionais. Os educadores e todos aqueles que acreditavam na Reforma Fernando de Azevedo exigiam um dirigente que fosse continuador dessa obra. Entre os possíveis candidatos, chegaram-se a cogitar os nomes de Paulo Maranhão e Theodoro Ramos, que acabaram por declinar do convite. É possível acompanhar as discussões através dos Comentários de Cecília Meireles na *Página de Educação*, tratando do assunto da sucessão: *Um Sonho*, *Tempos Novos* e *A Gravidade de ser Interventor*. Para Cecília Meireles, era grande a responsabilidade de nomear um diretor de instrução pública para o município que tivera a Reforma Fernando de Azevedo, e essa obra não poderia ficar relegada ao esquecimento. O substituto de Azevedo, esperava, deveria ser alguém que desse continuidade a suas realizações. Em *A Gravidade de ser Interventor*, Comentário de 07/10/31, Cecília exigia que o interventor se decidisse a favor de um substituto que fosse talhado para o cargo.

Nós não queremos duvidar das íntimas disposições do dr. Pedro Ernesto, que há dez anos passados tão clamorosamente discutia já a decadência política do país. Somos, assim, obrigados a crer, também, no seu conhecimento completo, perfeito, integral, senão dos detalhes da obra do dr. Fernando de Azevedo – uma vez que isso já seria uma questão propriamente técnica – pelo menos da sua vista de conjunto, e da percepção essencial do seu conteúdo ideológico. Nessas condições – indispensáveis aliás, para ser interventor – o ilustre cirurgião não quererá comprometer o seu nome e seu cargo resolvendo impensadamente a anômala situação da Diretoria Geral de Instrução, comprometendo, ao mesmo tempo, e de maneira irremediável, o espírito revolucionário, que tanto anda sendo satirizado, mas em que nós ainda acreditamos, embora não afirmando que esteja na maior parte das pessoas que o supõem possuir...<sup>150</sup>

Cecília admitia a possibilidade de haver inúmeros candidatos ao cargo, que tanto poderiam ser médicos amigos de Pedro Ernesto ou mesmo *uma dúzia de tenentes, belicosos, disciplinados, magníficos elementos em qualquer transe militar*, porém, como os outros candidatos, *completamente alheios à obra de educação*.<sup>151</sup>

---

<sup>150</sup> MEIRELES, C. A Gravidade de ser Interventor. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 07/10/31.

<sup>151</sup> *Ibidem*.

Como é que o dr. Pedro Ernesto resolverá a situação? Como é que ele procurará acertar, pondo à margem, criteriosamente, todos esses pretendentes adoráveis como amigos, colegas e correligionários – mas destituídos da orientação necessária ao prosseguimento da obra já empreendida e tida como admirável até na Europa!<sup>152</sup>

Finalmente, em 08/10/31, em comentário mais uma vez intitulado *Tempos Novos*, Cecília anuncia a nomeação de Anísio Teixeira como o novo Diretor Geral da Instrução Pública. Seguem-se outros *Comentários*: em *Educar*, comenta a repercussão da indicação de Anísio; em *A Nomeação do Dr. Anísio Teixeira*, reclama da demora da nomeação do novo diretor; em *Para Honra da Revolução*, fala de Pedro Ernesto, a quem elogia pela escolha acertada; em *Justiça*, traz o discurso de posse de Anísio; em *Um Grande Amigo da Infância*, elogia mais uma vez a atitude do interventor e sua escolha, e anuncia, ainda, a construção de um hospital infantil pelo interventor. *Protegidas na sua educação e na sua saúde as crianças de hoje podem dar-nos a esperança de uma renovação brasileira firmemente consolidada desde já nos seus fundamentos essenciais.*<sup>153</sup> E em *Confiança*, deposita sua esperança em Anísio como continuador da Reforma Fernando de Azevedo.

Em 13/10/31, em coluna intitulada *Uma Festa para os Educadores do Brasil*, Cecília Meireles comenta, mais uma vez, o acerto de Pedro Ernesto em convidar Anísio para o cargo de diretor da Instrução, fala da repercussão desse fato em toda a imprensa carioca e junto aos educadores da capital e dos demais estados, e reproduz um artigo do educador Raul Gomes Rodrigues, do jornal *O Dia*, de Curitiba, que também se inquietava com o rumo que a revolução dava à questão educacional.

A revolução regredia para revolta. Porque revolução sem educação não passa de revolta. Muda homens. Mas o substrato permanece o mesmo.

Altera-se a fachada. E tudo o mais cai na rotina.

Os outubristas não ligaram à educação, salvo os de São Paulo onde se guindou Lourenço Filho à direção do ensino.

---

<sup>152</sup> *Ibidem.*

<sup>153</sup> MEIRELES, C. Um Grande Amigo da Criança. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 21/10/31.

Nos demais Estados, cometeram o crime de colocar no mais importante departamento administrativo apenas políticos e politiquinhos, donde o deplorável fenômeno da estagnação como no Paraná, da regressão como na Bahia ou do desmantelo como acontecia no Distrito Federal.<sup>154</sup>

A posse de Anísio Teixeira só ocorreu em 15 de outubro de 1931, depois desse longo processo de discussão. O ciclo administrativo que se iniciou com Antônio Carneiro Leão e Fernando de Azevedo agora teria continuidade. Em seu discurso de posse, Anísio dizia ter consciência de suas *graves responsabilidades* por estar à frente da Diretoria de Instrução, que teve diretores de *reconhecida eminência intelectual*. Estes deixaram *traços fortes de inteligência e de ação*, disse Anísio, referindo-se aos educadores Carneiro Leão e Fernando de Azevedo. Porém, reconhecia que a obra não estava completa, precisava de *adaptação e realização*, bem como da *contribuição de outros técnicos para vir a realizar-se*. Atentava para o fato de que não cabia mais fazer educação por meio de *conjeturas*. A autoridade pessoal deveria ceder lugar a procedimentos mais seguros, mais objetivos e mais científicos.

A obra que temos de realizar aqui, portanto, é obra anônima de todos nós, que nos devemos esquecer de nós mesmos, para tornar a nossa colaboração mais solidária e mais fiel. E nesse trabalho de cooperação a hierarquia segue o caminho oposto da criação intelectual do plano, que foi o trabalho de alguns antecessores. O diretor do serviço educacional é, agora, o seu mais modesto operário. O mestre é quem realiza a obra de educação. O diretor é o simples servidor do mestre.<sup>155</sup>

Anísio traçou seu plano educacional, que segundo ele não se tratava de nenhuma reforma, mas apenas da *reorganização do seu aparelho central de administração e coordenação, de um alargamento da compreensão do ensino público municipal*. Esse plano incluía: a *adoção de cursos secundários gerais*, não oferecidos pelo Distrito Federal (o que trazia conseqüências indesejáveis como o isolamento e a desarticulação entre o sistema municipal e os sistemas estaduais e federais); a *instituição de centros de estudos*, visando ao aperfeiçoamento do magistério; a criação de *bibliotecas para professores e a instalação de escolas experimentais*,

<sup>154</sup> RODRIGUES, Raul Gomes. A significação de um convite. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 13/10/31.

<sup>155</sup> TEIXEIRA, Anísio. Discurso de posse do Diretor Geral de Instrução Pública. *Boletim de Educação Pública*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1/2, jan./jun. 1932, p. 75-76.

bem como outras medidas que se *fizessem necessárias para solucionar os problemas do magistério e o seu melhor aproveitamento*. Essa exposição de motivos foi apresentada ao interventor Pedro Ernesto e acompanhava o texto do Decreto de 28 de janeiro de 1932.<sup>156</sup>

Cecília Meireles, em comentário do dia 28/02/32, elogiou a retomada da Reforma Fernando de Azevedo, empreendida pela nova administração de Anísio Teixeira.

Em quatro meses fez-se um reajustamento capaz de permitir ao organismo geral do ensino um funcionamento que só depende agora da capacidade de cada elemento que nele se articula.

Em quatro meses se estudaram com o mais resolutivo desejo de acertar, todas as múltiplas coisas que giram em torno da obra escolar...<sup>157</sup>

Podemos ressaltar o caráter democrático desse programa de política escolar proposto por Anísio, por procurar estender o ensino secundário, até então organizado em dois sistemas educacionais *diferentes nos seus objetivos sociais e culturais, e, por isso mesmo, instrumento de uma estratificação social e uma separação de classes visceralmente antidemocráticas*.<sup>158</sup> Agora, a escola estava imbuída de novas responsabilidades e deveria, para tanto, se organizar de forma a não reforçar e sancionar os privilégios de classe.

Como seu antecessor, Anísio apresentou uma nova política de edificações escolares, mais econômicos e simples.<sup>159</sup> Dessa forma foi possível atingir e atender os bairros mais periféricos da Capital Federal.

Em pleno Rio de Janeiro, vemos registradas gravemente nos jornais, todos os dias, notícias espantosas de *fundação de escolas* sem prédio, sem instalação, em salas cedidas, em águas-furtadas, verdadeiras "favelas escolares" que a sociedade aprova como qualquer coisa honesta e boa, que espíritos benfazejos estão distribuindo pela cidade.

---

<sup>156</sup> TEIXEIRA, A. Reajustamento do Ensino Primário do Distrito Federal. A exposição de motivos apresentada pelo Dr. Anísio Teixeira e o decreto baixado pelo interventor Dr. Pedro Ernesto. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 29/01/32.

<sup>157</sup> MEIRELES, C. Coisas da Instrução. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 28/02/32.

<sup>158</sup> *Ibidem*.

<sup>159</sup> Sobre o assunto ver: TEIXEIRA, A. Os prédios e o aparelhamento escolares. In: TEIXEIRA, A. *Educação para a democracia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1977, p. 237-248.

São sobrevivências inevitáveis da mentalidade de "paternalismo", "filantropia" e "proteção" aos pobres, que nos ficaram das idades em que se julgavam imóveis as classes e intransferíveis os seus direitos e privilégios.<sup>160</sup>

Todos os prédios deveriam possuir boas condições de iluminação, aeração e asseio, além de conter salas especiais de ensino, salões gerais de auditório, bibliotecas, salas de administração e outros serviços. O plano de edificações escolares previa a construção de 74 novas unidades escolares, a ampliação de 16 prédios e o aproveitamento de 25 prédios existentes. Foram construídos 25 novos prédios em vários bairros, escolhidos segundo a demanda da população e a facilidade de transporte coletivo.

Outra providência de Anísio à frente do Departamento de Educação do Distrito Federal foi a criação do Fundo Escolar do Distrito Federal, por meio do Decreto nº 4.387 de 8 de setembro de 1933, que tinha como objetivo lançar as bases para uma reorganização econômico-financeira da Instrução Pública, bases sem as quais seria impossível a organização satisfatória de qualquer programa escolar eficiente. Nessa reorganização efetuada por ele na Diretoria, todas as alterações feitas visavam à continuidade da reforma de ensino de Fernando de Azevedo e procuravam evitar a duplicidade de esforços, a superposição de funções e o empirismo que imperava.

Em carta de 5 de janeiro de 1931, meses antes de se tornar Diretor Geral da Instrução Pública do Distrito Federal, Anísio escreveu para Lobato: *Leio agora que na Rússia os Soviets já atiraram sobre o solo russo 144 milhões de livros! Os alunos que eram em 1915, 1.230.000, foram em 31, 17.600.000! E nós a engatinharmos.*<sup>161</sup> Essa sua preocupação em fazer chegar leituras, livros e bibliotecas a todos fez com que Anísio percorresse vários caminhos. Um deles foi o esboço de uma associação que resultasse na aproximação de todos aqueles que fossem simpáticos à causa do livro e da leitura, uma associação semelhante à ABE, que congregava educadores. Poderia ter-se chamado Associação Brasileira de Cultura Amigos do Livro ou pela sigla ABC ou ABCAL, Sociedade de Bibliófilos

---

<sup>160</sup> *Ibidem*, p. 237.

<sup>161</sup> VIANNA, Aurélio, FRAIZ, Priscila. (org). *Conversa entre amigos*: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1986, p. 50.



Anônimos ou ainda Sociedade Brasileira de Bibliófilos. A idéia foi interrompida, não se sabe o motivo. Uma de suas metas seria a publicação de *uma biblioteca brasiliense com obras de autores brasileiros e livros sobre o Brasil em edições eruditas ou de estudo com tiragem limitada e numerada*,<sup>162</sup> semelhante à Biblioteca de Educação fundada em 1928, organizada por Lourenço Filho e editada pela Companhia Melhoramentos, ou à Biblioteca Pedagógica Brasileira, *de que as Atualidades Pedagógicas constituem uma das séries principais*,<sup>163</sup> organizada por Fernando de Azevedo e editada pela Companhia Editora Nacional em 1931. É possível que essa idéia de Anísio tenha influenciado a criação dessa biblioteca de Azevedo, já que não se dispõe da data exata dessa sua proposta.<sup>164</sup> A associação poderia ser individual ou coletiva, e as contribuições seriam constituídas por cotas de custeio das edições lançadas.<sup>165</sup> Trazia uma lista de personalidades de quem ele pensava buscar adesão individual para o empreendimento, como: Afrânio Peixoto, Monteiro Lobato, o embaixador Souza Dantas, Roquete Pinto, General Rondon, Armando de Campos, José Olympio e Guilherme Guinle, dentre outros. Listava, ainda, algumas instituições como sócios coletivos: *ABE, Instituto Histórico Brasileiro, Academia Brasileira de Letras, Jornal do Comércio, Diários Associados, Gabinete Português de Leitura, Rotary Clube, Mosteiro São Bento* e outras. Mais que uma empresa que visasse a retorno financeiro, a ABC, ou qualquer outro nome que ela pudesse ter tido, visava, antes de tudo, disseminar um conhecimento brasileiro para brasileiros, material escasso na época em que as traduções dominavam o mercado e os meios pedagógicos. Outra faceta desse entusiasta da leitura pode ser vista pela resolução de abrir mão de seus vencimentos como professor da Escola de Professores, para compra de livros para a biblioteca daquela instituição, o que foi registrado pelo Ofício nº 485 da Diretoria Geral de Instrução.<sup>166</sup>

A administração de Anísio Teixeira foi marcada por essa preocupação incessante com livros e bibliotecas. Assim que assumiu a Diretoria de Instrução, criou, por meio do Artigo 7º do Decreto de 28 de janeiro de 1932, a Biblioteca Central de

---

<sup>162</sup> At pi ABC 31/36.00.00. CPDOC/FGV, Rio de Janeiro.

<sup>163</sup> AZEVEDO, F. *A cultura brasileira*. São Paulo: Melhoramentos/EDUSP, 1971, p. 668. (A Biblioteca Pedagógica Brasileira, sob a direção de Fernando de Azevedo, era constituída de cinco séries: Literatura Infantil, Livros Didáticos, Atualidades Pedagógicas, Iniciação Científica e a Brasiliana.)

<sup>164</sup> At pi ABC 31/36.00.00. CPDOC/FGV, Rio de Janeiro.

<sup>165</sup> *Ibidem*.

<sup>166</sup> NUNES, C. *Anísio Teixeira: a poesia da ação*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000, p. 401 (Nota nº 32).

Educação (BCE), normatizada pelo Decreto nº 3.763 de 1º de fevereiro de 1932, diretamente subordinada ao Diretor Geral do Departamento de Educação. A biblioteca dispunha de uma seção de Filmoteca e de um Museu Central de Educação, para incentivar o intercâmbio bibliográfico ou quaisquer outros que a estes se relacionassem e coordenar as atividades referentes às bibliotecas escolares e ao cinema e museu escolares, bem como as bibliotecas que se fundassem nos Centros de Professores instituídos por esse decreto. O Decreto nº 4.387, de 8 de dezembro de 1933, instituiu a Divisão de Bibliotecas e Cinema Educativo, incluindo-a juntamente com a Seção de Museus e Radiodifusão no Instituto de Pesquisas Educacionais. Essa divisão passou a constituir, pelo Decreto nº 4.638, em 17 de janeiro de 1934, uma divisão autônoma, imediatamente subordinada ao Diretor Geral do Departamento,<sup>167</sup> para melhor articular-se com o sistema. A Divisão de Bibliotecas e Cinema Educativo (DBCE) compreendia as seguintes instituições: a Biblioteca Central de Educação (BCE); a Filmoteca Central, seção da Biblioteca; as Bibliotecas Escolares, para professores e alunos; seções bibliotecárias especializadas junto às principais dependências técnicas da administração do Departamento; bibliotecas de continuação das escolares; e as bibliotecas populares de bairros. A Filmoteca Central tinha como objetivo selecionar e adquirir filmes e material de projeção em geral, para serem distribuídos por toda a rede escolar municipal e manter o cinema escolar e peri-escolar.

As bibliotecas constituíram, portanto, uma das instâncias de maior importância dentro da reforma do Distrito Federal. Segundo Anísio, o professor primário deveria ter

constante e contínuo aperfeiçoamento profissional, de cunho cultural cada vez mais largo, embora especializado (especialização de ponto de vista e não quantitativa) que não pode correr por conta de recursos individuais, nem pode pesar sobre estes. É a própria direção da educação pública que tem de oferecer ao seu magistério, de todos os graus e especialidades, e aos seus técnicos, pesquisadores e planejadores, os elementos de estudo e de informações abundantes, complexos, difíceis de reunir, inacessíveis aos esforços isolados, cuja necessidade só aquela espécie de ignorância que não permite sequer saber

---

<sup>167</sup> TEIXEIRA, A. *Educação pública - Administração e desenvolvimento*. Relatório do Diretor Geral do Departamento de Educação do Distrito Federal: Anísio Teixeira. Dezembro de 1934. Oficina Gráfica do Departamento de Educação, Rio de Janeiro, 1935, p. 231-242.

que ignora poderá deixar de sentir. A "fonte limpa" de todos os que procuram saber será essa BCE, coroamento de todo um sistema de bibliotecas de trabalho, a partir das bibliotecas de classe e das bibliotecas escolares, as pequeninas "centrais" de cada escola, coordenadas e orientadas por um centro técnico a que se liga diretamente a BCE – a Divisão de Bibliotecas do Departamento de Educação.<sup>168</sup>

A Biblioteca Central de Educação, dirigida por Armando de Campos Pereira, nomeado em 29 de maio de 1934, tinha como objetivo principal oferecer aos professores da rede pública melhores condições de aprimoramento profissional e cultural, além de funcionar como estimuladora das atividades das bibliotecas e cinematecas criadas nas unidades escolares. Foi criada como órgão central de coordenação e orientação, ou seja, seus principais objetivos eram: realizar seleção, aquisição e distribuição de livros para as bibliotecas escolares, as dependências do Departamento e para os estudantes da rede pública, e de publicações do Departamento de Educação para as escolas; oferecer aos professores da rede pública condições suficientes para o seu aprimoramento profissional e cultural, mediante o oferecimento de cursos de extensão ou continuação, assim como de especialização e aperfeiçoamento; e funcionar como estimuladora das atividades das bibliotecas e cinematecas criadas nas unidades escolares. A legislação anterior, instituída na gestão Fernando de Azevedo com o Decreto 3.281 de 23 de janeiro de 1928, dizia respeito somente às bibliotecas escolares, com uma seção para professores e outra para alunos, *sem órgãos centrais, entretanto, de orientação, coordenação e controle*.<sup>169</sup> Quanto ao cinema, as salas eram destinadas a projeções fixas e animadas, não dispendo também de um órgão central que coordenasse essas atividades. As atividades da BCE foram iniciadas muito antes do Decreto de 1º de fevereiro de 1932, graças a uma *verba orçamentária conseguida para compra de livros e assinatura de revistas para a então Diretoria Geral de Instrução Pública*.<sup>170</sup>

O acervo da BCE, à época do relatório do Diretor do Departamento de Educação, contava com 10.219 obras catalogadas, desdobradas em 15.642 volumes ou

---

<sup>168</sup> *Ibidem*.

<sup>169</sup> TEIXEIRA, A. A administração central do sistema escolar. In: TEIXEIRA, A. *Educação para a democracia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1977, p. 137.

<sup>170</sup> *Ibidem*.

unidades de séries, incluindo folhetos, mapas, quadros murais, músicas, material didático e jogos educativos. Quanto às revistas, a biblioteca mantinha 157 assinaturas, sendo 68 de publicações nacionais e 89 de estrangeiras. As revistas de assuntos especificamente educacionais totalizavam 89, dentro das mais modernas propostas editoriais daquele momento. Quanto aos livros, predominavam obras educacionais e culturais. Parte desse material foi obtida por meio de ofertas de editores e intercâmbio com outras instituições. A BCE procurou selecionar suas aquisições dentre os trabalhos mais atualizados publicados no Brasil e também nos Estados Unidos, França, Inglaterra, Itália, Bélgica e Espanha. A aquisição dessas obras era feita por meio de um serviço regular com as principais casas editoras americanas e européias, direto ou coadjuvado por professores comissionados. A BCE

como uma biblioteca de educação, central, procura reunir o que de mais útil e necessário pode ser oferecido ao magistério e aos educadores do Distrito Federal, enriquecendo o seu patrimônio com obras de pedagogia propriamente dita, além de todas as outras que interessam, de um modo geral, a qualquer biblioteca de cultura, tendo em vista particularmente todas as matérias de ensino nos seus diferentes graus.<sup>171</sup>

O intercâmbio bibliográfico nacional e internacional, previsto como um dos seus principais objetivos, efetivou-se, sendo o seu principal elemento de troca o *Boletim de Educação Pública*. Este continha as informações das iniciativas do Departamento e trabalhos elaborados nas várias dependências técnicas por professores e técnicos de educação, servindo de estímulo a educadores de outros estados que buscavam as inovações efetivadas no Distrito Federal como incentivo para sua própria atuação. A BCE manteve correspondência de intercâmbio bibliográfico com 100 centros de publicidade nacionais e 46 centros estrangeiros, como: *American Library Association*, de Chicago; *The American Scholl and Education*, de New York, *Der Ausland Deutsche*, de Stuttgart; *Bureau Internacional de L'Education (BIE)*, de Genebra; *Consejo Nacional de Educación*, de Buenos Aires; *La Cultura Española*, de Madrid; e *Institut Jean Jacques Rousseau*, de Genebra.

---

<sup>171</sup> TEIXEIRA, A. *Educação pública - Administração e desenvolvimento*. Relatório do Diretor Geral do Departamento de Educação do Distrito Federal: Anísio Teixeira. Dezembro de 1934. Oficina Gráfica do Departamento de Educação, Rio de Janeiro, 1935, p. 231-242.

A BCE manteve cursos totalmente gratuitos destinados aos professores e funcionários do Departamento. Dividiam-se em cursos instrumentais, cursos de extensão cultural ou documentais e cursos de especialização e aperfeiçoamento. Eram ministrados cursos instrumentais das línguas inglesa, francesa, alemã e italiana. O curso intensivo de inglês manteve intercâmbio direto com o *Orthological Institute* de Londres e New York. As aulas eram distribuídas em 50 lições diárias (menos aos sábados) com uma hora de duração, nos horários da manhã e tarde. Eram admitidos 12 alunos em cada uma das 4 turmas, todos funcionários do Departamento. Para esse mister, o Departamento contratou o professor Anagar Knud Jensen. O curso instrumental de estatística ficou sob a responsabilidade dos professores Fernando R. da Silveira, Paulo Accioly de Sá e Nelson Teixeira.<sup>172</sup> Cerca de 160 professores fizeram o curso de manejo de aparelhos de projeção; entretanto, nem todas as escolas tiveram pessoal habilitado para essa função, em virtude de transferências ou afastamentos. Os cursos de especialização e aperfeiçoamento, como a denominação indica, abrangiam

matérias ou assuntos até então não estudados, especialmente para exercício de atividades novas, tais como bibliotecas escolares, exigindo noções gerais dos liames entre a educação sistemática e as bibliotecas, noções especializadas, embora elementares, sobre bibliotecas (biblioteconomia e bibliotecnia) e sobre bibliografia, bem como noções sobre bibliotecas escolares, seus objetivos, sua organização e funcionamento.<sup>173</sup>

Também foram organizados cursos de extensão cultural, com professores de Ciências Sociais. O professor Hermes Lima ficou responsável pelo Curso de Divulgação de Teorias Sociológicas Contemporâneas, o professor Pedro Calmon pelo Curso de História da Civilização Brasileira e o professor Múcio Leão ofereceu o Curso de Conferências, em comemoração ao aniversário da morte de João Ribeiro.<sup>174</sup>

---

<sup>172</sup> Irmão de Anísio Teixeira.

<sup>173</sup> CAMPOS, A. Cursos de Extensão, Especialização e de Aperfeiçoamento na BCE. *Boletim de Educação Pública*, Rio de Janeiro, 5(1-2), jan./jun. 1935, p. 142-144.

<sup>174</sup> Tratava-se de João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes, filólogo, poeta e prosador sergipano. Foi professor de Português e História, no Colégio Pedro II. Ingressou na Academia Brasileira de Letras em 1898 e ocupou a cadeira de Pedro Luís. Deixou vasta obra literária, difundindo o estudo da história, da língua e do folclore nacionais. (Enciclopédia Brasileira Globo. Porto Alegre: Editora Globo, 1965, p. 3611.

A Biblioteca Central de Educação foi instalada na sede provisória da Diretoria Geral do Departamento de Educação, localizada no Largo do Estácio. No início ocupou apenas uma sala, mas, à medida que seus serviços foram se ampliando, chegou a ocupar cinco dependências. Esse crescimento demandou a mudança da Biblioteca para outros dois endereços. Ocupou, primeiramente, o 8º andar do Edifício Carioca, em instalação conjunta com o Instituto de Pesquisas Educacionais, onde dispunha de 8 salas. A seguir foi transferida para o 5º andar do edifício do jornal *A Noite*, onde dispunha de 16 salas e gabinetes, utilizando, ainda, um corredor como galeria de exposição de material didático ou auxiliar de ensino, de decoração escolar, jogos infantis, etc. Segundo Anísio Teixeira,<sup>175</sup> as instalações da BCE compreendiam um vestíbulo com mostruário organizado pelas editoras, para exposição de suas publicações mais recentes, uma portaria e uma seção de informações e protocolo, encarregada da entrega dos livros distribuídos às bibliotecas escolares, chamadas por edital, e onde eram vendidas as publicações não distribuídas gratuitamente para o pessoal do Departamento de Educação. Havia ainda duas salas destinadas a leitura e consultas, uma com os livros de referência ou de consulta propriamente dita e a outra com revistas nacionais e estrangeiras, assinadas ou obtidas por intercâmbio. Havia também outras duas salas, idênticas às acima referidas, funcionando como seções juvenis e de educação secundária, e servindo de biblioteca escolar experimental de escolas secundárias gerais e técnicas. Em outras duas salas, funcionavam uma seção infantil e de educação elementar, que igualmente servia de biblioteca escolar experimental para as escolas elementares.<sup>176</sup> Havia ainda uma sala de reuniões e cursos, duas salas de estudo destinadas a leitura, consultas e debates, uma sala para direção, onde eram armazenadas as multiplicatas destinadas a trocas com outras bibliotecas, os livros novos para inventário e catalogação, os livros e publicações especiais de biblioteconomia e bibliografia, arquivos de recortes de jornais e outras publicações periódicas em classificação e de iconoteca (gravuras). Outra sala era utilizada para trabalho de secretaria, correspondência, intercâmbio, catalogação, registro e inventário. Duas salas serviam como depósitos de livros, coleções de fundo e mapoteca. A sala de filmoteca continha estantes para filmes

---

<sup>175</sup> TEIXEIRA, A. *Educação pública - Administração e desenvolvimento*. Relatório do Diretor Geral do Departamento de Educação do Distrito Federal: Anísio Teixeira. Dezembro de 1934. Oficina Gráfica do Departamento de Educação, Rio de Janeiro, 1935, p. 231-242.

<sup>176</sup> Essa seção servia à Escola Vicente Licínio Cardoso, como biblioteca escolar, pela sua proximidade.

de medida reduzida (ininflamáveis) e filmes de medida universal (inflamáveis), e era onde permaneciam o chefe da Filмотeca e Cinema Escolar, o operador e o mecânico cinematográfico; nessa sala funcionava a Comissão de Censura e Seleção de Filmes Educativos. Dois pequenos anexos da Filмотeca serviam de câmara escura e laboratório de filmes de medida reduzida. Havia também uma sala de trabalhos de distribuição de livros e publicações para as bibliotecas escolares e seções de bibliotecas parciais de serviços técnicos do Departamento de Educação, bem como uma sala destinada às atividades do departamento circulante, que se desdobrariam em duas modalidades: a dos empréstimos e a das bibliotecas ambulantes, que não se estabeleceram.

A organização da BCE, ao dispor livros e revistas nas próprias salas de leitura, instituiu relativa novidade no Brasil e ensaiava o sistema semi-aberto, o mais generalizado nos Estados Unidos. A BCE pretendia, mais tarde, introduzir o sistema aberto em suas instalações, sistema tentado naquele país em algumas de suas bibliotecas mais modernas. Estava previsto um edifício de onze ou doze andares, para centralizar a Diretoria do Departamento de Educação e suas ramificações técnicas. A BCE ocuparia o subsolo, que serviria como estufa de desinfecção e depósito de livros, e dois outros andares superiores, para as demais instalações.

A BCE, no entanto, funcionou de forma precária e jamais teve sede própria, contando sobretudo com a colaboração dos professores. Apesar da precariedade de seu funcionamento, prestou serviços relevantes à comunidade escolar, com seus cursos de línguas e de manejo de aparelhos cinematográficos, com as inovações introduzidas na disponibilização de seu acervo para os consulentes e com a distribuição de livros para toda a comunidade escolar.

Atualmente, o acervo da BCE pode ser encontrado na Biblioteca Popular da Glória, no Rio de Janeiro. Conquanto se tenha preservado a maior parte de sua coleção, esta não se encontra inteiramente catalogada. Apesar disso, foi possível localizar 89 obras, das quais 79 são referentes a criação, organização e administração de bibliotecas e 11 obras tratam da literatura infanto-juvenil. Das primeiras, apenas 10,1% foram escritos em língua portuguesa. Os outros 89,9% foram publicados em italiano, francês, espanhol e inglês, língua em que se encontra a maioria das obras.

Das publicações em língua inglesa, a grande maioria foi editada pela *American Library Association*, de Chicago (EUA).

**Tabela 1. Biblioteca Central de Educação (Acervo/Idiomas) <sup>177</sup>**

Português	Inglês	Espanhol	Francês	Italiano	Total de Registros
9	46	15	14	5	89
(10,1%)	(51,7%)	(16,9%)	(15,7%)	(5,6%)	(100%)

Algumas dessas obras parecem ter sido bastante utilizadas, conforme se pode deduzir pelo estado em que se encontram, ou seja, têm várias marcas de leitura e anotações feitas nas margens de várias de suas páginas. São elas: *Biblioteca en la Escuela*, de Manuel Barroso, e *Bibliotecas Escolares*, de Lorenzo Luzuriaga, obras que, apesar de conterem algumas sugestões, não são manuais de organização e administração de bibliotecas escolares, tratam a biblioteca como instrumento de ação pedagógica na escola. Manuel Barroso<sup>178</sup> discute a importância que as bibliotecas escolares têm na Educação Nova e traz sugestões que deveriam ser observadas pelos professores para incentivar o trabalho pedagógico na biblioteca escolar: a criação de associações infantis; a inserção dos alunos na direção e administração da biblioteca; a criação de reuniões periódicas onde se desenvolvessem atividades lúdicas, cursos de leitura e conferências; a classificação dos livros por idade, a fim de incentivar o aluno a conhecer e a encontrar o livro que desejasse; a criação de uma revista infantil impressa ou

<sup>177</sup> Informações colhidas junto ao Catálogo da Biblioteca Popular da Glória (Rio de Janeiro), pertencente ao acervo da Biblioteca Central de Educação do Distrito Federal (BCE).

<sup>178</sup> BARROSO, Manuel. *La biblioteca en la escuela*. Centro de Actividades. Buenos Aires: Editorial Kapelusz, 1934.



manuscrita, mantida pela biblioteca e organizada pelos alunos; a organização de atividades como o Dia do Livro; e a promoção de campanhas de doação de livros junto à comunidade. Para ele, a função das bibliotecas escolares na Escola Nova ultrapassava a mera organização e boa administração.

En una palabra, falta una reglamentación sin barreras, para tener bibliotecas escolares, que no escondan sus libros, que auxilién al maestro buscando al lector y que sirvan de puente de oro para la instrucción y educación postescolar, obra de toda la vida.<sup>179</sup>

Para Luzuriaga,<sup>180</sup> a biblioteca era uma das instituições fundamentais da escola, e deveria contribuir para despertar o interesse das crianças pelos livros, pelas leituras livres e espontâneas, além de servir de complemento e afirmação do trabalho docente. Outro autor que parece ter sido bastante lido pelos professores é Menegale.<sup>181</sup> Este atentava para o fato de que não havia mais razão para vedar o acesso das crianças à biblioteca: cabia aos professores incentivar seu uso, por meio de estratégias para incrementar a leitura infantil.

Toda essa rede a serviço da escolarização da cidade do Rio de Janeiro fora imaginada como uma espécie de empurrão na direção de uma corrida para a frente, isto é, como instrumento para a constituição efetiva de um sistema público de ensino que aproximasse a cultura erudita da cultura popular e condicionasse a produção de conhecimento a uma política de formação de professores.<sup>182</sup>

A formação dos novos mestres era preocupação constante de Anísio Teixeira. Em entrevista concedida a Cecília Meireles, em 17/10/31, ele expunha sua proposta de formação de professores, que previa um estudo mais acurado da função de formação que cabia à Escola Normal.

A que temos está sendo pouco mais que uma escola secundária comum. Alguns belos nomes que a tem servido e que a servem com o seu prestígio e a sua cultura não bastam para lhe dar o caráter que precisa ter e que é,

---

<sup>179</sup> *Ibidem*, p. 19.

<sup>180</sup> LUZURIAGA, Lorenzo. *Bibliotecas escolares*. Madrid, Revista de Pedagogia, 1927.

<sup>181</sup> MENEGALE, J. Guimarães. *O que é e o que deve ser a Biblioteca Pública*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1932.

<sup>182</sup> NUNES, C. *Anísio Teixeira: a poesia da ação*. Tese de Doutorado/PUC-Rio, 1991, v. 2, p. 233-234.

especializadamente, o de uma escola de preparar para a profissão de professor.<sup>183</sup>

A Escola Normal, reformulada dentro do projeto de ampliação da Reforma Fernando de Azevedo, entre os anos de 1928 e 1930, foi mais uma vez reorganizada e, desta vez, transformada em Instituto de Educação por Anísio Teixeira, pelo Decreto 3.810 de 19 de março de 1932. O modelo de Escola de Professores implantado na reforma anisiana pautava-se na qualidade do conteúdo do ensino a ser ministrado aos futuros professores. Não bastava ocupar-se com a formação do professor. Impunha-se como necessidade transformar a carreira do magistério, no sentido de valorizá-la a fim de exigir do professor a competência técnica necessária ao desempenho do seu trabalho. *Porque o professor é o maior artista da humanidade. E o seu próprio criador.*<sup>184</sup> Foram introduzidas inovações na formação dos professores primários do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, tida por Anísio como um dos problemas mais graves a ser considerado por sua administração: a elevação do curso ao nível universitário, a regulamentação do magistério e a incorporação à antiga Escola Normal das escolas anexas, do jardim de infância e da escola de aplicação.

Havia diferenças entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo quanto à concepção que deveria nortear a formação dos novos mestres. Para Azevedo, *a cultura utilitária e os estudos desinteressados, o espírito científico e o espírito literário, as necessidades de cultura geral e do preparo especializado*<sup>185</sup> deveriam estar integrados de forma harmoniosa com o ensino normal. Para Anísio, na escola normal deveria prevalecer o preparo profissional.

Nenhuma reforma, como nenhum melhoramento de ordem essencial se pode fazer em educação, que não dependa, substancialmente, do mestre a quem vamos confiar a escola.

Em nossa preocupação, tão viva hoje, pela educação popular e universal, não nos temos apercebido de que, acima do número de escolas e do número de alunos matriculados, importa a qualidade do mestre, o seu preparo cultural e técnico, as

---

<sup>183</sup> MEIRELES, C. Uma entrevista com o novo Diretor da Instrução. As idéias, os planos e a visão geral do Dr. Anísio Teixeira. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 17/10/31.

<sup>184</sup> *Ibidem*.

<sup>185</sup> AZEVEDO, F. A formação do professorado e a reforma. *Boletim de Educação Pública*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, out./dez. 1930, p. 484.

suas condições de remuneração e de trabalho e os seus atributos de formação moral e social.<sup>186</sup>

Anísio promoveu a ampliação da biblioteca do Instituto de Educação, com o propósito de que este auxiliasse na formação de professores e funcionasse como espaço estimulador do hábito da leitura e da aquisição de conhecimentos através de investigação e pesquisa. Privilegiavam-se as atividades de pesquisa bibliográfica ou documental, seguidas de debates e análises acerca do material coletado. Para assegurar a freqüência foi providenciado, já a partir do Ciclo Complementar, que nos horários escolares estivessem previstos tempos destinados à leitura na biblioteca pelos alunos, pelo Decreto 5.000 de 11 de julho de 1934. Esse decreto, na verdade, não regulamentava apenas as atividades do Instituto de Educação, mas os tempos escolares de todas as unidades educacionais do Distrito Federal. Seu artigo 4º determinava que os últimos trinta (30) minutos do tempo anterior ao recreio fossem destinados ao estudo individual na classe, com uso da biblioteca, ficando com a responsabilidade da turma o professor que antecederesse o período de estudo. Esse professor ficaria com a obrigação de permanecer na sala de aula para guiar a turma no estudo individual.<sup>187</sup> A biblioteca possuía obras de literatura infantil, que as professoras do ensino elementar utilizavam em sala de aula para motivar seus alunos. Esse acervo beneficiava, ainda, as futuras mestras nas aulas de leitura, linguagem e literatura infantil. Nessa última disciplina as alunas aprendiam a selecionar, analisar e compor livros infanto-juvenis destinados a seus futuros alunos, bem como organizar bibliotecas e incentivar o hábito da leitura.

Além disso, também estava previsto o ensino de técnicas de leitura, para auxiliar o aluno na assimilação do texto lido. Para Lourenço Filho, que estava à frente do Instituto, era necessário saber disciplinar e reforçar as práticas de leitura. Segundo ele, *uma escola sem biblioteca, era um instrumento imperfeito. (...) uma biblioteca*

---

<sup>186</sup> TEIXEIRA, A. Reorganização do Ensino Normal e sua transposição para o plano universitário: criação. *Boletim de Educação Pública*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1/2, jan./jun. 1932, p. 110-117.

<sup>187</sup> TEIXEIRA, A. Instruções determinando o horário nas escolas elementares e dando outras providências. *Boletim de Educação Pública*, Rio de Janeiro, 5(1-2), jan./jun. 1935, p. 96.

*sem ensino adequado de leitura, sem o estímulo à organização e coordenação do ler, seria instrumento vago e incerto.*<sup>188</sup>

Quanto à escola elementar, Anísio detectou a incapacidade desta em reter os alunos. Dos 84.530 alunos do ano de 1932, o 1º ano contava com 39.978 alunos, o 2º ano com 19.265 alunos, o 3º com 13.544 alunos, o 4º ano com 7.593 alunos e o 5º ano com 4.150 alunos, apenas 4,9% do contingente que havia ingressado no 1º ano. Essa *fotografia* era bastante elucidativa. Desses milhares de alunos que abandonavam a escola e ingressavam no mundo do trabalho, a grande maioria mal sabia ler, escrever e fazer contas. Mesmo aqueles que chegavam ao final do 5º ano de escolaridade não se achavam prontos nessas habilidades básicas. Não bastava apenas *saber ler uma notícia de jornal, o nome das ruas nas esquinas e fazer certo a conta com o vendeiro*. Para ele, *seria preciso um curioso poder de imaginação para julgar que isto salva o Brasil e resolve os problemas da educação nacional.*<sup>189</sup> Se o mal brasileiro era a falta de escolas, o maior mal era a própria escola existente. O problema também não se resumia à simples alfabetização. As escolas alfabetizavam, mas era preciso mais que isso. A escola devia

ensinar a todos a viver melhor, a ter a casa mais cuidada e mais higiênica; a dar às tarefas mais atenção, mais meticulosidade, mais esforço e maior eficiência; a manter padrões mais razoáveis de vida familiar e social; a promover o progresso individual através da higiene e dos hábitos de leitura e estudo, indagação e crítica, meditação e conhecimento.

(...)

Ler, escrever e contar é indispensável, mas é fator precário de qualquer acréscimo de rendimento no trabalho do brasileiro ou de qualquer transformação útil nas suas rotinas, se a tais habilidades, puramente automáticas, não se juntarem os hábitos da leitura inteligente e selecionada, da pesquisa de soluções para os problemas cotidianos de vida ou de profissão.<sup>190</sup>

---

<sup>188</sup> Lourenço Filho (1944:4), *apud* VIDAL, Diana Gonçalves. Livros, leituras e práticas de formação docente: O Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937). 20ª ANPEd, 1997, p. 12-13.

<sup>189</sup> TEIXEIRA, A. A educação elementar e os seus objetivos. In: TEIXEIRA, A. *Educação para a democracia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1977, p. 81.

<sup>190</sup> *Ibidem*, p. 82.

As crianças das classes populares eram as mais carentes dessa leitura ampla, pois não tinham os privilégios que as crianças de elevado padrão de vida possuíam: *livros, revistas e sugestões de toda ordem para lerem, aprenderem por si e assim se educarem*. Estas eram *crianças-exceção*. As crianças do povo só possuíam a escola. *Nem livros, nem o exemplo da leitura, nem, o que é pior, a necessidade da leitura.*<sup>191</sup> A criança do povo precisava *ter na escola mais alguma coisa do que o ensino a toque de caixa de leitura, escrita e contas.*<sup>192</sup>

Não é luxo de pedagogia suntuária, tal aspiração; mas sentimento de que devemos ao povo brasileiro alguma coisa além do simples alfabeto decorado às pressas. Pouco tem ele a fazer com esse alfabeto-panacéia, se não lhe preparamos simultaneamente o caráter, a ambição e o hábito de fazer bem tudo quanto lhe for necessário fazer, dentro das variantes naturais de capacidade.<sup>193</sup>

E mais adiante:

Isso, porém, não é tarefa que possa ser realizada no curto prazo necessário a obter o automatismo da leitura, da escrita e das quatro operações. Conseguido o domínio destes instrumentos escolares, resta toda a obra de familiarizar a criança com os aspectos fundamentais da civilização, habituá-la ao manejo de instrumentos mais aperfeiçoados de cultura e dar-lhe segurança de inteligência e de crítica para viver em um meio de mudança e transformação permanentes.<sup>194</sup>

Essa nova escola não poderia atender a tantas demandas sem o concurso das bibliotecas. *Que vale ensinar a ler, se não há o que ler?*<sup>195</sup> As bibliotecas desenvolveram-se sob a orientação da DBCE, que escolhia, adquiria e distribuía livros e publicações julgadas mais convenientes ao seu provimento. Cerca de 70 escolas do Distrito Federal dispunham de bibliotecas *mais ou menos dignas desse nome, embora com organização suscetível de desenvolvimento.*<sup>196</sup> Em todas as escolas foram iniciadas atividades de biblioteca, mesmo naquelas que não

---

<sup>191</sup> *Ibidem*.

<sup>192</sup> *Ibidem*, p. 83.

<sup>193</sup> *Ibidem*.

<sup>194</sup> *Ibidem*, p. 85.

<sup>195</sup> TEIXEIRA, A. A educação rural. In: TEIXEIRA, A. *Educação para a democracia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1977, p. 102.

<sup>196</sup> TEIXEIRA, A. *Educação pública - Administração e desenvolvimento*. Relatório do Diretor Geral do Departamento de Educação do Distrito Federal: Anísio Teixeira. Dezembro de 1934. Oficina Gráfica do Departamento de Educação, Rio de Janeiro, 1935, p. 231-242.

dispunham de sala especial. Nessas escolas a leitura silenciosa era feita na própria sala de aula, porém era mantido um serviço de empréstimo de livros.

É uma atividade da "escola nova" ensinar o uso da leitura, bem diversa da "escola velha" que ensinava apenas a ler. É todo um mundo novo, de infinitas perspectivas, que se abre às escolas, às escolas primárias, as antigas escolas alfabetizadoras, com o provê-las do que já chamam os norte-americanos "o coração da escola".

As crianças, uma vez adquirido o instrumento – leitura – já o utilizam, lendo o que dantes era raro privilégio dos bem nascidos e bem criados por pais cultos, ricos e zelosos.

A verdadeira literatura infantil, e não o famigerado compêndio didático ou livro mal-amanhado de ensino, a verdadeira literatura infantil franqueou largamente as portas da escola pública, da escola democrática, cujos alunos de todas as condições e possibilidades recebem a sua atração e de atraídos vão passando a conquistados e a habituados a leitura, a princípio guiada, depois livre e espontânea, ora recreativa, ora de estudo e pesquisa de informações, cuja necessidade vão sentindo.<sup>197</sup>

Segundo Anísio Teixeira, a BCE, e posteriormente a DBCE fizeram 31 distribuições de livros e publicações para escolas do Distrito Federal, num total de 94.235 volumes.

---

<sup>197</sup> *Ibidem.*

**Tabela 2. Livros e publicações distribuídas às escolas municipais pela BCE<sup>198</sup>**

Ano	Distribuições	Total
1932	2	6.654
1933	17	23.947
1934	13	63.634

Anísio destaca duas grandes distribuições efetuadas em 1933 e 1934, destinadas aos alunos que haviam concluído o curso da escola elementar. Na primeira, foram distribuídos 3.967 volumes dos livros *História do Mundo para as Crianças*, com adaptação de Monteiro Lobato, e *Contos de Hauff*, traduzido e adaptado por Lina Hirsch. Na segunda campanha foram distribuídos 6.219 volumes, para estudantes, do livro *Memórias*, de Humberto de Campos. Essas distribuições tinham como objetivo oferecer aos alunos uma *lembrança das escolas que cursaram e sugestão para continuação da leitura*.<sup>199</sup> Além dessas distribuições destinadas às escolas, foram remetidas, até 1934, 10.836 publicações para os órgãos técnicos e as dependências do Departamento, bem como para outras repartições e instituições da Prefeitura do Distrito Federal.

As escolas também recebiam livros e publicações enviados por particulares e instituições como o *Rotary Clube* do Rio de Janeiro, que doou uma biblioteca, em fevereiro de 1932, à escola municipal Estados Unidos, com a colaboração de seus sócios. Essa doação foi feita dentro do intercâmbio que essa instituição procurou

<sup>198</sup> *Ibidem.*

<sup>199</sup> *Ibidem*

manter com a comunidade educacional, bem nos moldes dos tempos de incentivo às bibliotecas, feito em conjunto com a ABE.

Segundo Nunes,

A reforma do ensino do Distrito Federal na gestão de Anísio constituiu um processo de reinvenção do espaço escolar (e social) cuja direção se fez no sentido de: empurrar a escola para fora de si mesma, ampliando sua área de influência na cidade; atravessar o espelho da cultura européia e norte-americana para elaborar um conhecimento instrumental sobre a realidade e educação brasileiras; retirar o problema do governo da educação da tutela da Igreja e do Estado; construir representações sobre a escola e a sociedade, criando saberes e definindo prioridades; lutar contra os "destinos escolares", procurando quebrar as barreiras hierárquicas impostas por uma rígida divisão social, o que criou conflitos em vários níveis: no nível governamental, entre as iniciativas do governo municipal e as exigências do governo central; no nível ideológico, entre as propostas do governo municipal e as provenientes de grupos católicos e esquerdistas; e ao nível das próprias escolas em funcionamento, o que é indicativo do caráter polêmico dessa gestão.<sup>200</sup>

Anísio se sentia confiante com os resultados de seu trabalho à frente do Departamento de Educação. Havia inaugurado a Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco, em agosto de 1934, e criado a Universidade do Distrito Federal, pelo Decreto nº 5513 de 4 de abril de 1935. Apesar das críticas acirradas dos detratores de sua obra, antevia um período de consolidação de tudo o que havia sido feito até então, uma nova etapa de realizações que coroava o que fora realizado nos quatro primeiros anos de sua gestão.

Até agora, o que está definitivamente conquistado é muito e é pouco. É muito pelo que representou de esforço e de trabalho e pelo que vai assegurar de progresso. E é pouco pelo que resta ainda a fazer. Com efeito, esse rápido período de administração não permitiu senão tomar consciência do estado em que se encontrava a escola, traçar-lhe os planos de reorganização imediata e encaminhar

---

<sup>200</sup> NUNES, C. *Anísio Teixeira: a poesia da ação*. Tese de Doutorado/PUC-Rio, 1991, v. 2, p. 230-231.



a execução desses planos de forma objetiva, controlada e racional. De agora por diante é que começa a progredir o sistema escolar do Distrito Federal.<sup>201</sup>

Muitos foram os ataques feitos à obra de Anísio Teixeira. Em vários momentos, cansado pelos golpes recebidos, reclamava com o amigo Fernando de Azevedo. Os inimigos de sua obra trabalhavam *subterraneamente*. *Sinto os sintomas desse movimento à socapa, (...) sinto alargar-se o círculo dos que vêem na minha saída uma oportunidade larga para não sei que proveitos.*<sup>202</sup>

Os ataques vieram de todos os lados, principalmente da vertente católica, na insidiosa campanha encabeçada por Tristão de Ataíde, que sempre procurou desmoralizar a Escola Nova e confundi-la com o comunismo. *Acusado de ateísmo, de populista, de estatizante e americanizante, de subversivo pela defesa da escola única, Anísio se revelou o alvo fácil para se atingir Pedro Ernesto.*<sup>203</sup>

Paschoal Lemme, em suas *Memórias*, dizia guardar tristes recordações dessa época:

No auge da campanha de tentativa de desmoralização da obra de Anísio Teixeira e seus colaboradores, houve certa alta patente militar que endossou a acusação caluniosa de que, nos novos prédios escolares, construídos na administração de Anísio, e que constituíam uma de suas maiores realizações, as instalações sanitárias, seriam comuns às crianças dos dois sexos, pois assim se cumpria melhor os objetivos do “comunismo ateu”, na obra de dissolução da família e da perversão das crianças...<sup>204</sup>

Recusando-se a se tornar um ônus para o governo, Anísio pediu sua exoneração ao interventor, em dezembro de 1935. Pedro Ernesto também perdeu o cargo de interventor, foi preso e substituído pelo cônego Olímpio de Melo. Para a direção do Departamento de Educação o escolhido foi Francisco Campos, nomeado em 24 de dezembro de 1935; Alceu Amoroso Lima assumiu a reitoria da Universidade do Distrito Federal; o Instituto de Pesquisas Educacionais ficou a cargo do padre

---

<sup>201</sup> TEIXEIRA, A. A escola elementar, sua organização e administração. In: TEIXEIRA, A. *Educação para a democracia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1977, p. 181.

<sup>202</sup> TEIXEIRA, A. Carta a Fernando de Azevedo - 31/03/33. In: VIDAL, D.G. *Na batalha da Educação: correspondência entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo (1929-1971)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000, p. 16.

<sup>203</sup> VIANA FILHO, L. *Anísio Teixeira, a polêmica da educação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, p. 76.

<sup>204</sup> LEMME, Paschoal. *Memórias*. São Paulo: Cortez; Brasília: INEP, 1988, v. 2, p.123.

Hélder Câmara; Theobaldo Miranda Santos assumiu a Superintendência da Educação Geral e Técnica e de Ensino de Extensão, cargo que Paschoal Lemme ocupara anteriormente; e para a Secretaria da Educação e Cultura, foi designado o coronel Pio Borges. O que se verificou mais tarde foi o desmantelamento de toda a obra de Anísio Teixeira à frente do Departamento de Educação, que ele acreditava poder fazer progredir. Em seu *livro de registro e documentação da reforma da educação em marcha no Distrito Federal*, que se tornara *um livro de defesa*,<sup>205</sup> ele se questionava:

A singular agrestia do meio intelectual e público do Brasil, em que os julgamentos são armas de combate, a análise, forma insidiosa de oposição, e o desejo de destruir e diminuir a obra alheia, o próprio modo de ser da inteligência, não será essa nova famigerada antropofagia política e mental a consequência mais grave do nosso nomadismo intelectual, do nosso isolamento espiritual e dos nossos processos indígenas de estudo e de formação mental?<sup>206</sup>

E em carta a Fernando de Azevedo, anos antes, também se perguntara:

Valerá, no final das contas, jogar a partida desigual que estamos jogando, em que, em troca de um pouco de bem público, perdemos a nossa tranqüilidade e ferimos as particularidades mais sérias e mais profundas do nosso coração e do nosso caráter?

Há de valer. Pelo menos, essa partida é a nossa vocação e a nossa razão de viver e, talvez, a nossa amarga e custosa alegria de viver, a única que podemos possuir no loteamento das possibilidades do mundo em que existimos.

E adeus, meu caro Fernando. Mesmo quando estamos em silêncio, estamos unidos pelo mesmo drama de uma idêntica vocação pública, nesse país de ferozes interesses privados.<sup>207</sup>

---

<sup>205</sup> TEIXEIRA, A. Justificativa. In: TEIXEIRA, A. *Educação para a democracia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1977, p. 33.

<sup>206</sup> TEIXEIRA, A. A universidade e a sua função. In: TEIXEIRA, A. *Educação para a democracia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1977, p. 127.

<sup>207</sup> TEIXEIRA, A. Carta a Fernando de Azevedo - 11/01/1934. In: VIDAL, D.G. *Na batalha da Educação: correspondência entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo (1929-1971)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000, p. 22.

*“Há uma água clara que cai sobre pedras escuras...”<sup>208</sup>*

*“Todo ser humano necesita una patria,  
pero no una patria como la concibe el patriotismo primitivo,  
donde la fuerza campea por sus fueros, ni tampoco una religión,  
insípido anticipo de una patria en el más allá.  
No, en realidad necesita una patria capaz de abarcar a la vez la tierra,  
el trabajo, los amigos, el reposo y el terreno de sus facultades espirituales,  
para hacer de ella un todo natural y ordenado, un cosmos que le pertenezca.  
La mejor definición de la Patria es la Biblioteca”.*

Elias Canetti

*“(...) toda a literatura moderna americana provém  
de um livro de Mark Twain chamado Huckleberry Finn...  
Tudo o que se tem escrito na América deve alguma coisa a este livro.  
Nada havia antes dele. E nada de tão bom depois”.*

Ernest Hemingway

Cecília Meireles, afastada do *Diário de Notícias* em janeiro de 1933 e da regência de turma, na qual permanecera durante todo o ano de 1933, foi designada, em 11 de janeiro de 1934, para o exercício no Instituto de Pesquisas Educacionais. Em abril do mesmo ano, organizou a primeira biblioteca infantil pública brasileira, inaugurada somente em agosto, e em setembro partiu para Portugal, onde proferiu uma série de palestras, tratando principalmente das reformas de Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira e da criação da Biblioteca Infantil ou Centro de Cultura Infantil, que surgira em continuidade à política de criação de bibliotecas implementada durante a gestão de Anísio Teixeira, à frente do Departamento de Educação do Distrito Federal.

A Biblioteca Infantil do Distrito Federal foi um dos projetos mais ambiciosos da reforma anisiana, e um espaço onde Cecília Meireles pôde desenvolver sua criatividade e seu empenho em favor da literatura infantil. Foi criada em 16 de abril de 1934<sup>209</sup> nos termos do Artigo 2º, Letra I, do Decreto nº 4.387, de 8 de setembro de 1933, da criação da Divisão de Bibliotecas e Cinema Educativo. Em 25 de abril, foram fixadas as instruções que regulamentariam seu funcionamento. A biblioteca deveria se instalar no Pavilhão Mourisco e seria constituída, inicialmente, das

---

<sup>208</sup> MEIRELES, C. Descrição. Viagem. *Obra poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958, p. 54.

<sup>209</sup> BOLETIM da Prefeitura do Distrito Federal (Rio de Janeiro). Secretaria do Gabinete do Prefeito, abr./jun. 1934, p. 229.

seguintes seções: seção de livros, seção de gravuras, seção de cartografia, seção de recortes, seção de selos e moedas, seção de música e cinema, seção artística, seção de propaganda e publicidade e seção de observações e pesquisa. O projeto contou com a colaboração do embaixador Alfonso Reyes e das estagiárias Isaura Costa Nunes, responsável pelo inquérito pedagógico, e Graziella Passos, responsável pela elaboração e confecção do álbum de recortes e da *Gazetinha*.<sup>210</sup>

No dia 14 de agosto houve uma recepção especialmente realizada para a imprensa, que foi recebida com xícaras de café e biscoitos. Durante a reunião, a diretora leu o relatório das atividades desenvolvidas para a criação da biblioteca. A inauguração aconteceu às 17 horas do dia 15 de agosto do mesmo ano, tendo como convidados o prefeito Pedro Ernesto, o Diretor do Departamento de Educação Anísio Teixeira, autoridades municipais e federais, educadores, intelectuais, artistas e representantes da imprensa. A Biblioteca Infantil do Distrito Federal transformar-se-ia num Centro de Cultura Infantil, já que extrapolava os objetivos de uma simples biblioteca ao conjugar atividades como cinema, música, cartografia e jogos. Esse conceito foi ampliado por Anísio Teixeira no discurso de inauguração, quando afirmou que o Centro seria *uma casa da criança (...) um verdadeiro órgão de pesquisa, cujos trabalhos no futuro produzirão os mais benéficos resultados*.<sup>211</sup> Para Cecília Meireles, a biblioteca não seria *uma simples reserva de livros catalogados e dados a ler às crianças*,<sup>212</sup> mas um local de encantamento e pesquisa, *um órgão cooperador da educação primária*.<sup>213</sup> *Vamos mudar o nome. Biblioteca diz muito pouco das proporções a que vai atingir a esfera de ação deste departamento. Acho que iremos denominar "Centro de Cultura Infantil". Aqui vai ser o Bureau da Criança, digamos assim*.<sup>214</sup> A biblioteca seria um lugar de preservação e estudo da cultura brasileira, e por isso possuía coleções de

---

<sup>210</sup> As estagiárias Isaura Costa Nunes e Graziella Passos foram designadas para a biblioteca em 27 de abril de 1934. Consta no arquivo pessoal de Anísio Teixeira no CPDOC uma correspondência (Atc 34.04.26) da senhora Amanda Cohanier, de Juiz de Fora, endereçada ao Diretor do Departamento de Educação, solicitando-lhe uma nomeação na qualidade de professora auxiliar, ou algum outro cargo, na Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco.

<sup>211</sup> BIBLIOTECA Infantil do Distrito Federal. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16/08/1934.

<sup>212</sup> INAUGURA-SE hoje, à tarde, a Biblioteca Infantil do Distrito Federal. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 15/08/34.

<sup>213</sup> ESTÁ sendo instalada a Biblioteca Infantil. Os trabalhos que se realizam no Pavilhão Mourisco. *A Noite*, Rio de Janeiro, 17/05/34.

<sup>214</sup> O GLOBO visita a Biblioteca Infantil que hoje se inaugura no Pavilhão Mourisco. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15/08/34.

moedas, selos, discos de músicas populares brasileiras, filmes, diapositivos do Brasil e de coisas brasileiras.

Essa preferência pelas coisas brasileiras está muito longe do jacobinismo. Mas considero lógico que a criança conheça primeiramente tudo o que se refere ao seu ambiente próximo. Antes de saber que em Paris existe o bairro de Grenelle é mais útil ter a certeza do que se pode ver, indo a Cascadura.<sup>215</sup>

A imprensa carioca se maravilhou com as inovações introduzidas e prometidas pela nova biblioteca:

Outrora no Brasil as crianças eram os próprios arquitetos do seu mundo maravilhoso. Debalde a filosofia desencantada da estirpe de que Schopenhauer foi o tronco tristonho, quis desterrar a alma infantil da sua pátria de sonho. As crianças continuaram abrindo estradas riosas para o sertão amável da ilusão.

Sem literatura adequada, sem o auxílio da escola, junto à incompreensão da família, os garotos nunca prescindiram do irreal oxigênio indispensável à existência da sua imaginação, bairro preponderante na cidade nascente da sua inteligência. Todos como aquele garoto de Guerra Junqueiro construíram em qualquer recanto sórdido de quintal a "Roma das Sete Colinas", e faziam de qualquer pedra a Moura Torta dos contos tradicionais.

A pedagogia moderna compreendeu o crime positivista do assassinio da ilusão e, por outro lado, percebeu os perigos dessa navegação sem roteiro da imaginação infantil. Era necessário encaminhar num sentido útil essa força prodigiosa.

Para esse objetivo, o primeiro passo seria poupar às crianças o trabalho, sempre desorientado, da construção do seu universo supra-real, e oferecer-lhes um mundo de sugestões que serviriam de marcos no caminho, requerendo apenas um trabalho de cristalização imaginativa em torno daqueles pontos de reparo.

É isso o que se está fazendo no Rio, onde o Departamento de Educação transformou o Pavilhão Mourisco num país de fadas.<sup>216</sup>

Durante a inauguração, Cecília prestou homenagem ao *Diário da Noite* lendo trechos da reportagem realizada à época da instalação da Biblioteca Infantil, e fez

---

<sup>215</sup> Ibidem.

<sup>216</sup> Ibidem.

um rápido histórico do que foi o trabalho de organização, relatando as dificuldades encontradas, tais como a deficiência de verbas e a má vontade de quem desmerecia a obra sem mesmo conhecê-la. Esse pronunciamento foi irradiado pela PRD5.<sup>217</sup> Após a leitura do relatório, os convidados percorreram as instalações, enquanto o artista plástico Fernando Correia Dias fazia os últimos retoques nos murais ainda não concluídos da biblioteca.

Em carta ao amigo Fernando de Azevedo, em 16 de setembro de 1934, Cecília se revela bastante otimista em relação ao Centro de Cultura Infantil. Afirma que a imprensa havia sido muito amável com ela ou com Anísio, não sabia ao certo. Sua única certeza decorria dos artigos escritos por pessoas que não a conheciam, mas apostavam em sua sinceridade e competência para organizar e levar adiante tão admirável e importante empreendimento. *Isto me dá a impressão de haver uma estrela bonita protegendo a obra; e, se eu ainda me pudesse interessar por alguma alegria, não há dúvida que tinha agora uma oportunidade.*<sup>218</sup>

Tudo correu o melhor possível, e creio que o Anísio terá ficado satisfeito. Creio-o? Não sei bem. Ele, às vezes, me parece um pouco mais enigmático do que o necessário para Diretor do Departamento de Educação... Confesso-lhe que ainda não compreendi, sequer, se tenho, aos seus olhos, alguma significação dentro da obra que vem realizando. Chego, às vezes, a suspeitar de que uma íntima, obscura, inconfessada antipatia existe, da sua parte, em relação a mim. Não tenho procurado esclarecê-lo porque, afinal, – que adiantaria? Há certas fatalidades que se devem suportar, sem nenhuma explicação. Apenas, não é bem a mesma coisa lidar-se com alguém cujo temperamento, dentro dos vaivéns naturais de cada momento, conserva sua estrutura interior inatingível, e com os que, ao contrário, variam, dispersando-se, gastando-se em ritmos confusos, de inacessível compreensão, de secreta finalidade.

---

<sup>217</sup> Rádio Escola Municipal do Rio de Janeiro, inaugurada em janeiro de 1934 na gestão Anísio Teixeira (1931-1935) e dirigida por Edgar Roquette Pinto. Transmitem programas diários divididos em 3 partes: hora infantil, jornal dos professores e suplemento musical. In: LEMME, Paschoal. *Memórias*. São Paulo: Cortez; Brasília: INEP, 1988, v. 2, p.139.

<sup>218</sup> MEIRELES, C. *Carta a Fernando de Azevedo*. Rio de Janeiro, 16/08/34. FA - Cp, Cx. 21, 74. IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros).

Enfim, toda ação humana, por mais inexplicável ou amarga encontrará sempre em meus olhos um poder de transformação poética suficiente para a reconstituir em beleza, permitindo-me a sua aceitação.<sup>219</sup>

A Biblioteca Infantil foi instalada num prédio, à época abandonado, situado no final da avenida Beira Mar, na enseada de Botafogo, e conhecido pela população como Pavilhão Mourisco. A Avenida Beira Mar e o Pavilhão Mourisco eram parte do projeto de remodelação da cidade encetado pelo prefeito Pereira Passos a partir de 1903. A Avenida Beira Mar, com seus 5.200 metros de extensão, foi considerada a obra de maior envergadura dessa reforma. Tinha seu início na Avenida Rio Branco e atingia o final da Praia de Botafogo, justamente no local onde foi construído o Pavilhão Mourisco, em 1906. Projetado pelo arquiteto Burnier, o Pavilhão surgiu para completar as obras de embelezamento da cidade: *ajardinamento, arborização, colocação de estátuas ou monumentos esculturais, aformoseamento arquitetônico de logradouros, remoção de obstáculos que empacharam as ruas e praças, instalações de mictórios públicos, etc.*<sup>220</sup> O Pavilhão de Regatas na Praia de Botafogo, o Pavilhão de São Cristóvão e o Pavilhão Mirante da Vista Chinesa também foram construídos no mesmo período, todos eles considerados de gosto discutível. O estilo do Pavilhão Mourisco era neopersa, nada tendo de mourisco, como foi equivocadamente denominado. Criado para servir de café-concerto, tornou-se um bar-restaurante muito freqüentado pela sociedade carioca.

À noite, o Pavilhão era todo iluminado. No terraço, em torno, havia mesas, onde se bebia cerveja e refrescos. Na parte interna ficava o restaurante para os jantares e as ceatas alegres nos discretos gabinetes...

(...) O edifício era coberto por um grupo de cinco cúpulas douradas. Duas escadas de mármore davam acesso às varandas no primeiro pavimento, calçadas a ladrilho espanhol. Nas colunas ao lado das entradas e no teto decorado viam-se numerosas inscrições árabes. No porão alto ficavam as cozinhas, a dispensa e a adega.

A pequena construção que se vê à esquerda era o "guignol", que fazia a delícia da petizada. Nas tardes de espetáculo, o teatrinho era cercado pelas crianças. À hora

---

<sup>219</sup> *Ibidem.*

<sup>220</sup> OLIVEIRA REIS. Administração do Prefeito Pereira Passos - 29/12/1902 a 15/11/1906. In: \_\_\_\_\_. *O Rio de Janeiro e seus prefeitos: evolução urbanística da cidade*. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1977, p. 27.

de subir o pano, tomavam lugares nos bancos enfileirados diante do palco, o arrecadador de níqueis procedia à sua frutuosa diligência e o divertimento principiava, sob risadas gostosas da criançada.

Nos fundos do teatrinho havia um carrossel e um rink de patinação.<sup>221</sup>

Quando o Pavilhão Mourisco passou a abrigar a biblioteca, ganhou vida nova, freqüentado por estudantes das escolas públicas que para lá se dirigiam depois de terminadas as aulas. Segundo D. Ruth Vilella,<sup>222</sup> a localização da biblioteca facilitava a freqüência dos alunos provenientes da zona sul, principalmente dos bairros do Flamengo e Botafogo. *Imagino que ninguém da zona norte viesse de tão longe para essa biblioteca.*<sup>223</sup> Lá desenvolviam atividades de biblioteca e também seu senso estético e artístico. Inspirado na arquitetura do prédio, Correia Dias compôs um cenário das *Mil e Uma Noites*, que proporcionava aos freqüentadores uma atmosfera de encantamento e fantasia. *Uma das coisas melhores da Biblioteca é um certo tapete mágico, que me foi oferecido, e sobre o qual estou vendo desabrocharem essas histórias encantadas em que (...) quase não acreditamos mais...*<sup>224</sup> O palco do teatrinho trazia a placa de metal "Caverna Maravilhosa" e tinha ao fundo uma lâmpada de Aladim. A decoração da sala de música e de cinema reproduzia o fundo do mar. O que mais despertou a admiração de quantos visitaram a biblioteca foi a decoração surpreendente da sala de leitura e a disposição dos livros nas estantes:

Um amplo salão, circulado pelas vidraças coloridas, que desde 1906 procuram falsificar a Alhambra. Duas dezenas de mesas alegres, acesas no sorriso brasileiro dos potes de barro com flores. Estantes por toda a sala, com os livros arrumados diferente do molde clássico das lombadas militarmente enfileiradas. Os contos de Monteiro Lobato, os livros encantados de Júlio Verne, aqui são galuchos joviais que fogem da formatura rígida. Apresentam os frontespícios coloridos aos olhares das crianças.<sup>225</sup>

---

<sup>221</sup> DUNLOP, C.J. *Rio Antigo*. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Laemmert, 1955, v.1, p. 127.

<sup>222</sup> Ruth Vilella Alves de Souza é bibliotecária e fundadora da FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil).

<sup>223</sup> VILELLA, Ruth. Entrevista concedida à pesquisadora em 11/11/2000.

<sup>224</sup> MEIRELES, C. *Carta a Fernando de Azevedo*. Rio de Janeiro, 02/05/34. FA - Cp, Cx. 21, 72. IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros).

<sup>225</sup> O GLOBO visita a Biblioteca Infantil que hoje se inaugura no Pavilhão Mourisco. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15/08/34.



O que mais encantou D. Ruth Vilella, na biblioteca, foi também a decoração:

(...) porque Cecília Meireles era casada com um artista de origem portuguesa. Dias, Correia Dias. Ele então deu à biblioteca, que externamente era um pavilhão, podia lembrar uma arena de circo por que ele era mais para redondo, oval, do que quadrado. Então, ele teve a idéia de fazer com que a criança se sentisse fora do seu meio em um ambiente de arte e baseou a decoração nas obras que nós conhecemos, que fazem parte do grupo das Mil e Uma Noites. Até aquela tenda, foi que primeiro me impressionou, era a tenda onde ficavam os livros e os recortes de revistas.<sup>226</sup>

Para o poeta Geir de Campos,<sup>227</sup> a Biblioteca Infantil era um espaço de leitura e encantamento...

Ao terminar o ano letivo de 1935, em minha passagem da primeira para a segunda série ginasial, motivos de ordem doméstica fizeram-me vir de Campos continuar os estudos no Rio. Minha família morava então numa casa de cômodos da Praia de Botafogo, entre São Clemente e Voluntários, e foi dali que um dia a curiosidade infanto-juvenil me levou ao Pavilhão Mourisco, defronte, para ver o que havia por baixo daquelas cúpulas escamadas e por trás daquelas janelas coloridas: era uma biblioteca infantil especializada, a primeira que se organizava entre nós, e que durou quatro anos, frutificando em uma porção de outras que se espalharam pela cidade e por todo o país.

O Pavilhão Mourisco passou a ser o meu divertimento predileto, pois, além do salão de leitura, a biblioteca tinha também um setor de manualidades (modelagem, pintura, desenho), um de brinquedos e jogos (foi onde encontrei o primeiro "mecanô"), e uma sessãozinha de cinema toda quinta-feira. O dia triste para mim era o Domingo, quando o Pavilhão não abria.

Também me lembro de que qualquer dificuldade pedagógica ou disciplinar era comunicada a Dona Cecília, uma professora morena e alta, de sorriso para quase tudo, que tudo resolvia e ordenava. E vez por outra Dona Cecília tirava-se de seus cuidados administrativos para conversar com os freqüentadores mirins do

---

<sup>226</sup> VILELLA, Ruth. Entrevista concedida à pesquisadora em 11/11/2000.

<sup>227</sup> Geir Naffer de Campos, natural da cidade de Campos (Rio de Janeiro), era poeta. Entre as suas obras destacam-se: *Cantos do Rio: roteiro lírico do Rio de Janeiro*; *Castro Alves ou O canto da esperança: teatro*; *Coroa de Sonetos*; *Metanáutica*; *As sementes da independência e Poesia alemã*.

Pavilhão Mourisco, sobre os livros lidos ou a ler, os brinquedos brincados ou a brincar, os filmes vistos ou a ver, um pouco da vida vivida ou a viver.

No Pavilhão Mourisco vi uma porção de filmes educativos, li o que havia das aventuras de Tarzan, de Sherlock Holmes, dos personagens de Dumas e de Monteiro Lobato, de Júlio Verne, os contos de Grimm e Andersen e Perrault que me deixavam maravilhado. Só muitos anos depois vim a saber que Dona Cecília era Meireles – detalhe que para mim, naquele tempo, nenhuma importância teria: ela era a fundadora e diretora, mas o que me interessava mesmo era a biblioteca infantil com os seus livros e divertimentos, meus únicos divertimentos de garoto pobre naqueles poucos meses.

No ano seguinte matricularam-me na segunda série do Internato Pedro II, e a família se mudou para São Cristóvão, mais propriamente São Januário. O Pavilhão Mourisco ficava longe, longe os livros, os jogos, o cineminha; longe Dona Cecília e suas auxiliares. Depois demoliram o Pavilhão.<sup>228</sup>

Para compor o acervo da biblioteca infantil, Cecília Meireles se baseou nos resultados do Inquérito de Leituras Infantis, realizado por ela em novembro-dezembro de 1931 e publicado pelo Instituto de Pesquisas Educacionais em 1934. Esse inquérito teve por objetivo conhecer a preferência de leitura dos alunos e conhecer o estado das bibliotecas escolares das escolas municipais, bem como servir, posteriormente, de base para as interpretações psicopedagógicas dos especialistas do Departamento de Educação. Foi respondido por 933 meninas e 454 meninos do 3º, 4º e 5º anos primários, de idades entre 7 e 14 anos, de 24 escolas (Júlio de Castilhos, Basílio da Gama, Rodrigues Alves, Deodoro, José de Alencar, Tiradentes, Benjamim Constant, José Pedro Varela, Colômbia, José Bonifácio, Francisco Cabrita, Epitácio Pessoa, Nilo Peçanha, Argentina, Uruguai, Equador, Paraná, Peru, Azevedo Júnior, João Koepke, Bahia, Piauí, Marechal da Nóbrega e 1ª Mista do 23º Distrito), representando 19 distritos escolares. Na impossibilidade de incluir todas as escolas de cada distrito, foram escolhidas as mais representativas do ponto de vista pedagógico, as que possuíam maior número de alunos matriculados e também as que possuíam bibliotecas escolares mais bem aparelhadas.

---

<sup>228</sup> CAMPOS, G. Meu encontro com Cecília. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 15/11/64.

Não é inoportuno (...) chamar a atenção para a facilidade com que, logo no começo desse ano, se generalizaram pelas escolas novas técnicas favoráveis aos trabalhos de investigação pedagógica: por ocasião do inquérito, menos generalizadas essas pesquisas, e numa época muito especial da nossa vida política, a simples palavra *inquérito* dificultava bastante o trabalho de quem a empregasse e, mais do que isso, o pretendesse utilizar.<sup>229</sup>

Uma das dificuldades encontradas por Cecília foi a falta de atitude científica encontrada nas escolas, principalmente por parte dos professores, que, no intuito de demonstrar o talento e a aplicação das turmas, interferiam nas respostas dos alunos, incentivados a sempre responder *certo* às questões formuladas. Cecília foi a única responsável pela realização material do inquérito, desde a apresentação dos questionários às crianças até a apuração, passando pelo trabalho datilográfico. Constituído de doze perguntas, dispostas em ordem crescente pela dificuldade relativa, o inquérito tinha os seguintes objetivos: saber se o aluno gostava de ler e quantos livros, mais ou menos, tinha lido; fazer com que ele apontasse o nome de alguns dos livros lidos; saber de que tipo de livros mais gostava e de quais não gostava e se tinha vontade de ler algum livro; saber se o aluno achava se valia a pena ler e onde preferia ler, se em casa ou na escola; perguntar se preferia livros em prosa ou em verso, e quais eram os livros mais interessantes, se os de histórias, de viagens, de ciências, de aventuras, romances ou fábulas; saber de qual autor mais gostava e, dos autores nacionais, qual o que mais lhe agradava. Para proceder à interpretação dos quase 1.500 questionários preenchidos, cada pergunta e cada resposta obtida foi isolada e posteriormente analisada em capítulos organizados para esse objetivo. Ficou constatado que 99,7% das crianças entrevistadas gostavam de ler e que já haviam lido em média de 20 a 50 livros. Observou-se, quanto à preferência, que os livros de histórias fantásticas eram preferidos pelas meninas e que os livros escolares, principalmente os de História e História do Brasil, encontravam-se entre os preferidos pelos meninos. Quanto à finalidade da leitura, 60,4% alegaram razões de utilidade e apenas 18,2% apontaram a leitura como fonte de prazer. A leitura em casa teve a preferência de 68,7% dos entrevistados, contra 25,8% dos que preferiam fazê-lo na escola. Cecília atribuiu o fato de os alunos apontarem a leitura como uma atividade própria do lar

---

<sup>229</sup> MEIRELES, Cecília. *Leituras infantis*. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Educacionais/Gráfica do Departamento de Educação, 1934.

por considerarem a escola *um lugar de estudo, onde ler é uma distração mais ou menos inútil e condenável*.<sup>230</sup> Essa preferência poderia ser atribuída, ainda, à precariedade das bibliotecas escolares por ocasião do inquérito e pelo inconveniente de a leitura ser feita nas salas de aula, sem qualquer conforto e sob a vigilância do professor. Algumas crianças alegaram questões de liberdade, demonstrando o desejo explícito de lerem perfeitamente à vontade, instaladas a seu gosto, inteiramente livres das praxes dos ambientes oficiais. Os livros em prosa tiveram a preferência de 62,7% das crianças, sendo que 30,8% preferiam obras em verso. Essa investigação permitiu a Cecília conhecer as prioridades literárias da futura clientela, e foi um dos parâmetros que contribuiu para a seleção e constituição do acervo da biblioteca infantil.

Cecília Meireles era uma grande poeta e tinha uma faculdade de presença, de serenidade e de penetração naquilo que estava fazendo. Isso resultou no aprimoramento da seleção de livros e os freqüentadores iam direto a qualquer canto da biblioteca.<sup>231</sup>

Como a verba era limitada e havia carência de livros que fizessem a vez de enciclopédias infantis, Cecília idealizou vários álbuns de recortes de revistas, jornais e folhetos de propaganda, obtidos por meio de doação. Esses álbuns já se encontravam completamente organizados à época da inauguração, e continuaram a ser confeccionados com o material que era constantemente doado à biblioteca.

Veja aqui. Temos um serviço completo de arquivo de gravuras. Quer ver vistas do Pará? Pois aqui temos o porto de Belém, as ruas, a igreja da Conceição, o Ver-o-Peso. E há álbuns quase completos. Veja este aqui sobre vultos empreendedores. Biografias, artigos e gravuras sobre Edson, Lourenço de Gusmão, Picard, Madame Curie... Aqui também temos a "gazetinha". Todos os dias retiramos dos jornais as notícias e artigos que interessem particularmente às crianças e as colamos neste jornal mural, curiosíssimo como vê. E note que tudo é feito fortuitamente, ao acaso dos jornais e revistas que podemos comprar, com as nossas reduzidas verbas...<sup>232</sup>

---

<sup>230</sup> *Ibidem*.

<sup>231</sup> VILELLA, Ruth. Entrevista concedida à pesquisadora em 11/11/2000.

<sup>232</sup> O GLOBO visita a Biblioteca Infantil que hoje se inaugura no Pavilhão Mourisco. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15/08/34.

Parte desse material era selecionado por temas e colado em grandes cadernos, que depois eram entregues aos alunos para que realizassem suas pesquisas escolares. Para as crianças que ainda não sabiam ler, os álbuns se limitavam a conter figuras.

Agora estou vivamente empenhada em coisas transcendentais. Uma delas é arranjar verba para os serviços da Biblioteca.

Tenho certas tentações de me declarar comunista oficialmente, para ver se arranjo uma subvenção de Moscou... Porque, de outro modo, tudo está obscuro demais, embora para uma fundação lendária, instalada num pavilhão de vidro, e dirigida por uma criatura tão improvável como eu...<sup>233</sup>

O acervo da biblioteca foi constituído por meio de doações feitas pela própria Cecília, por outros educadores e por algumas editoras, além de contar com verba da própria biblioteca e com o repasse de obras feito através da Biblioteca Central de Educação. A biblioteca infantil teve desde o princípio acolhimento generoso por parte da imprensa e de particulares, que ofereceram sua colaboração através de doações. A primeira oferta recebida foi a do editor português Álvaro Pinto, que enviou 140 volumes, dos quais 37 eram de literatura infantil. Correia Dias, além da decoração da sala de música e do teatrinho, já referida anteriormente, fez as estantes e doou uma coleção de moedas (150 peças). A *Editora Nacional* ofereceu 50 volumes de suas edições e a *Livraria Francisco Alves* colocou à disposição da biblioteca 300 livros e 190 fascículos de suas edições infantis. A biblioteca também recebeu uma coleção de livros, postais e selos portugueses doados pela escritora Ana de Castro Osório; a *Livraria J. Leite* ofereceu o único volume de literatura infantil editado pela casa; Edmundo da Veiga, Ministro do Supremo Tribunal Militar, fez doação de coleções de revistas; *A Nação*, por intermédio de seu editor José Maciel, ofereceu assinaturas do seu jornal e auxiliou a edição do folheto sobre Castro Alves; *O Cruzeiro* ofereceu uma assinatura de sua revista; o embaixador Alfonso Reyes doou revistas, publicações de várias procedências e vários assuntos; Álvaro Pinto cedeu todos os "clichês" necessários para a publicação sobre Castro Alves; Roquette Pinto doou projeções de diapositivos do Museu Nacional; Venâncio Filho cedeu os "clichês" de seu livro para a publicação sobre

---

<sup>233</sup> MEIRELES, C. *Carta a Fernando de Azevedo*. Rio de Janeiro, 02/05/34. FA - Cp, Cx. 21, 72. IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros).

Euclýdes da Cunha; Líbero Fasano doou um quadrinho; o escultor e pintor Antônio Kork ofereceu dois de seus trabalhos; Antenor Passos doou uma coleção de selos brasileiros; Francisco de Paula Maciel ofereceu-se para custear a publicação sobre Euclýdes da Cunha; a *Cia. Cerâmica Brasileira* ofereceu 26 vasos, que foram decorados por Correia Dias; e a Seção de Museus e Radiodifusão do Departamento de Educação cedeu os discos *Côco de Indayá*, *Siricoia*, *O agradinho é bom*, *Saia do Sereno* e *Guasca Velho*. A biblioteca também recebeu doações de outros intelectuais e políticos brasileiros, que enviaram coleções de revistas e selos, assinaturas de jornais e revistas brasileiras e estrangeiras, esculturas e pinturas, selos, vasos e mapas. Outros se dispuseram a custear as publicações da Seção de Propaganda e Publicidade.

A biblioteca era constituída por nove seções: a primeira seção era a da biblioteca propriamente dita, que possuía inicialmente 720 obras, sendo 498 livros didáticos (de leitura, compêndios, manuais, etc.) e 222 obras literárias, em prosa e verso, de literatura infantil ou adequada à leitura das crianças, tanto de autores nacionais como traduzidas para o português. Do total de obras, 310 foram compradas, e as 391 restantes foram adquiridas mediante doações de terceiros e da BCE. A segunda seção era a de gravuras, com 2.781 unidades, compreendendo toda a documentação gráfica relativa ao Brasil: história, arte, ciência, trabalho, etc. A terceira era a de cartografia, compreendendo globos, mapas do Brasil e dos Estados, do mundo, da América e da cidade do Rio de Janeiro, plantas topográficas, bandeiras, etc. A quarta seção, de recortes, era constituída de 23 álbuns, similares a uma enciclopédia, sobre vários assuntos, e era também responsável pela edição de *A Gazetinha*, jornal mural de informação diária. A quinta seção, de selos e moedas, compreendia coleções, devidamente estudadas e catalogadas, de moedas e selos do Brasil. A sexta, de música e cinema, possuía um aparelho *Pathe Baby*, rádio, radiola e discos. A sétima previa atividades artísticas como hora do conto, arte dramática, etc. A oitava seção, de propaganda e publicidade, era responsável por estabelecer a comunicação da Biblioteca Infantil com as escolas e o público em geral, além de publicar o *Boletim* mensal com o resumo das atividades do mês anterior e das projetadas para o mês seguinte; tinha também como função emitir relatório trimestral informando o Departamento de Educação das medidas e verificações técnico-administrativas de cada seção,

expedir comunicados, realizar intercâmbio infantil e publicar material julgado útil à finalidade do estabelecimento e de acordo com a sua natureza. A nona seção, de observações e pesquisas, tinha como objetivo realizar trabalhos de investigação pedagógica, determinados pelo Departamento de Educação ou para uso especial da Biblioteca Infantil, e relacionados com as atividades que lhe eram inerentes, por meio de um levantamento diário da preferência de leitura das crianças. As impressões captadas eram posteriormente registradas, a fim de fornecer material de estudos para os professores e pesquisadores do Departamento de Educação.

O interesse despertado nas crianças com a criação do Centro foi significativo, tanto que dias antes da inauguração algumas já haviam efetivado sua inscrição. Dez dias depois de inaugurada, a biblioteca já contava com 73 inscrições e mais de 30 consultas diárias. Nos primeiros três meses de existência, tinha cerca de 200 leitores, e no final de 1937, cerca de 1500 leitores assíduos. A inscrição do leitor era facilitada. Ele preenchia uma ficha, recebia um número de ordem e passava a freqüentar a biblioteca espontaneamente, servindo-se do material que lhe interessasse. *Até hoje, todas as crianças se têm apresentado sozinhas, e a disciplina é admirável, mantida exclusivamente pelo interesse da criança.*<sup>234</sup>

Nossa curiosidade é despertada para o movimento de crianças que, em perfeita ordem, entram, dirigem-se às prateleiras, escolhem o livro que lhes agrada e procuram lugar para a leitura. A naturalidade de todos os seus gestos, e a expressão de interesse que as caracteriza, levam-nos a perguntar sobre o funcionamento geral do Centro.<sup>235</sup>

O funcionamento se restringia aos horários da manhã e da tarde, e as crianças revezavam seus horários escolares com a freqüência à biblioteca. O horário de maior movimento era entre duas e três da tarde, quando as crianças retornavam do almoço e da escola, permanecendo então na biblioteca até as 17 horas, quando o expediente era encerrado. Os empréstimos se resumiam a um livro apenas, já que o acervo não contava com duplicatas. As crianças ficavam livres para escolher suas atividades: algumas se dedicavam à leitura ou aos jogos silenciosos, enquanto outras escutavam programas infantis transmitidos pelo rádio ou assistiam a filmes educativos. A seção de propaganda e publicidade era responsável pela

---

<sup>234</sup> UMA VISITA ao Centro de Cultura Infantil. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28/08/34.

<sup>235</sup> *Ibidem*.

elaboração de várias publicações relativas a datas cívicas, como Dia do Trabalho e Libertação dos Escravos, bem como de outras, em que se homenageavam autores brasileiros como Machado de Assis, Castro Alves e Euclides da Cunha. Essas publicações antecederam a inauguração da Biblioteca: em maio, a seção de propaganda fez duas delas – a do Dia do Trabalho e a da Libertação dos Escravos; em junho, realizou a publicação que comemorava o aniversário de Machado de Assis; e durante as festividades de inauguração, lançou um trabalho sobre a vida e a obra de Euclides da Cunha. Essas publicações, por terem como público-alvo os alunos das escolas públicas, eram escritas em termos acessíveis às crianças, possuíam gravuras oportunas e explicavam claramente todos os detalhes das datas em questão. A Biblioteca Infantil também editava um relatório trimestral que fazia parte da seção de propaganda, o qual foi emitido regularmente a partir da inauguração dos trabalhos da biblioteca. Foi possível encontrar apenas um exemplar desse relatório, que tratava das instruções para a instalação e o funcionamento da biblioteca infantil, no arquivo pessoal de Anísio Teixeira, no CPDOC. Quanto ao Boletim da Biblioteca, não foi possível encontrar um exemplar sequer.

A seção artística da Biblioteca Infantil era de responsabilidade da própria Cecília Meireles. Eram realizadas dramatizações, hora do conto, conferências e exposições, para as quais eram convidados artistas e educadores, que generosamente apoiavam a obra. A primeira exposição de quadros foi montada na salinha de música no dia da inauguração do Centro, com quadros gentilmente cedidos pelo Núcleo Bernardelli.

Antes, porém, de lhes falar do futuro, quero manifestar-lhe a minha alegria pela compreensão que o Centro de Cultura Infantil vem merecendo não só por parte das crianças como do público em geral, da imprensa, e dos intelectuais e artistas que dele se têm ocupado com atenção e carinho. É a essa comum simpatia que atribuo metade do êxito desta obra. A outra metade decorre do sentido de responsabilidade e da sinceridade do trabalho do pessoal docente a seu serviço.<sup>236</sup>

---

<sup>236</sup> *Ibidem.*



Com apenas uma semana de existência da biblioteca, foi realizada uma comemoração pelo centenário de nascimento de Luís Delfino,<sup>237</sup> e uma homenagem ao Uruguai por ocasião da chegada de D. Gabriel Terra, em que participaram todas as seções do Centro e a organização ibero-americana. A homenagem ao Uruguai foi modesta, já que a biblioteca ainda não estava completamente instalada. Quatro turmas da Escola Minas Gerais e uma da Escola Barth visitaram essa exposição e, para seus estudos, utilizaram-se livremente da documentação encontrada: livros, cartografia, gravuras, recortes e selos referentes ao Uruguai. Apenas a seção de música e cinema ficou impedida de concorrer por falta de aparelhamento, que ainda não havia sido instalado. A organização ibero-americana, embora ainda não inaugurada, cooperou com essa exposição exibindo livros infantis, revistas, jornais, gravuras, retratos, autógrafos e bandeiras uruguaias. Cecília foi solicitada pelos repórteres do Jornal do Brasil a esclarecer o significado dessa organização ibero-americana:

O ibero-americanismo não é nenhuma novidade no Brasil. Muita gente o pratica, decerto, e com eficiência. Mas, até aqui, vinha sendo um interesse de adultos, geralmente de escritores, artistas, intelectuais, etc. Eu pensei, justamente em aproveitá-lo como elemento educacional, para completar a formação da criança brasileira.

Vem de longe, essa idéia. A minha correspondência com intelectuais e educadores sul-americanos, as boas relações que tenho a honra de possuir em todos os países do continente, levaram-me ao desejo de concorrer de um modo intensivo para uma obra que consolidasse definitivamente a amizade e o conhecimento dos valores continentais. Por isso, imaginei uma obra ibero-americana que começasse pela integração da criança da América Latina num grande movimento de conjunto que, conservando-lhe toda a plenitude nacional, ao mesmo tempo lhe desse este sentido continental que cada vez me parece mais imprescindível nesta fase do mundo.

A obra de ibero-americanismo a que me entreguei, não pára, no entanto, na América. Tendo sido, antes nacional, e em seguida continental, transfere-se para o plano racial, abrangendo Portugal e Espanha, e, por isso, alcançando já as

---

<sup>237</sup> Luiz Delfino dos Santos, poeta brasileiro (1834-1910), natural de Santa Catarina. Escreveu: *Algas e Musgos; Poesias Líricas; Poemas Íntimos e Aspásias*.

fontes de formação humana que nos fazem a todos irmãos, filhos do mesmo planeta – criaturas de destino universal.<sup>238</sup>

Cecília Meireles teve conhecimento dos clubes pan-americanos recém-criados pelo Diretor do Departamento de Educação, que eram uma tentativa de estimular a expansão educacional, assim como Anísio Teixeira foi um dos primeiros a conhecer a idéia da obra ibero-americana elaborada por Cecília. Os clubes pan-americanos deveriam incentivar a familiarização das crianças com o idioma espanhol, antevendo a comunicação das mesmas com crianças de todo o continente.

Dadas as facilidades naturais da infância para a aprendizagem de idiomas estrangeiros, – dada igualmente à semelhança entre a fala portuguesa e a espanhola, – e apoiada pelo decreto instituído por ocasião da visita do presidente Justo, sobre o ensino do espanhol, – estou convencida de poder, com muita simplicidade, permitir às crianças brasileiras ler os mesmos livros de texto, as mesmas histórias, as mesmas revistas que são lidas pelas crianças todas da América. Sem falar nas que servem às crianças de Portugal e Espanha...<sup>239</sup>

Cecília vinha estudando um meio de promover o ensino intuitivo do espanhol e havia comunicado essa sua intenção ao Diretor do Departamento de Educação, incentivador dessa instituição, que deve ter funcionado por pouco tempo e de forma um tanto precária, posto que Anísio Teixeira só permaneceu no cargo até dezembro de 1935. Mesmo a Biblioteca Infantil tendo continuado a funcionar, não obteve o mesmo incentivo para realizações dessa natureza. O embaixador do México, D. Alfonso Reyes, assim que tomou conhecimento da idéia da organização ibero-americana, reuniu na embaixada representantes dos vários países latino-americanos, bem como os embaixadores de Portugal e Espanha, e apresentou o projeto, o qual lhe havia sido confiado. Em seguida, os participantes da reunião, satisfeitos com o empreendimento e na tentativa de fazê-lo florescer, fizeram doações para o Centro. Os embaixadores da Espanha, do México e do Equador foram os primeiros a doar livros infantis dos seus respectivos países. D. Alfonso Reyes tornou-se, assim, o representante geral dos países ibero-americanos,

---

<sup>238</sup> UMA VISITA ao Centro de Cultura Infantil. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28/08/34.

<sup>239</sup> *Ibidem*.

investidura que, naturalmente lhe competia, não só por ser uma personalidade intelectual familiarizada com os intuitos educacionais do Brasil, como por estar sempre realizando obra de aproximação continental, além da admiração que me inspira o seu espírito e da bondosa atenção com que me distingue, – o que estabelece entre nós uma natural facilidade de convívio.<sup>240</sup>

Portugal também manifestou interesse em colaborar na organização por intermédio do Dr. Martinho Nobre de Melo, que vinha se dedicando ao intercâmbio cultural luso-brasileiro.

Aliás, amigos portugueses, que de longe souberam do meu plano, começaram logo a remeter-me o material ao seu alcance, para representar sua terra nesta obra de educação. Poderia citar-lhe aqui o grande nome de Ana de Castro Osório.

Tudo isso vem a ser precioso estímulo, para um trabalho que deseja ser feito principalmente com amizade.<sup>241</sup>

Em setembro de 1934, Cecília viajou para Portugal<sup>242</sup> a convite de uma amiga, a poetisa Fernanda de Castro, esposa do Ministro da Propaganda daquele país, *uma criatura encantadora que tinha o mesmo tóxico que eu tenho no sangue do espírito: deslumbramento pela selva e pelo oceano, loucura pelo sol e pelas raízes, fome do infinito que apenas sussurra e palpita e se esconde.*<sup>243</sup> Em carta, solicitava a Fernando de Azevedo que preparasse algum material para uma conferência que ela faria e que deveria ser *um plano de propaganda educacional do Distrito Federal.*<sup>244</sup> Anísio Teixeira já havia contribuído *com todas as publicações relativas à sua obra. Preciso que me envie também qualquer coisa, senão invento o que puder...*<sup>245</sup> Cecília incluiu em suas conferências as reformas de Fernando de Azevedo e de Anísio Teixeira de um modo geral, e a fundação do Centro de Cultura em particular, resultado da reivindicação dos educadores brasileiros presentes na 5ª Conferência de Educação da ABE. Também tratou da moderna literatura brasileira, e na despedida fez uma audição especial de poemas inéditos

---

<sup>240</sup> *Ibidem.*

<sup>241</sup> *Ibidem.*

<sup>242</sup> As impressões diárias dessa viagem foram publicadas pelo jornal *A Nação*, do Rio de Janeiro.

<sup>243</sup> MEIRELES, C. *Carta a Fernando de Azevedo*. Rio de Janeiro, 16/08/1934. FA - Cp, Cx. 21, 74. IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros).

<sup>244</sup> MEIRELES, C. *Carta a Fernando de Azevedo*. Rio de Janeiro, 02/05/1934. FA - Cp, Cx. 21, 72. IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros).

<sup>245</sup> MEIRELES, C. *Carta a Fernando de Azevedo*. Rio de Janeiro, 16/08/1934. FA - Cp, Cx. 21, 74. IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros).

seus. Essas conferências foram bastante concorridas, sendo posteriormente publicadas por jornais portugueses e por um periódico da Universidade de Coimbra. Cecília percorreu várias cidades, onde participou de festas, recepções, jantares e chás, mas não se esqueceu de visitar as bibliotecas portuguesas:

Mas o que há de mais precioso em Mafra é a sua biblioteca. Segundo o cicerone, são 35.000 volumes. Há alguns em pergaminho, escritos e iluminados pelos frades. Estive folheando um avaliado em 200:000\$. Há obras de teologia, filosofia, direito, geografia, história, teatro, literatura em geral, etc., tudo em várias línguas e alguns com magníficas encadernações. Outra biblioteca assim é a do Palácio Fronteira, mais bela ainda porque abre para um parque deslumbrante, onde há uma galeria com os bustos em mármore de todos os reis de Portugal, e um lago cercado de azulejos antigos, com cenas primitivas, às vezes burlescas. Esse palácio está todo conservado com suas alfaias, quadros, pratas, etc., e é habitado pelos descendentes da marquesa de Alorna. Infelizmente, esses seus habitantes de tão límpida linhagem, são toureiros, e preferem agarrar um novilho à unha que se encontrarem com um poema ou um problema de filosofia.<sup>246</sup>

Ao voltar, Cecília encontrou o Brasil *desvairado, sem sentido*, num *tumulto* que não entendia. *Que tristeza ter pátria! E eu que, mau grado todos os intuitos estóicos, tinha chegado a sentir uma ternura saudosa por essa terra e esta gente! E perguntava ao amigo: Dr. Fernando de Azevedo: o sr. ainda acredita na obra de educação?*<sup>247</sup> Cecília se referia à campanha de difamação contra a pessoa e a obra de Anísio Teixeira, que culminaram na sua demissão em dezembro do mesmo ano.

Quando lhe perguntei: "Ainda acredita nestas coisas de educação?" e esperava uma resposta de flamejante entusiasmo, senti que a minha pergunta era um eco de outras que a si mesmo já deve ter formulado.

Não teremos sido de todo inúteis; e, se o fossemos, talvez pudéssemos dizer com a ironia orgulhosa da Condessa de Novailles: "inúteis, mas indispensáveis". Não será porém, afinal, essa a única legenda para a nossa existência transitória? Inúteis para tudo quanto foi nosso propósito mais consciente; indispensáveis, talvez, ou decerto, para essa ordem abstrata a que servimos, nesse universo

---

<sup>246</sup> MEIRELES, C. *Carta a Fernando de Azevedo*. Moledo da Penajoia, 06/11/1934. FA - Cp, Cx. 21, 75. IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros).

<sup>247</sup> MEIRELES, C. *Carta a Fernando de Azevedo*. Rio de Janeiro, 28/01/1935. FA - Cp, Cx. 21, 76. IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros).

desconhecido em que a nossa órbita segue um deslocamento geometricamente fiel. Tenhamos a doçura de aceitar que a vida nos faça oportunos e inoportunos, conforme lhe seja necessário.<sup>248</sup>

Cecília deveria realizar algumas conferências um mês após o seu regresso ao Brasil: uma no Instituto de Educação, sobre o Liceu Maria Amélia Vaz Carvalho, para entrega de uma mensagem de que era portadora; uma segunda em que trataria de aspectos da educação em Portugal; outra sobre a poesia portuguesa da época; e uma última sobre uma experiência pedagógica desenvolvida pelo poeta português Afonso Duarte. Essas conferências possivelmente não se realizaram. *Ainda nem pude fazer as conferências! O Instituto de Educação nem sequer encontrou ainda oportunidade para receber uma mensagem de que me fizeram portadora...*<sup>249</sup>

Assim que chegou ao Brasil, Cecília reiniciou seu trabalho no Centro de Cultura, que já tinha mais de 600 crianças inscritas, mas apresentava alguns problemas: *Não tenho pessoal para o serviço, mas espero vir a tê-lo, e então talvez possa apresentar resultados interessantes.*<sup>250</sup> Com a experiência resultante do inquérito de leituras e do seu trabalho na Biblioteca Infantil, iniciou um trabalho de pesquisa que tinha como objetivo a reconstituição de toda a literatura infantil, projeto que deve ter sido a gênese de seu livro *Problemas da Literatura Infantil*. Este era a síntese de uma série de palestras proferidas a convite da Secretaria da Educação de Minas Gerais, em 1949, e publicada em 1951 pela própria secretaria.

Em julho de 1935, Cecília Meireles foi convidada para lecionar Literatura Luso-Brasileira na Universidade do Distrito Federal, a convite de Anísio Teixeira. Em 19 de novembro de 1935, deu-se a morte trágica de Correia Dias,<sup>251</sup> aos 42 anos de idade. Ele havia acompanhado Cecília Meireles quando esta apresentou com sucesso sua série de conferências em Portugal. Correia Dias esperava ser

---

<sup>248</sup> MEIRELES, C. *Carta a Fernando de Azevedo*. Rio de Janeiro, 22/02/1935. FA - Cp, Cx. 21, 77/1. IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros).

<sup>249</sup> MEIRELES, C. *Carta a Fernando de Azevedo*. Rio de Janeiro, 23/05/1935. FA - Cp, Cx. 21, 78. IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros).

<sup>250</sup> *Ibidem*.

<sup>251</sup> Fernando Correia Dias, (1892-1935) nascido em Moledo da Penajoia, era um artista multifacetado: pintor, escultor, desenhista, ilustrador, gráfico, ceramista, etc., com trabalhos publicados nas revistas portuguesas *A Rajada* e *A Águia*. No Brasil, trabalhou em revistas e jornais onde fazia capas e ilustrações. Participou da *Página de Educação* e da *Página das Crianças*, criadas por Cecília Meireles, como ilustrador.

recebido festivamente em seu país, porém quem recebeu todas as honras foi Cecília. Ele não quis permanecer em Portugal e os dois retornaram ao Brasil.

Faço esta carta-circular porque não tenho força para escrever a cada um isoladamente. Levei um mês sem dormir nem comer. Sustentada por palavras e remédios. E sem nenhum interesse pela vida. Fazer o quê, – depois disto? Nem amar vale nada, então? Os amigos daqui, como V.V., dizem-me coisas: que é preciso viver, que eu tenho as crianças, que tenho a arte... A arte! Que importa! As crianças... – ah! não se é nada, em nenhum destino, nem no nosso. Se fôssemos, o Fernando não faria o que fez. Porque eu levei 13 anos sobre essa tragédia, tentando dominá-la, – e dando-me, dando-me, dando-me infinitamente, sob todas as formas, num sacrifício contínuo a um destino que estava sempre adivinhando. Que adiantou? Que a fatalidade se retardasse? Nem isso. Tudo está previsto, fixo e há um ritmo inexorável. E quando penso na minha presciência de tudo que de grave se suspende em redor de mim e dos que amo; quando reflito na resignação com que espero o que está para acontecer; e no desprendimento em que vivo perante a certeza dos meus insucessos, – pergunto, que teria sido feito de mim, neste momento, se minha formação não fosse esta, uma vez que tudo isso não impediu o quase total desmoronamento da minha vida. E digo quase como pelo medo de assustá-los um pouco. Estou, ainda, por aqui. (Até quando?!) Mas estou muito pouco. Menos do que antes, que já era quase nada. Em todo caso, sorrindo para V. V., despedida já para qualquer instante.<sup>252</sup>

Cecília foi convidada, em 1935, a ocupar a cadeira de Estudos Brasileiros que funcionava na Faculdade de Letras de Lisboa desde 1923, primeiro regida por Oliveira Lima e depois por Manuel de Sousa Pinto, que falecera em 7 de junho de 1934. Na carta referida acima, ela agradecia o convite e revelava aos amigos sua situação financeira e o estado em que se encontrava a UDF<sup>253</sup> e a educação depois da saída de Anísio Teixeira:

---

<sup>252</sup> MEIRELES, C. Carta a Diogo, Manuel Mendes, Montalvo, Osório e Raquel. Rio de Janeiro, 06/01/1936. In: SARAIVA, A. Uma carta inédita de Cecília Meireles sobre o suicídio do marido (Correia Dias). *Revista do Centro de Estudos Brasileiros*, p. 57. (Recorte pertencente ao acervo Plínio Doyle da Casa Rui Barbosa. Não possui as referências completas).

<sup>253</sup> A UDF foi criada pelo Decreto nº 5513, de 4 de abril de 1935, da Prefeitura do Distrito Federal. Os cursos foram inaugurados em junho do mesmo ano, sendo a UDF "extinta" pelo Decreto-Lei nº 1063, de 20 de janeiro de 1939, que dispõe sobre a transferência de estabelecimentos de ensino da UDF para a Universidade do Brasil (na prática, um eufemismo para o encerramento dessa experiência universitária). Pelo parágrafo único do art. 1º, ficaram excluídos do processo o Instituto de Educação (que voltou ao nível normal), o Departamento de Artes, de Desenho e o Departamento de Música (incorporados às Escolas Nacionais de Belas Artes e Música), bem como o curso de formação de professores, o curso de orientadores de ensino primário, o curso de

Do Departamento de Educação recebo 800\$ e da Universidade 1:600\$. Isso faz 2:400\$ mensais, que dão para pagar as dívidas e ir vivendo. Apenas, a Universidade está para ser fechada a cada instante, desde que uma reviravolta política produziu a queda do Anísio, arrastando diretores da Faculdade e professores, supostos "avançados" demais para a época. Eu nada tenho a ver com essas coisas, mas a mudança de professores da esquerda ou centro para outros de extrema direita pode produzir deslocamentos por outras conveniências que não as de ordem técnica. Nesse caso, talvez eu fosse atingida. E teria então de pensar em arranjar a vida de outra maneira. Mas o grupo educacional a que estou filiada creio que não permitiria o meu sacrifício sem protesto. Estou fazendo um curso realmente interessante, que serve de disciplina às minhas idéias e sentimentos. Mais do que um meio de ganhar dinheiro, ele é uma forma de me manter na vida por mais algum tempo.<sup>254</sup>

Ela permaneceu à frente da Biblioteca Infantil, mas, apesar de todo o seu empenho, seu mais caro empreendimento tinha os dias contados. Com a demissão de Anísio, a biblioteca encontrou dificuldades para continuar existindo. Em 19 de outubro de 1937, em plena vigência do Estado Novo, o Centro foi invadido pelo interventor do Distrito Federal. O fechamento foi justificado de forma surpreendente: a biblioteca teria em seu acervo um livro de *conotações comunistas*, cujas idéias eram perniciosas ao público infantil. Tratava-se de *As Aventuras de Tom Sawyer*, de Mark Twain. Segundo depoimento da filha Maria Matilde a Jorge de Aquino, em janeiro de 1982, Cecília também sofreu represálias:

Foi terrível. Ao ter de assumir também o papel de chefe da família, mamãe fez a tradução<sup>255</sup> do inglês do livro Tom Sawyer, de Mark Twain. A edição foi recolhida pela Censura. O governo – vejam a idiotice – considerava Mark Twain *persona non grata* – e mamãe sua tradutora, foi levada à delegacia, sofreu agressão e incríveis violências. Por outro lado, a polícia invadiu a nossa casa, vasculhou tudo, quebrou vasos de cerâmica pintados por meu pai, procurando sempre armas e nomes de subversivos. Queriam achar, de qualquer modo, uma ligação de mamãe com pessoas perseguidas pelo regime político da época. Não entendi tanta fúria

---

administradores escolares e os cursos de aperfeiçoamento da Faculdade de Educação (esses efetivamente extintos). Os demais cursos iriam constituir o embrião da Faculdade Nacional de Filosofia.

<sup>254</sup> *Ibidem*.

<sup>255</sup> Aqui há um equívoco de Maria Matilde. Na verdade a tradução do livro de Mark Twain foi feita por Monteiro Lobato.

contra uma família indefesa, que só teve a ajuda real do padrinho de Maria Fernanda, Carlos Alberto da Nóbrega, infelizmente, já falecido.<sup>256</sup>

Em ofício do dia 25/10/37, Cecília relatou os últimos acontecimentos ao Diretor do Departamento de Educação. Segundo ela, o livro em questão foi enviado pela própria BCE através do sistema de repasse de obras às bibliotecas do Distrito Federal. Quanto ao teor do livro, garantia que se tratava de um clássico da literatura infantil mundial, largamente utilizado nos Estados Unidos, nas escolas tanto protestantes quanto católicas; também na França, fazia parte do catálogo de livros recomendáveis para a infância e a adolescência; na Inglaterra, onde eram severos e escrupulosos em matéria de obras oferecidas às crianças, o livro era recomendado, era incentivada a sua leitura e constava do acervo e dos programas escolares. Mesmo a Itália fascista não eliminara o livro de suas listas, continuando a ser amplamente lido por crianças de todas as idades. Sua reclamação não obteve resposta e a biblioteca permaneceu fechada.

O Pavilhão Mourisco, que abrigou a Biblioteca Infantil de 1934 a 1937, transformou-se rapidamente num posto de coleta de impostos. Ficou abandonado por vários anos até ser totalmente demolido em 14/01/1952, na administração Henrique Dodsworth, por ocasião da abertura do Túnel do Pasmado. Os livros foram para a biblioteca de uma escola da zona sul no bairro da Urca, a Escola Minas Gerais, onde foram amontoados e relegados ao tempo, às traças, ao esquecimento... D. Ruth Vilella, em seu depoimento, fala do destino dessa coleção:

Era tempo de Getúlio e Cecília Meireles foi taxada, com os intelectuais da época como comunista. Então, de uma penada, Getúlio fechou a biblioteca, interditou e transformou aquilo rapidamente num ponto de coleta de impostos, uma coisa parecida. A mim, me deu curiosidade de saber. Onde estão aqueles livros tão lindos que eu tinha visto? Aí me disseram, bom... foram para a biblioteca da zona sul no bairro da Urca e eu fui em busca dessa biblioteca e encontrei uma com o nome de Minas Gerais.

(...) pelo menos uns três a cinco anos depois do fechamento. Por que ela foi fechada assim abruptamente. Não foi alguma coisa que se planejasse fechar. Estava decidido que a biblioteca estava entregue a uma pessoa de linha

---

<sup>256</sup> AQUINO, J. Minha mãe, Cecília Meireles (depoimento de Maria Matilde). *Revista Manchete*, Rio de Janeiro, 23/01/1982.



comunista que então era de oposição ao Getúlio. E com isso, o trabalho que ela fez junto a Anísio Teixeira foi destruído. Essa biblioteca, essa coleção de livros, que eu procurei na Escola Minas Gerais... a diretora teve muito pouco interesse... Ela só me disse "realmente vieram uns livros prá cá..." Eu tenho a impressão de que ela não tinha biblioteca na escola, por que ela me disse: "eles estão ainda circulando nas salas".<sup>257</sup>

O fechamento da biblioteca foi amplamente divulgado na imprensa nacional e internacional. A seguir, apresentamos na íntegra duas dessas matérias jornalísticas. Nelas, pode-se notar o assombro que causou tal iniciativa. O autor da matéria destaca sua surpresa por se tratar do livro de Mark Twain, um clássico conhecido e adotado no mundo inteiro.

Um dos livros mais populares de Mark Twain (talvez mesmo o mais popular de todos os que ele escreveu) é o Tom Sawyer. Nos Estados Unidos esse romance de aventuras distribui-se e vende-se largamente todos os anos. Distribui-se como prêmio escolar até mesmo em escolas dominicais presbiterianas e católicas, porque de fato Tom Sawyer é o tipo de garoto traquina americano, sempre imaginando travessuras, pintando o sete, arriscando-se, de noite, cheio de medo, pelos arredores de casa, a ver se encontra índios e bandidos, – naturalmente para fugir depois, a toda pressa. Mark Twain pôs nele muito detalhe autobiográfico, tal como Dickens no David Copperfield.

Ora sucedeu que, logo no início da recente campanha antimoscovita, uma autoridade qualquer *cheia de boas intenções*,<sup>258</sup> proibiu, no Estado do Rio de Janeiro (decerto numa cidade apenas do Estado) a venda desse livro declarando-o comunista. Isso foi transmitido para o mundo inteiro, e os jornais americanos e ingleses têm-se divertido com tamanha excentricidade, – que deve excitar o bom humor do sr. Borges de Medeiros e de todos os velhos que há meio século se deliciaram com a leitura de Tom Sawyer.

Confunde-se lá fora o Estado do Rio de Janeiro, com a cidade do Rio de Janeiro, capital do país, e critica-se o governo central por um ato que realmente não praticou nem seria capaz de praticar. Fazemos essa justiça ao sr. Getúlio Vargas. Responsabilizá-lo por tudo o que de ruim sucede no país é de fato um exagero

---

<sup>257</sup> VILELLA, Ruth. Entrevista concedida à pesquisadora em 11/11/2000.

<sup>258</sup> Grifos meus.

tremendo. Ele é tão culpado como o interventor do Amazonas pelo zelo excessivo da autoridade do Estado do Rio que proibiu a venda do Tom Sawyer.

Desta vez não merecemos de maneira alguma as críticas e o ridículo de que somos alvo no estrangeiro. De resto, o Brasil é grande demais para poder ser julgado por fatos tão pequeninos.<sup>259</sup>

O jornal não manifesta surpresa ou refere os motivos políticos que acarretaram tal iniciativa: o autor da matéria prefere inocentar o presidente Getúlio Vargas e culpar uma autoridade subalterna *cheia de boas intenções*, ignorante de livros e literaturas. Na segunda matéria, intitulada *A última aventura de Tom Sawyer*, o escritor e jornalista Austregésilo de Athayde mantém o mesmo tom da notícia anterior, também desacreditando de motivos políticos:

Li no "New York Times" comentários a respeito de um acontecimento que talvez não seja verdadeiro. Pelo menos não o vi publicado aqui.

Denunciou a grande folha americana ao mundo que no Brasil havia sido retirada das bibliotecas públicas, como subversiva, a obra mais ilustre e estimada de Mark Twain, o inesquecível Tom Sawyer. Alguma coisa como se alguém se lembrasse de banir "Os Miseráveis", "David Copperfield" ou qualquer outra dessas grandes histórias de sofrimento humano, nas quais gerações sucessivas aprenderem a amar a justiça.

Indignou-se o jornalista e viu no caso um sinal de estupidez e barbária. Estou certo de que ninguém neste país jamais se lembrou de incluir "Tom Sawyer" entre os livros perniciosos à juventude.

Se isso aconteceu, no entanto, o inquisidor agiu de conta própria, excedendo, por ignorância o mandado que lhe confiaram.

*Convém que a missão de queimar livros ou retirá-los das bibliotecas seja confiada a gente criteriosa, a homens que tenham cultura e possuam real conhecimento do valor das obras condenáveis.*<sup>260</sup>

Mais do que dizem os livros, o exemplo é que contamina, arrasta e destrói.

---

<sup>259</sup> Tom Sawyer. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1937.

<sup>260</sup> Grifos meus.

Entregando a pessoas incapazes tarefa de tamanha responsabilidade, qual a de escolher na literatura universal o que deve permanecer nas bibliotecas, arriscamos passar aos olhos das nações como uma taba de botocudos analfabetos, capazes de eliminar o "Sermão da Montanha" ou atentar contra a "Imitação de Cristo".

Se alguém no Brasil queimou a obra prima de Mark Twain, procedeu com a mesma *inocência*<sup>261</sup> dos bárbaros que incendiaram a biblioteca de Alexandria.

Está perdoado por não saber o que fez.<sup>262</sup>

O autor do segundo artigo desculpa ainda mais as autoridades *inocentes e ignorantes*, que certamente tomaram essa iniciativa sozinhos. Para ele, os livros poderiam ser queimados sim, desde que isso fosse confiado a *gente criteriosa* e não a *botocudos analfabetos*. Entretanto, o que sabemos é que o ocorrido não se tratou de uma artimanha ou de uma irresponsabilidade de analfabetos.

À medida que o autoritarismo dentro da máquina estatal e da própria sociedade cresceu, não suportou o que considerava excessos desse processo e que esbarrou numa literatura de conteúdo político, ideologicamente subversiva de certos valores tradicionais ainda presentes e então robustecidos pela conjuntura em vigor. O ato de ler passaria a ser crescentemente vigiado dentro das escolas e fora delas. Todos os livros considerados "materialistas", "sinais de infiltração comunista" seriam proscritos, a imprensa e o rádio censurados e as bibliotecas lentamente desfalcadas, desmanteladas e intencionalmente largadas à deriva.<sup>263</sup>

Essa campanha persecutória teve seu início em maio de 1936, quando foi instaurado um inquérito sobre atividades comunistas no Instituto de Educação, tendo os professores Nereu Sampaio, Raja Gabaglia, Murillo Braga, Moysés Gikovate, Afrânio Peixoto, Josefa Rossi Magalhães, Áurea e Lygia Lemme, Júlio César de Mello e Souza (Malba Tahan), Oswaldo Pereira, Manoel Castello Branco Villaça, Edith Gomes da Rocha, Ricarte e Aynéas Assis sido *denunciados como propagandistas de idéias comunistas*.<sup>264</sup> Nesse mesmo ano já se previa o fechamento da Universidade do Distrito Federal, conforme comentava Cecília aos

---

<sup>261</sup> Grifos meus.

<sup>262</sup> ATHAYDE, A. A última aventura de Tom Sawyer. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 14/12/1937.

<sup>263</sup> NUNES, C. *Anísio Teixeira: a poesia da ação*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000, p. 377-378.

<sup>264</sup> *Ibidem*, p. 309-310.

seus amigos portugueses. Com a demissão de Pedro Ernesto, Afonso Pena Jr. assumiu a reitoria da UDF no lugar de Afrânio Peixoto. O cargo foi entregue, em 1937, a Alceu Amoroso Lima, que o exerceu até a incorporação da universidade à Universidade do Brasil pelo Decreto-Lei nº 1063, em 20 de janeiro de 1939. Os professores da UDF também foram afastados como suspeitos de subversão, dentro do mesmo nível de suspeita com que foram taxados todos os educadores que estiveram ligados ao movimento renovador. Em 1938, verificou-se o encerramento das atividades da Comissão de Literatura Infantil do MES, criada em 1936 por iniciativa do ministro Capanema. Dela faziam parte Maria Eugênia Celso, Elvira Nizinska, Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Murilo Mendes e Lourenço Filho, como presidente. A Comissão iniciou o levantamento de trabalhos de literatura infantil da época e o julgamento e classificação de numerosas obras, além de preparar as bases de um concurso para obras originais destinadas a crianças. Apesar de ser uma iniciativa oficial, a Comissão foi desativada, dentro dos mesmos princípios de contenção da cultura, que deveria ficar reprimida nos limites estreitos do regime que se anunciava.

De acordo com o narrado por Edgard Cavalheiro, citado por Nunes, os livros de Monteiro Lobato chegaram a ser queimados nos pátios de colégios católicos, durante o Estado Novo. Em 1950, essa perseguição à sua obra continuou, tanto assim que as Edições Paulinas publicaram o livro do padre Sales Brasil *A literatura infantil de Monteiro Lobato ou o comunismo para crianças*. Sales Brasil acusava Monteiro Lobato de ser um *insidioso literato, corruptor de crianças, desestabilizador de famílias, comunista e laçao de Moscou*.<sup>265</sup>

Toda a obra de educação sonhada pelos renovadores foi vista como ameaçadora, sendo prontamente empastelada pela máquina repressora do Estado Novo. Professores demitidos, bibliotecas fechadas, autores proscritos, pan-americanismo duvidado, livros retirados de circulação, idéias renovadoras condenadas... Para todos aqueles educadores e entusiastas da educação, que acreditavam na construção de uma nova organização escolar como uma possibilidade real de democratização do ensino, a implantação do novo regime político significou o fim

---

<sup>265</sup> *Ibidem*, p. 401-402.

de um sonho. Em 1934, em uma carta a Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira parecia antecipar o que finalmente viria a acontecer:

Cada vez mais me convenço de que existe, ainda, no Brasil, uma luta organizada contra a educação popular. Enquanto a obra educacional não atinge a eficiência necessária para as mesmas, todos estão prontos para pagar ao problema educativo o seu tributo verbal e inócuo. Se começarmos, porém a agir, logo nos sentimos duvidados, suspeitados, atacados, porque, no fundo, não se deseja a educação popular.<sup>266</sup>

Em 1941, exilado da educação na Bahia, Anísio desabafou ao amigo Lobato:

Pensava eu, ingenuamente, que viver-se em um desses momentos, como o nosso, em que a história entra repentinamente a correr, fosse um alto estímulo para a imaginação e para a inteligência. Imaginava possível não sermos envolvidos pelo turbilhão! Que engano! Os historiadores, amanhã, engolfarão, embriagados de alegria, as suas penas em nossa época na sua inextinguível riqueza histórica... Nós, porém, deveremos dar-nos por felizes se não formos tomados pela paralisia de imaginação que provoca, quase inevitavelmente, o desastre esmagador e desproporcionado.<sup>267</sup>

---

<sup>266</sup> TEIXEIRA, A. Carta a Fernando de Azevedo. Rio de Janeiro, 11/03/1934. In: VIDAL, D.G. *Na batalha da educação: correspondência entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo (1929-1971)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000, p. 25.

<sup>267</sup> TEIXEIRA, A. Carta a Monteiro Lobato. Bahia, 31/12/1941. In: VIANNA, Aurélio, FRAIZ, Priscila. (org). *Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1986, p. 90.

*"Vieram, por ti, músicas límpidas, trançando sons de ouro e de seda..."<sup>268</sup>*

*"Entre nós tudo é inconsistente,  
provisório, não dura.  
Não havia ali nada que lembrasse o passado".*

Lima Barreto

*"A memória é um bem - ou um mal - individual.  
E não se aprende sem memória..."*

Anísio Teixeira

A experiência da Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco, mesmo tendo sido fugaz, incentivou a criação de seções infantis nas bibliotecas públicas e de outras bibliotecas infantis, em todo o Brasil. Todas as inovações implementadas por Cecília Meireles e colaboradores foram utilizadas por aqueles que buscavam empreender bibliotecas dinâmicas para atender o público infantil.

Ao mesmo tempo que nos empenhávamos pela melhoria do livro, conteúdo e apresentação, pela educação do gosto dos que adquirem livros, pela divulgação dos bons livros, é óbvio que não deixaríamos de fazer a campanha correlata pela instalação de bibliotecas infantis. Sim, essa campanha durou tanto quanto as outras. Coube a Anísio Teixeira na realidade de Secretário de Educação e Cultura do Distrito Federal, atender-nos, inaugurando a primeira Biblioteca Pública Infantil do país, a do Pavilhão Mourisco, cuja direção confiou a Cecília Meireles, bem como a organização de um plano para a instalação de bibliotecas escolares, tendo podido inaugurar umas poucas. Criou a Biblioteca Central de Educação com uma Seção Infantil. A biblioteca infantil do Pavilhão Mourisco e, segundo me informam, quase todas as escolares então organizadas, deixaram de existir. Alegro-me, porém, em constatar que outras bibliotecas para crianças foram instaladas nos últimos tempos, embora sem obediência a um plano conjunto.<sup>269</sup>

Algumas bibliotecas infantis brasileiras se constituíram seguindo a concepção introduzida por Cecília Meireles, sendo as mais representativas a Biblioteca Infantil de São Paulo e a Biblioteca Infantil Monteiro Lobato (BIML), todas criadas entre o final dos anos 30 e início dos anos 50. A primeira biblioteca a ser organizada dentro

<sup>268</sup> MEIRELES, C. "Inverno". Viagem. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958.

<sup>269</sup> ALVARO ALBERTO, A. Leituras Infantis. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 22/02/1948.

dessas novas concepções foi a Biblioteca Infantil do Departamento Municipal de Cultura de São Paulo. Inaugurada em 15 de abril de 1936, estava localizada à Rua Major Sertório, 636.<sup>270</sup> Foi instalada em dois amplos salões e possuía arquivos, fichários e mobiliário adequados ao público infantil. Todas as seções eram cuidadosamente organizadas, sobressaindo-se as pequenas coleções numismática e filatélica, a seção destinada aos jogos silenciosos e educativos e a seção de projeção luminosa fixa e animada. Estiveram presentes à inauguração, além de autoridades municipais e federais, o diretor do Departamento Municipal de Cultura, Mário de Andrade, o cônsul da Hungria, Sr. Lojas Bouglar, e a coordenadora da Biblioteca Infantil, Sra. Lenira Fraccarolli.

Dentro desta casa encontrareis na devida disposição – livros, revistas, coleções de recortes e gravuras, fichas, jogos e brinquedos – tudo enfim, que possa despertar nas crianças esse apetite intelectual, esse amor à leitura, esse desejo de aperfeiçoamento para que os indivíduos se elevem do materialismo grosseiro ao idealismo construtor.

Uma biblioteca é um celeiro de luz e ninguém, jamais, saberá louvar bastante aquela que tomaram por lema o mandato do poeta pensador: "Livros, livros a mancheias, fazei o povo pensar!"

E o Departamento de Cultura – quem poderá negá-lo? – ajunta hoje um novo lustre ao brasão de suas glórias, fazendo-se credor da gratidão do povo por mais uma realização magnífica – a sua "Biblioteca Infantil". Departamento de Cultura que é, não descarta de um só recurso para realizar seu arrojado programa: dotar a cidade dinâmica de todas as fontes de cultura – física, higiênica, intelectual, moral e artística.

E, enquanto nos Parques Infantis desabrocham ao ar e ao sol corpos sadios, no remansoso e calmo ambiente desta Biblioteca, inteligências e corações em flor hão de fecundar-se em frutos preciosos para o amanhã radioso de nossa terra.<sup>271</sup>

Mário de Andrade foi nomeado chefe da Divisão de Expansão Cultural e diretor do Departamento de Cultura em 31 de maio de 1935. O novo departamento estabeleceu como prioridades: a promoção e organização de atividades artísticas

---

<sup>270</sup> Localiza-se, atualmente, na Rua General Jardim, 485 - Vila Buarque, São Paulo, SP.

<sup>271</sup> FRACCAROLLI, L. Solenidade da inauguração da Biblioteca Infantil. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 15/04/1936.

(música, teatro, canto e cinema); divulgação de cultura geral (palestras e cursos populares, conferências universitárias, sessões artísticas e literárias); criação e manutenção de instituições culturais permanentes (bibliotecas e museus); coordenação de atividades recreativas e esportivas através da construção de espaços públicos de lazer e esportes (parques infantis e campos de atletismo); e preservação do patrimônio artístico, histórico e documental do município de São Paulo. Para a execução dessas funções, o departamento contava com várias divisões e seções, todas elas subordinadas à diretoria. A Divisão de Bibliotecas, sob a chefia de Rubens Borba de Moraes, estava encarregada da supervisão da Biblioteca Municipal e das bibliotecas criadas pela Prefeitura (a Biblioteca Infantil, as bibliotecas circulantes, as bibliotecas populares e as bibliotecas dos parques infantis).<sup>272</sup> Outro projeto do Departamento de Cultura foi a criação da primeira Escola de Biblioteconomia, inaugurada em 1937, com 215 alunos matriculados, visando à formação de pessoal capacitado para as bibliotecas do estado e do país. O Departamento foi ainda responsável pela elaboração da primeira lei que regulamentava o exercício da profissão de bibliotecário e pela criação do Conselho Bibliotecário do Estado, com os objetivos de coordenar o trabalho e promover a organização do Catálogo Coletivo de todas as bibliotecas estaduais e municipais, e ainda das particulares existentes no estado.<sup>273</sup>

A Biblioteca Infantil<sup>274</sup> teve início com a incorporação ao Departamento de Cultura da Biblioteca Infantil do Instituto Caetano de Campos, sendo organizada pela professora Lenira Fraccarolli e pelo professor Antônio D'Ávila, em 1933. Com um acervo composto por 1.400 volumes especializados, publicações avulsas, 5.000 recortes de jornais e revistas, possuía seções de filatelia e numismática, além de uma seção de gravuras, cinema e música. Publicava o jornal *A Voz da Infância*, promovia concursos anuais de livros infantis e desenhos, realizava pesquisas sobre a preferência de leitura das crianças freqüentadoras da biblioteca e atividades como projeção de filmes, palestras, hora do conto, excursões, festas e jogos. A biblioteca recebia crianças de 6 a 15 anos de idade de todas as classes sociais,

---

<sup>272</sup> Cada parque infantil possuía uma biblioteca infantil com cerca de 300 volumes, que funcionava como centro de atividades culturais.

<sup>273</sup> Nesse mesmo ano, o Ministério da Educação e Saúde criou o Instituto Cairu, transformado em Instituto Nacional do Livro pelo decreto-lei nº 93 de 21 de dezembro de 1937, com a finalidade de incentivar a organização e manutenção de bibliotecas públicas em todo o território nacional.

<sup>274</sup> A Divisão de Bibliotecas Infantis do Município de São Paulo conta atualmente com 32 bibliotecas, lideradas pela Biblioteca Infante-Juvenil Monteiro Lobato (BIJML).



numa frequência média de 150 a 200 crianças por dia, procedentes de vários bairros paulistanos, mesmos os mais longínquos.<sup>275</sup>

De acordo com o estabelecido pelo artigo 18 do Acto 361, que criou o Departamento de Cultura e Recreação do Estado de São Paulo, a Biblioteca Infantil se organizaria da seguinte forma:

§ 1º - A Biblioteca Infantil será instalada e organizada de maneira a constituir um centro de atração e de cultura infantil.

§ 2º - A Biblioteca Infantil será constituída de obras nacionais de literatura infantil e de traduções autorizadas de obras estrangeiras, história, de figuras e revistas infantis recreativas, de mapas, gravuras, selos e moedas.

§ 3º - A Biblioteca Infantil organizará diariamente, para ser lido, desde a hora de sua abertura, o Jornal das Crianças, feito de todos os recortes de todos os jornais diários de notícias, informações e comentários que possam interessar às crianças e contribuir para a sua educação.

§ 4º - Serão feitos freqüentemente inquéritos com o fim de verificar quais as obras de literatura infantil preferidas pelas crianças, as impressões que deixam e as influências que exercem sobre o seu espírito.

§ 5º - Será organizado anualmente um concurso de livros infantis, estabelecendo prêmios em dinheiro aos concorrentes vencedores.<sup>276</sup>

Excetuando o último artigo, todos os outros que dispunham sobre a criação e organização da Biblioteca Infantil de São Paulo se assemelhavam aos objetivos da Biblioteca do Pavilhão Mourisco. O fato de a Biblioteca Infantil de São Paulo atender educadores de várias partes do país, tanto enviando sínteses dos trabalhos desenvolvidos por ela quanto recebendo educadores que vinham conhecer de perto sua organização e também recolher material para fundação de bibliotecas semelhantes, leva à suposição de que todas as outras bibliotecas fundadas posteriormente se configuraram dentro dos princípios de organização empreendidos por Cecília Meireles na Biblioteca do Pavilhão Mourisco. Além disso,

---

<sup>275</sup> FRACCAROLLI, L. Biblioteca Infantil do Departamento Municipal de Cultura. *RAM (Revista do Arquivo Municipal de São Paulo)*, São Paulo, vol. LXIV.

<sup>276</sup> SÃO PAULO (Município). Acto 361. Organiza o Departamento de Cultura e Recreação. *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, São Paulo, 13/04/1935, p. 12-14.

consta que Mário de Andrade e Cecília mantiveram, desde os anos 30, intensa correspondência, ainda inédita, que pode conter evidências de que ambos trocavam mais que impressões sobre sua obra literária, mas também comunicavam o resultado de suas incursões no campo da educação e da cultura.<sup>277</sup>

Em 30/05/1951, a Biblioteca Infantil constituiu-se na Divisão de Bibliotecas Infanto-Juvenis e Cinema Educativo. Pela Lei 4.793/55, passou a denominar-se Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, em homenagem ao escritor, que dedicou às crianças o maior volume de sua obra. A Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato tornou-se a central de uma rede de 32 bibliotecas, instaladas em edifícios especialmente construídos para abrigá-las. Mário de Andrade, o criador dessa obra, não teve oportunidade de vê-la florescer. Esteve à frente do Departamento de Cultura até agosto de 1938. Sua permanência no cargo foi abalada pela implantação do Estado Novo, em 10 de outubro de 1937, pela saída de Fábio Prado da Prefeitura de São Paulo e pela inviabilização da candidatura de Armando de Salles Oliveira à Presidência da República.

Mário de Andrade e companhia foram vanguarda com propostas assimiláveis pela elite que era o poder na capital paulistana e tanto o foram que o Estado Novo, em 1937, desmantelou a não solidificada estrutura pacientemente construída. Mário de Andrade e o seu trabalho não poderiam ser compatíveis com as diretrizes que a nova situação política impunha. Foram momentos de intensa angústia com prisões, exílio e o afastamento de Mário de sua obra. No entanto, os destroços subsistiram, a idéia permaneceu latente e com o tempo rearticulou-se, transformando-se na Secretaria Municipal de Cultura da prefeitura paulistana. O projeto estadual e o sonho nacional foram arquivados, à espera de momento mais propício.<sup>278</sup>

Outras bibliotecas foram criadas nos princípios das bibliotecas infantis do Distrito Federal e de São Paulo. Dentre elas, vale destacar a Biblioteca Infantil Monteiro Lobato (BIML) de Salvador, no bairro de Nazaré, organizada pela professora

---

<sup>277</sup> A correspondência entre Cecília e Mário é ainda inédita. A *Editora Nova Fronteira* publicou o livro *Cecília e Mário*, que traz, entre outros textos, uma antologia e um estudo crítico da poesia de Mário feita por Cecília, depois da morte do amigo. Podemos encontrar ainda pequena parte das cartas trocadas entre os dois autores.

<sup>278</sup> MILANESI, L. *A casa da invenção*. São Paulo: Siciliano, 1991, p. 83.

Denise Fernandes Tavares, em 18 de abril de 1950, à época de Anísio Teixeira<sup>279</sup> na Secretaria de Educação e Saúde da Bahia (1947-1951). Essa biblioteca foi criada pela Lei 284 de 10/06/1950. Denise Tavares participou de alguns dos cursos de organização de bibliotecas infantis mantidos pela biblioteca infantil de São Paulo, onde Lenira Fraccarolli era uma das principais instrutoras. A Biblioteca Monteiro Lobato, desde sua criação, oferecia atividades artísticas como modelagem, escultura, pintura e música aos leitores. Além disso, realizava hora do conto, sessões cívicas e comemorativas, excursões, concursos, exposições, incentivou a existência de um clube de leitura e utilizava o recurso dos álbuns de recortes. A Lei 1.262 de 9/3/1960 instituiu o Serviço de Bibliotecas Infanto-Juvenis da Bahia, do qual a BIML era a central de um total de nove bibliotecas criadas no interior do estado e uma no bairro do Rio Vermelho, em Salvador. A BIML organizou, ainda, um curso preparatório de pessoal para atendimento em bibliotecas infanto-juvenis, na década de 60, curso este também extinto.<sup>280</sup>

A rede de bibliotecas baianas foi parte de um projeto caro a Anísio Teixeira – a criação de bibliotecas. Conquanto não se configurasse como um sistema público de bibliotecas eficiente como o criado no Distrito Federal (1931-1935), com uma biblioteca central que coordenasse o trabalho das demais, esse projeto tinha a pretensão de levar bibliotecas aos municípios. Se foi mais modesta que a do Distrito Federal em relação à organização, foi mais ambiciosa em almejar a disseminação de bibliotecas às cidades do interior do estado. As bibliotecas do interior foram desativadas posteriormente, permanecendo apenas a seção infantil na Biblioteca do Rio Vermelho.

---

<sup>279</sup> O livro *Sugestões para organização duma pequena Biblioteca Infantil*, de Denise Tavares, publicado pela BIML em 1960, traz a seguinte dedicatória: *A Anísio Teixeira – a quem cada brasileiro deve admiração e louvor pela grande obra educacional que realiza – minha estima e gratidão por me ter permitido, com o seu apoio e estímulo, fazer da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato uma magnífica realidade.*

<sup>280</sup> DURO, Yvette Zietlow. *Gênese da Biblioteca Infantil no Brasil*. Relatório de Pesquisa, Centro Referencial de Literatura Infantil e Juvenil/UFRGS/CNPq, 1990.

*“Ainda vai chegar o dia...”<sup>281</sup>*

*“Mas o sonho transmite-se.  
O sonho é uma realidade a seu modo:  
sem substância mas indestrutível”.*

Cecília Meireles

*“Educar os homens é torná-los expansíveis como gases.  
E em recipientes fechados, tal experiência sempre foi aventura arriscada.  
Ai de nós! Por que não continuamos selvagens,  
por que não continuamos ignorantes, por que não continuamos doentes?”*

Anísio Teixeira

Johnson e Harris, citados por Gomes, constataram que os historiadores de bibliotecas, desde o século XVI até os dias de hoje, *têm se dedicado a descobrir não só como as bibliotecas influenciam a sociedade de sua época, mas também como a sociedade inibe, encoraja ou dirige o crescimento de bibliotecas.*<sup>282</sup> Esses autores concluem que o desenvolvimento de bibliotecas está diretamente relacionado com a estabilidade econômica e social do país. Dessa forma, naqueles países onde prevalece a prosperidade econômica, onde há elevado grau de instrução de sua população, grandes áreas urbanas e onde o comércio livreiro está bem estruturado, as bibliotecas encontram meios de se desenvolver mais adequadamente. Elas são necessárias dentro do processo de desenvolvimento dessa sociedade. No caso brasileiro, as influências sociais e históricas provenientes de sua formação colonial ainda dirigem o curso da sociedade e das instituições, que são organizadas a partir do ponto de vista das elites, o que faz com que os recursos destinados à educação e cultura sejam disponibilizados com reservas. Sendo instituições condicionadas ao maior ou menor interesse dos órgãos governamentais e se desenvolvendo na dependência das condições políticas e econômicas de cada época, as bibliotecas brasileiras encontraram e ainda encontram dificuldades de se estabelecer como instituições depositárias da cultura nacional.

---

<sup>281</sup>MEIRELES, Cecília. “Romance XVIII”. *Romanceiro da Inconfidência. Obra Poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958, p. 699.

<sup>282</sup>GOMES, S. de C. *Bibliotecas e sociedade na Primeira República*. São Paulo: Pioneira, 1983, p. 13.

Seguindo essa tendência, quase todas as bibliotecas organizadas durante a administração de Anísio Teixeira deixaram, posteriormente, de existir. A experiência do Pavilhão Mourisco, apesar de sua breve duração, representou o início de uma experiência que gerou mais tarde a criação das seções infantis das bibliotecas públicas e de bibliotecas infantis no Rio de Janeiro, São Paulo e outros municípios brasileiros.

Criei a primeira biblioteca infantil, ali onde era o Pavilhão Mourisco. Criança que não tivesse onde ficar podia encontrar o livro que lhe faltava, a coleção de selos, moedas, jogos de mesa, sonhos, histórias e as explicações de professoras prontas e atentas. Acabou, depois de quatro anos, mas frutificou em São Paulo onde, hoje, existe até biblioteca infantil para cegos.<sup>283</sup>

O pioneirismo desse empreendimento reside no fato de essa biblioteca possuir características antes nunca vistas no Brasil. Na época, as bibliotecas não permitiam a entrada de crianças, e outras somente consentiam o acesso de menores acompanhados dos pais. A biblioteca do Mourisco foi além. Não somente estimulou a frequência de crianças como manteve os livros ao alcance delas, novidade sequer tentada nas bibliotecas freqüentadas por adultos. Outras novidades foram introduzidas: a inclusão de atividades artísticas e culturais, como hora do conto, dramatizações, jogos silenciosos, cinema e música; a consulta, a leitura e o empréstimo de livros como responsabilidade dos próprios leitores; o fato de as crianças ficarem livres para escolher as atividades que mais lhe interessassem; por ser um espaço público, mantido por verba pública; o desenvolvimento de um trabalho articulado às atividades escolares, pretendendo ser uma extensão da biblioteca escolar; a manutenção de um jornal mural diário; e por servir de objeto de estudo para professores e pesquisadores da rede municipal e do Departamento de Educação. Outra novidade introduzida no Centro de Cultura Infantil, que se deveu à criatividade e inventividade dos seus idealizadores, foi a decoração em motivos exclusivamente infantis, que tinha como objetivo criar uma atmosfera de sonho, adequada à idade dos seus freqüentadores, o que despertou a atenção não só das crianças, mas também dos adultos que tiveram a oportunidade de conhecer a biblioteca. Certamente, essas foram iniciativas que ajudaram a compor o cenário educacional das décadas seguintes. É possível que

---

<sup>283</sup> BLOCH, P. Entrevista Cecília Meireles. *Revista Manchete*, Rio de Janeiro,

esse tipo de biblioteca tenha tido sua origem esquecida, mas encontrou nas ações de educadores das gerações seguintes o seu prosseguimento.

Depois do fechamento da Biblioteca Infantil, Cecília Meireles continuou seu trabalho de divulgação do livro e da literatura infantil. Em 1949, foi convidada para uma série de palestras em Belo Horizonte, reunidas em livro a fim de integrar a *Coleção Pedagógica* da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, em 1951. Nesse trabalho, a autora esclareceu que não tinha a pretensão de delimitar e resolver todos os problemas que envolviam a literatura infantil, mas apenas *insistir sobre a sua importância e alguns de seus variados aspectos*.<sup>284</sup> A autora expressa sua melancolia, aliás uma das características mais marcantes de sua obra literária, quando afirma, no capítulo intitulado *Onde está o Herói?*, sua perplexidade ante a modernidade, quando os escrúpulos nada significavam, época em que os *bons* são considerados tolos, onde os *maus* caminham de triunfo em triunfo, sem anjo, fada ou justiça que lhes intercepte o caminho, quando a indústria do livro explora um público aparentemente indefeso e evidentemente copioso<sup>285</sup> e que diante de todo esse quadro, quando os heróis se tornaram bandidos era *desanimador pensar nos benefícios da Literatura Infantil*. E ela se perguntava: *que leituras daremos às crianças deste século?*<sup>286</sup>

Essa obra de Cecília Meireles representou um avanço na discussão do tema, sendo preocupação de outros educadores, alguns deles contemporâneos da autora. Segundo Abgar Renault, que fez o prefácio da primeira edição do livro *Problemas da Literatura Infantil*, ninguém o fez com tanta sensibilidade, conhecimento e graça poética. Segundo Cecília Meireles, nas páginas iniciais dessa obra, uma de suas aspirações...

(...) talvez fosse a da organização mundial de uma Biblioteca Infantil, que aparelhasse a infância de todos os países para uma unificação de cultura, nas bases do que se poderia muito marginalmente chamar "um humanismo infantil". Na esperança de que, se todas as crianças se entendessem, talvez os homens não se hostilizassem.

---

<sup>284</sup> MEIRELES, C. *Problemas da Literatura Infantil*. São Paulo: Summus; Brasília: INL, 1984, p. 15.

<sup>285</sup> *Ibidem*, p. 139.

<sup>286</sup> *Ibidem*, p. 135.

Isto, porém, não passa de uma aspiração, nestas páginas. Fora do outono certo, nem as aspirações amadurecem.<sup>287</sup>

---

<sup>287</sup> *Ibidem.*

# Referências Bibliográficas

“(...) somera, quiere que todo, en este mundo,  
exista para conducir a un libro”.

Mallarmé

## 1. Fontes Primárias

### 1.1. Fontes Documentais

**At pi ABC 31/36.00.00.** CPDOC/FGV, Rio de Janeiro.

AZEVEDO, Fernando de. **Carta a Anísio Teixeira.** São Paulo, 14 de março de 1932. AT c 31.12.27, CPDOC/FGV.

\_\_\_\_\_. **Carta a Anísio Teixeira.** São Paulo, 19 de março de 1933. AT c 31.12.27, CPDOC/FGV.

BATISTA, Pedro Ernesto. **Carta a Anísio Teixeira.** Rio de Janeiro, 02 de dezembro de 1935, PEB 35.12.01/1, CPDOC/FGV.

BIBLIOTHECA Infantil do Distrito Federal: Instruções para sua instalação e funcionamento. **At pi DF 31/35.00.** CPDOC/FGV.

DISTRITO FEDERAL. Consolida a organização técnica e administrativa do aparelho de direção do sistema educacional, instituindo o Departamento de Educação do Distrito Federal e dá outras providências. Decreto nº 4.387 de 08 de setembro de 1933. **Boletim da Prefeitura do Distrito Federal.** Rio de Janeiro: Secretaria do Gabinete do Prefeito, jul./set., 1933, p. 70-78.

DISTRITO FEDERAL. Transforma a Divisão de Bibliotecas, Museus e Radio-difusão do Departamento de Educação, na Divisão de Biblioteca e Cinema Educativo, e dá outras providências. Decreto nº 4.638 de 17 de janeiro de 1934. **Boletim da Prefeitura do Distrito Federal.** Rio de Janeiro: Secretaria do Gabinete do Prefeito, jan./mar., 1934, p. 126.

**LIVRO de Atas da Seção de Cooperação da Família.** ABE - Departamento do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1926-1929.

MEIRELES, Cecília. **Carta a Fernando de Azevedo.** Moledo da Penajoia, 06 de novembro de 1934. FA - Cp, Cx. 21, 75. IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros).

\_\_\_\_\_. **Carta a Fernando de Azevedo.** Rio de Janeiro, 08 de abril de 1931. FA - Cp, Cx. 21, 61/1. IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros).



MEIRELES, Cecília. **Carta a Fernando de Azevedo**. Rio de Janeiro, 07 de outubro de 1931. FA - Cp, Cx. 21, 63/1. IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros).

\_\_\_\_\_. **Carta a Fernando de Azevedo**. Rio de Janeiro, 08 de novembro de 1931. FA - Cp, Cx. 21, 64. IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros).

\_\_\_\_\_. **Carta a Fernando de Azevedo**. Rio de Janeiro, 09 de novembro de 1932. FA - Cp, Cx. 21, 67. IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros).

\_\_\_\_\_. **Carta a Fernando de Azevedo**. Rio de Janeiro, 07 de março de 1934. FA - Cp, Cx. 21, 70/1. IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros).

\_\_\_\_\_. **Carta a Fernando de Azevedo**. Rio de Janeiro, 02 de maio de 1934. FA - Cp, Cx. 21, 72. IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros).

\_\_\_\_\_. **Carta a Fernando de Azevedo**. Rio de Janeiro, 08 de agosto de 1934. FA - Cp, Cx. 21, 73. IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros).

\_\_\_\_\_. **Carta a Fernando de Azevedo**. Rio de Janeiro, 08 de janeiro de 1938. FA - Cp, Cx. 21, 79. IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros).

\_\_\_\_\_. **Carta a Fernando de Azevedo**. Rio de Janeiro, 12 de abril de 1932. FA - Cp, Cx. 21, 65/1. IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros).

\_\_\_\_\_. **Carta a Fernando de Azevedo**. Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1933. FA - Cp, Cx. 21, 68. IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros).

\_\_\_\_\_. **Carta a Fernando de Azevedo**. Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1933. FA - Cp, Cx. 21, 69. IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros).

\_\_\_\_\_. **Carta a Fernando de Azevedo**. Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1934. FA - Cp, Cx. 21, 74. IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros).

\_\_\_\_\_. **Carta a Fernando de Azevedo**. Rio de Janeiro, 20 de julho de 1931. FA - Cp, Cx. 21, 62. IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros).

\_\_\_\_\_. **Carta a Fernando de Azevedo**. Rio de Janeiro, 23 de maio de 1932. FA - Cp, Cx. 21, 66/1. IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros).

\_\_\_\_\_. **Carta a Fernando de Azevedo**. Rio de Janeiro, 21 de março de 1934. FA - Cp, Cx. 21, 71/1. IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros).

\_\_\_\_\_. **Carta a Fernando de Azevedo**. Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1935. FA - Cp, Cx. 21, 76. IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros).

\_\_\_\_\_. **Carta a Fernando de Azevedo**. Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1935. FA - Cp, Cx. 21, 77/1. IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros).

\_\_\_\_\_. **Carta a Fernando de Azevedo**. Rio de Janeiro, 23 de maio de 1935. FA - Cp, Cx. 21, 78. IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros).

MEIRELES, Cecília. **Carta a Fernando de Azevedo**. Rio de Janeiro, 27 de junho de 1938. FA - Cp, Cx. 21, 80. IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros).

PEIXOTO, Afrânio e outros. **Abaixo-assinado ao Prefeito Pedro Ernesto**. Rio de Janeiro, 01 de dezembro de 1935. AT c 35.12.01, CPDOC/FGV.

TEIXEIRA, Anísio. **Carta a Pedro Ernesto Batista**. Rio de Janeiro, dezembro de 1935, AT c 32.03.15, CPDOC/FGV.

## 1.2. Livros

ÁLVARO ALBERTO, Armanda. Associação Brasileira de Educação - Seção de Cooperação da Família (08/08/1932). In: MORAES, D. L. **Esboço histórico-geográfico do município de Duque de Caxias**. Duque de Caxias: Asgráfica, 1978, p. 115.

\_\_\_\_\_. Resultado do Inquérito sobre Leituras Infantis, realizado em julho de 1926, pela Seção de Cooperação da Família. In: MORAES, D. L. **Esboço histórico-geográfico do município de Duque de Caxias**. Duque de Caxias: Asgráfica, 1978, p. 112.

AZEVEDO, Fernando. **A cultura brasileira**. São Paulo: Melhoramentos/Editora da USP, 1971. 5ª edição.

BARROSO, Manuel. **La biblioteca en la escuela**. Centro de Actividades. Buenos Aires: Editorial A. Kapelusz, 1934.

CAMPOS, Maria dos Reis. **Instituições escolares**. Rio de Janeiro: G. Silva, 1936.

DUNLOP, C. J. **Rio antigo**. Rio de Janeiro: Ed. Gráfica Laemmert, v. 1, 1955.

LEMME, Paschoal. **Memórias**. São Paulo: Cortez; Brasília: INEP, 1988, v. 2.

LUZURIAGA, Lorenzo. **Bibliotecas escolares**. Madrid: Publicaciones de la Revista de Pedagogía, 1927.

MEIRELES, Cecília. **Criança meu amor**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

\_\_\_\_\_. **Leituras Infantis**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Educacionais/Gráfica do Departamento de Educação, 1934.

\_\_\_\_\_. **O Espírito Victorioso**. Tese apresentada ao concurso da cadeira de Literatura da Escola Normal do Distrito Federal. Rio de Janeiro, 1939.

\_\_\_\_\_. **Obra Poética**. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1958.

\_\_\_\_\_. **Obra Poética**. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1967.

MEIRELES, Cecília. **Olhinhos de Gato**. São Paulo: Moderna, 1980.

\_\_\_\_\_. **Problemas da Literatura Infantil**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984. 156 p.

MENEGALE, J. Guimarães. **O que é e o que deve ser a Biblioteca Pública**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1932.

ROMERO, S. **O professor Carlos Jansen e as leituras das classes primárias**. Estudos de literatura contemporânea. Páginas de crítica. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert & C., 1885, p. 159-164.

TEIXEIRA, Anísio A Educação Rural. In: TEIXEIRA, A. **Educação para a Democracia**: introdução à administração educacional. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1977, p. 102.

\_\_\_\_\_. A Administração Central do Sistema Escolar. In: TEIXEIRA, A. **Educação para a Democracia**: introdução a administração educacional. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1977, p. 137.

\_\_\_\_\_. A Educação Elementar e os seus Objetivos. In: TEIXEIRA, A. **Educação para a Democracia**: introdução a administração educacional. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1977, p. 81.

\_\_\_\_\_. A escola Elementar, sua Organização e Administração. In: TEIXEIRA, A. **Educação para a Democracia**: introdução a administração educacional. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1977, p. 181.

\_\_\_\_\_. **Educação para a democracia**: introdução a administração educacional. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

\_\_\_\_\_. **Educação Pública - Administração e Desenvolvimento**. Relatório do Diretor Geral do Departamento de Educação do Distrito Federal: Anísio Teixeira. Dezembro de 1934. Oficina Gráfica do Departamento de Educação, Rio de Janeiro, 1935, p. 231-242.

\_\_\_\_\_. Os Prédios e o Aparelhamento Escolares. In: TEIXEIRA, A. **Educação para a Democracia**: introdução a administração educacional. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1977, p. 237.

VIANNA, Aurélio, FRAIZ, Priscila. (org). **Conversa entre amigos**: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1986.

### 1.3. Artigos e Periódicos

"DIA do Livro" - Uma iniciativa sugerida em São Paulo. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 28 de maio de 1930, p. 7

E o Dr. Ernesto vae ficando. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 07 de setembro de 1934.

A ACTIVIDADE educacional no Espírito Santo - A "Festa do Livro", promovida pela Secretaria de Instrução daquele Estado. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1930, p. 4.

A ARTE, como instrumento de educação, na Reforma. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 12 de março de 1931.

A BIBLIOTECA Popular da Sucursal do O Jornal e a Associação Brasileira de Educação. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 12/09/28.

A INSTRUÇÃO publica nesta capital: um projeto sobre as fontes de receita capazes de prover o Fundo Escolar previsto em lei. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1931.

A PÁGINA das Crianças. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 03 de julho de 1930, p. 23.

A PÁGINA das Crianças. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 20 de julho de 1930, p. 23.

A PÁGINA das Crianças. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 22 de junho de 1930, p. 23.

A PÁGINA das Crianças. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1930, p. 23.

ÁLVARO ALBERTO, Armanda. Aos jovens leitores d'O Tico-Tico. **O Tico-Tico**, Rio de Janeiro, 22/02/28.

\_\_\_\_\_ . Bibliotecas públicas infantis. **Rotary Brasileiro**, Rio de Janeiro, maio de 1932.

\_\_\_\_\_ . Leitura para adultos. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 11/03/34.

\_\_\_\_\_ . Leituras infantis. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1948.

\_\_\_\_\_ . Livros, revistas e jornais para crianças. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 02/11/33.

AQUINO, Jorge. Minha mãe, Cecília Meireles (depoimento de Maria Matilde). **Manchete**, Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1982.

ASSOCIAÇÃO das Bibliotecas Circulantes. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 03 de julho de 1931, p. 7.

ATHAYDE, A. A última aventura de Tom Sawyer. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 1937, p. 2.

AZEVEDO, Fernando de. A Arte, como instrumento de educação, na Reforma. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 12/03/30.

\_\_\_\_\_ . A formação do Professorado e a Reforma. **Boletim de Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, out./dez., 1930, p. 484.

BIBLIOTECA da Universidade do Distrito Federal. **Boletim de Ariel**, Rio de Janeiro, ano 5, n. 9, p. 250, jun. 1932.

BIBLIOTECA Infantil do Distrito Federal. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1934. Educação e Ensino, p. 14.

BIBLIOTECA para crianças e adolescentes - a lista organizada em 1929 pelo Departamento do Rio de Janeiro - Advertência aos educadores brasileiros, pais e professores. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, fevereiro de 1930.

BIBLIOTECA Popular do Meyer. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 14 de maio de 1930, p. 7.

BIBLIOTECAS escolares. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 30 de julho de 1931, p. 7.

BIBLIOTECAS escolares: uma iniciativa interessantíssima de S. Paulo e o comunicado da comissão central. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 21 de agosto de 1931.

**BOLETIM da ABE**. Seção de Cooperação da Família. Rio de Janeiro, mar./abr. 1927.

**BOLETIM da ABE**. Seção de Cooperação da Família. Rio de Janeiro, maio, 1929.

**BOLETIM da Prefeitura do Distrito Federal**. Rio de Janeiro: Secretaria do Gabinete do Prefeito, abr./jun. 1934.

**BOLETIM de Educação Pública**. Publicação do Departamento de Educação. Companhia Editora Nacional, Rio de Janeiro, n. 9-10, ano IV, jan./jun., 1934.

**BOLETIM de Educação Pública**. Publicação do Departamento de Educação. Companhia Editora Nacional, Rio de Janeiro, n. 1-2, ano V, jan./jun., 1935.

CAMPOS, A. Cursos de Extensão, Especialização e de Aperfeiçoamento na BCE. **Boletim de Educação Pública**, Rio de Janeiro, 5(1-2), jan./jun. 1935, p. 142-144.

CAMPOS, Geir de. Meu encontro com Cecília. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1964.

CENTRO de Cultura Infantil. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1934, p. 14.

CLUB para crianças e adolescentes. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 06 de maio de 1930, p. 7.

COMO organizar as bibliotecas escolares? Algumas observações e conselhos da Inspetoria Geral da Instrução, de Minas Gerais. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 13 de agosto de 1933.

CONFERENCIAS em São Paulo: uma serie promovida pela Biblioteca Publica. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 23 de fevereiro de 1932.

ESTÁ sendo instalada a Biblioteca Infantil. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 15 de maio de 1934, 1ª edição, p. 1.

ESTÁ sendo instalada a Biblioteca Infantil. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 15 de maio de 1934, (cont. da 1ª pág. Da 1ª edição), 4ª edição, p. 2.

ESTÁ sendo instalada a Biblioteca Infantil. Os trabalhos que se realizam no Pavilhão Mourisco. **A Noite**, Rio de Janeiro, 17/05/34.

EXPOSIÇÃO de livros Infantis. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 23 de novembro de 1930, p. 7.

FRACCAROLI, Lenyra Camargo. Biblioteca Infantil do Departamento Municipal de Cultura. **RAM (Revista do Arquivo Municipal)**, São Paulo, vol. LXIV, 1939.

\_\_\_\_\_. Solenidade da inauguração da Biblioteca Infantil. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 15/04/1936.

INAUGURAÇÃO de uma Biblioteca Infantil. **Correio Paulistano**, São Paulo, 15 de abril de 1936.

INAUGURA-SE hoje à tarde na Biblioteca Infantil do Distrito Federal. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1934, p. 3.

LEITURA para adultos. Tese apresentada pela professora Armanda Álvaro Alberto. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 11 de abril de 1934.

LIVROS portugueses para as crianças brasileiras. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 12 de agosto de 1930, p. 5.

LIVROS, revistas e jornais para crianças - Tese apresentada pela professora Armanda Álvaro Alberto. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 02 de novembro de 1933.

MEIRELES, Cecília. A consciência dos educadores. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 01 de outubro de 1930, p. 4. Página de Educação.

\_\_\_\_\_. A futura Escola Normal. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1930.

\_\_\_\_\_. A Gravidade de ser Interventor. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 07/10/31.

MEIRELES, Cecília. A inquietação da Escola Nova e a renovação do mundo. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 17 de março de 1931, p. 7.

\_\_\_\_\_. Biblioteca Pedagógica Brasileira. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 01 de agosto de 1931.

\_\_\_\_\_. Cinema educativo. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 19 de junho de 1931, p. 7.

MEIRELES, Cecília. Círculos de pais e professores. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 22 de agosto de 1931.

\_\_\_\_\_ . Coisas da Instrução. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 28/02/32.

\_\_\_\_\_ . Como se distingue o educador. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 22 de agosto de 1930, p. 4.

\_\_\_\_\_ . Conferências Pedagógicas. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1930, p. 5.

\_\_\_\_\_ . Constâncio C. Vigil. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 21/04/1931.

\_\_\_\_\_ . Despedida. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1933.

\_\_\_\_\_ . **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 13/07/1930.

\_\_\_\_\_ . **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 18/09/1930.

\_\_\_\_\_ . Entrevista a Pedro Bloch. **Manchete**, Rio de Janeiro, 1964.

\_\_\_\_\_ . Função do professor. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1930, p. 7.

\_\_\_\_\_ . Legiões e religiões. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 03 de julho de 1931.

\_\_\_\_\_ . Leigo e religioso. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 06 de fevereiro de 1932.

\_\_\_\_\_ . Leituras perniciosas. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 07 de abril de 1931, p. 7.

\_\_\_\_\_ . Literatura Infantil. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 28 de junho de 1930, p. 5.

\_\_\_\_\_ . Livros para crianças. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 26 de junho de 1931, p. 7.

MEIRELES, Cecília. Livros para crianças. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 09 de novembro de 1930, p. 7.

\_\_\_\_\_ . O ensino da música nas escolas. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 05 de julho de 1930.

\_\_\_\_\_ . O ensino religioso nas escolas. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 10 de maio de 1931.

\_\_\_\_\_ . O Programa Educacional. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 17 de dezembro de 1930.

\_\_\_\_\_ . O valor dos manifestos. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 19 de março de 1932.

\_\_\_\_\_ . Os olhos observadores da infância. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 17 de junho de 1931, p. 6.

\_\_\_\_\_ . Pedagogia de Ministro. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 30 de abril de 1930.

\_\_\_\_\_ . Questão de liberdade. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 06 de maio de 1931.

\_\_\_\_\_ . Reportagem na Biblioteca Nacional. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 17/02/1932.

\_\_\_\_\_ . Responsabilidade da Revolução. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1930.

\_\_\_\_\_ . Sinal dos Tempos. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1930.

\_\_\_\_\_ . Solenidades cívicas. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro: 29 de junho de 1930.

\_\_\_\_\_ . Um dos resultados da Revolução. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 03 de dezembro de 1930.

\_\_\_\_\_ . Um Grande Amigo da Criança. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 21/10/31.

\_\_\_\_\_ . Uma entrevista com o novo Diretor da Instrução: as idéias, os planos e a visão geral do dr. Anísio Teixeira. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 17 de outubro de 1931.

MENEZES, Fagundes. Silêncio e Solidão. Rio de Janeiro, 3 de outubro de 1953.

O BALANÇO da Reforma Fernando de Azevedo: as respostas da inspetoria escolar Loreto Machado ao questionário da Subdiretoria Técnica de Instrução. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 22 de março de 1931.

O GLOBO visita a Biblioteca Infantil que hoje se inaugura no Pavilhão Mourisco. **O Globo**, Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1934, 3ª edição, p. 1.

OLIVEIRA, L. Escola de Aperfeiçoamento. Metodologia da Aritmética. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 03/03/1931.

PÁGINA de Educação. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 03 de julho de 1930, p. 5.

PÁGINA de Educação. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 03 de março de 1931, p. 7.

PÁGINA de Educação. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 06 de maio de 1931.



PÁGINA de Educação. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 07 de outubro de 1931, p. 6.

PÁGINA de Educação. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 12 de agosto de 1931, p. 6.

PÁGINA de Educação. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 13 de outubro de 1931, p. 6.

PÁGINA de Educação. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 1932, p. 6.

PÁGINA de Educação. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 21 de agosto de 1930, p. 7.

PERCORRENDO as escolas do Distrito Federal: a Escola "Deodoro" - bom ou mal o ensino especializado? - a obra do Circulo de Paes - uma diretora sem descrença. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1932.

PERCORRENDO as escolas do Distrito Federal: na Escola Barth, entre Guilherme Tell e Pestalozzi - um dia que não foi muito mal - resumo de todos os serviços escolares. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1932.

REAJUSTAMENTO do ensino primário do Distrito Federal: a exposição de motivos apresentada pelo Dr. Anísio Teixeira e o decreto baixado pelo interventor dr. Pedro Ernesto. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 29 de janeiro de 1932.

**REVISTA Schola**. ABE - Departamento do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, nov. 1930.

**REVISTA Schola**. ABE - Departamento do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, fev. 1931.

RODRIGUES, Raul Gomes. A significação de um convite. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 13/10/31.

SÃO PAULO (Município). Acto 361. Organiza o Departamento de Cultura e Recreação. **Diário Oficial do Estado de São Paulo**, São Paulo, 13/04/1935, p. 12-14.

SÃO Paulo tem um serviço de Bibliotecas ambulantes no interior. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 18 de junho de 1930, p. 7.

SOLENIDADE da inauguração da Biblioteca Infantil. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 15 de abril de 1936, p. 7.

TEIXEIRA, Anísio. Discurso de posse do Director Geral de Instrução Pública. **Boletim de Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1-2, jan./jun., 1932, p. 75-76.

\_\_\_\_\_. Instruções determinando o horário nas escolas elementares e dando outras providências. **Boletim de Educação Pública**, Rio de Janeiro, 5(1-2), jan./jun., 1935, p. 96.

\_\_\_\_\_. O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 65, n. 150, maio./ago., 1984, p. 407-425.

\_\_\_\_\_. Os prédios e aparelhamentos escolares. **Boletim de Educação Pública**, Rio de Janeiro, ano 14, n. 11-12, jul./dez., 1934, p. 204.

TEIXEIRA, Anísio. Porque "Escola Nova". **Boletim da Associação Bahiana de Educação**, Salvador, n. 1, p. 2-30, 1930.

\_\_\_\_\_. Reajustamento do Ensino Primário do Distrito Federal. A exposição de motivos apresentada pelo Dr. Anísio Teixeira e o decreto baixado pelo interventor Dr. Pedro Ernesto. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 29/01/32.

\_\_\_\_\_. Reorganização do Ensino Normal e sua transposição para o plano universitário: criação do Instituto de Educação do Rio de Janeiro. **Boletim de Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1-2, jan./jun., 1932, p. 110-117.

TERCEIRA Exposição de Literatura Infantil. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 06/09/34.

TOM Sawyer. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1937, p. 4.

UMA COLEÇÃO de livros portugueses para as crianças brasileiras. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 06 de agosto de 1930, p. 7.

UMA ENTREVISTA com o Diretor Geral da Instrução: o caso do ensino secundário, a questão das adjuntas de 1ª classe e o critério das promoções. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 05 de fevereiro de 1932.

UMA PALESTRA da Sra. Armanda Álvaro Alberto sobre Literatura Infantil. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 16 de abril de 1934.

UMA VISITA ao Centro de Cultura Infantil. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1934, p. 14.

VENANCIO FILHO, Francisco. Idéia de graça. **Boletim de Ariel**, Rio de Janeiro, ano 6, n. 4, p. 110, jan. 1937.

## 2. Fontes Secundárias

### 2.1. Livros

ÁLVARO ALBERTO, Armanda. Leituras Infantis. In: MORAES, D. L. **Esboço histórico-geográfico do município de Duque de Caxias**. Duque de Caxias: Asgráfica, 1978, p. 127.

ANDRÉ, Marli. A pesquisa no cotidiano escolar. In: FAZENDA, Ivani (org). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez, 1989, p. 37-45.

ANTIPOFF, Daniel. **Helena Antipoff**: sua vida, sua obra. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. **Poesia e estilo de Cecília Meireles**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I - Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1985. 254 p.

\_\_\_\_\_. **Obras Escolhidas II - Rua de Mão Única**. São Paulo: Brasiliense, 1987. 278 p.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia Grega**. Petrópolis: Vozes, 1991, v. 1.

BRANDÃO, Zaia. **A intelligentsia educacional**: um percurso com Paschoal Lemme por entre as memórias e as histórias da Escola Nova no Brasil. Bragança Paulista: IFAN-CDAPH. Editora da Universidade São Francisco/EDUSF, 1999.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. \_\_\_\_\_. **A Escrita da História**: Novas Perspectivas. Edit. Unesp, 1992, p. 7-37.

CARNEIRO DA SILVA, Waldeck. **Miséria da Biblioteca Escolar**. São Paulo: Cortez, 1995. (Série Questões da Nossa Época).

CARVALHO, Marta M. Chagas de. **Molde Nacional e Fôrma Cívica**: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931). Bragança Paulista: EDUSF, 1998, p. 54-55.

CHEVALIER, Jean. **Diccionario de los Símbolos**. Barcelona: Editoria Herder, 1986.

DUBY, Georges. **A história continua**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: Ed. UFRJ, 1993.

FERREIRA, Tânia M. T. Bessone. **Palácios de Destinos Cruzados**: Bibliotecas, Homens e Livros no Rio de Janeiro, 1870-1920. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

FRAILE, Agustín Blánquez. **Diccionario Latino-Español**. Barcelona: Editorial Ramon Sopena, 1960.

GOMES, Sônia de Conti. **Bibliotecas e sociedade na Primeira República**. São Paulo: Pioneira, 1983.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da Mitologia Grega e Romana**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1993.

JANSEN, C. Correspondência. In: ZILBERMAN, R., LAJOLO, M. **Um Brasil para Crianças**. Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos. São Paulo: Global, 1993, p. 267-268.

LAMEGO, Valéria. **A Farpa na lira**: Cecília Meireles na Revolução de 30. Rio de Janeiro: Record, 1996.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Brasiliense, 1956.

LOBATO, José Bento Monteiro. Os livros fundamentais. In: ZILBERMAN, R., LAJOLO, M. **Um Brasil para Crianças**. Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos. São Paulo: Global, 1993, p. 289.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstron. Como aperfeiçoar a literatura infantil. In: ZILBERMAN, R., LAJOLO, M. **Um Brasil para Crianças**. Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos. São Paulo: Global, 1993, p.322.

LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LUNA, Sérgio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 1999. (Série Trilhas).

MAGALHÃES PINTO, A. Esboço provisório de uma biblioteca infantil. In: ZILBERMAN, R., LAJOLO, M. **Um Brasil para Crianças**. Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos. São Paulo: Global, 1993, p. 280-288.

MAGNE, Augusto. **Dicionário Etimológico da Língua Latina**. Rio de Janeiro: INL, 1953.

MARCANTONIO, Antonia T. **Ação cultural e educacional da Biblioteca no âmbito da escola de 1º Grau**. Brasília: INEP, 1993.

MEIRELES, Cecília. Carta a Fernando de Azevedo. Rio de Janeiro, 08 de abril de 1931. In: LAMEGO, Valéria. **A Farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30**. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 211.

\_\_\_\_\_. Carta a Fernando de Azevedo. Rio de Janeiro, 07 de outubro de 1931. In: LAMEGO, Valéria. **A Farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30**. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 214.

MEIRELES, Cecília. Carta a Fernando de Azevedo. Rio de Janeiro, 08 de novembro de 1931. In: LAMEGO, Valéria. **A Farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30**. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 217.

\_\_\_\_\_. Carta a Fernando de Azevedo. Rio de Janeiro, 09 de novembro de 1932. In: LAMEGO, Valéria. **A Farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30**. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 227.

\_\_\_\_\_. Carta a Fernando de Azevedo. Rio de Janeiro, 12 de abril de 1932. In: LAMEGO, Valéria. **A Farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30**. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 219.

\_\_\_\_\_. Carta a Fernando de Azevedo. Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1933. In: LAMEGO, Valéria. **A Farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30**. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 230.

\_\_\_\_\_. Carta a Fernando de Azevedo. Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1933. In: LAMEGO, Valéria. **A Farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30**. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 234.

MEIRELES, Cecília. Carta a Fernando de Azevedo. Rio de Janeiro, 20 de julho de 1931.  
In: LAMEGO, Valéria. **A Farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30**. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 213.

\_\_\_\_\_. Carta a Fernando de Azevedo. Rio de Janeiro, 23 de maio de 1932.  
In: LAMEGO, Valéria. **A Farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30**. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 223.

MENDONÇA, Ana Waleska P.C. A História da Educação face à “Crise dos Paradigmas”.  
In: BRANDÃO, Zaia. **A Crise dos Paradigmas e a Educação**. (org). São Paulo: Cortez, 1995, p. 67-74.

MILANESI, Luís. **A casa da invenção**. Rio de Janeiro: Siciliano, 1991.

MORAES, Dalva Lazaroni. **Esboço histórico-geográfico do Município de Duque de Caxias**. Duque de Caxias: Asgráfica, 1978.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU, 1976.

NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira: a poesia da ação**. Bragança Paulista: EDUSF, 2000, p. 401 (Nota nº 32).

OLIVEIRA REIS. **O Rio de Janeiro e seus prefeitos: evolução urbanística da cidade**. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1977.

RIBEIRO, M.L.S. **História da Educação Escolar: a organização escolar**. Campinas: Autores Associados, 2000.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta**. S/l: Livraria Exposição do Livro, s/d. 94 p.

ROMANELLI, Otaíza. **História da Educação no Brasil (1930-1973)**. Petrópolis: Vozes, 1978.

SAVIANI, Dermeval, LOMBARDI, José Claudinei, SANFELICE, José Luís (orgs.). **História e história da educação**. Campinas: Autores Associados: HISTEDBR, 2000.

SCHWARTZMAN, Simon, BOMENY, Helena Maria Bousquet, COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema**. São Paulo: EDUSP/Paz e Terra, 1984.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história**. Brasília: Edit. da UnB, 1998.

VIANNA FILHO, Luís. **Anísio Teixeira: a polêmica da educação**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Na batalha da Educação: correspondência entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo (1929-1971)**. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

VIDAL, Diana Gonçalves. Uma biblioteca escolar: práticas de formação docente no Rio de Janeiro, 1927-1935. In: CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Biblioteca e formação docente: percursos de leitura (1902-1935)**. Belo Horizonte/São Paulo: Autêntica Editora/Centro de Memória da Educação - FEUSP, FINEP, 2000.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo, PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha, KHOURY, Yara Maria Aun. **A pesquisa em História**. São Paulo: Ática, 1998.

ZILBERMAN, Regina, LAJOLO, Marisa. **Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira - histórias, autores e textos**. São Paulo: Global, 1993.

## 2.2. Artigos

ALBUQUERQUE, Irene. Saudades de Cecília Meireles. **Boletim da FNLIJ**, v. 16, n. 66, p. 14-22, jan./mar., 1984.

ALVES, Alda Judith. A "Revisão da Bibliografia" em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis. **Cad. de Pesquisa**, n.81, p.53-60, maio 1992.

BUFFA, Ester. Contribuição da História para o enfrentamento dos problemas educacionais contemporâneos. **Em Aberto**, Brasília, n. 47, jul./set. 1990, p. 12-19.

CARNEIRO DA SILVA, Waldeck. A perspectiva dos livros de didática. **Tec. Educ.**, Rio de Janeiro, v.22, n.112, p.20-26, maio/jun., 1993.

CARVALHO, Marta M. Chagas de. Notas para Reavaliação do Movimento Educacional Brasileiro. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo (66):4-11, ago., 1988, p. 7.

CARVALHO, Maria da Conceição. Educação de usuário em bibliotecas escolares: considerações gerais. **R. Bibliotecon**. Brasília, v.9, n.1, p.22-29, jan./jun., 1981.

CERDEIRA, Theodolindo. A biblioteca escolar no planejamento educacional. **R. Bibliotecon**. Brasília, v.5, n.1, p.35-43, jan./jun., 1977.

DUMONT, Márcia M. Vianna. Bibliotecas escolares comunitárias: uma revisão bibliográfica. **R. Esc. Bibliotecon. UFMG**, Belo Horizonte, v.13, n.2, p.147-178, set., 1984.

FERREIRA, Carminda N. de C. Reforma de Ensino e Biblioteca. **R. Bibliotecon.**, Brasília, v.5, n.2, p.707-712, jul./dez., 1977.

FERREIRA, Tânia M. T. Bessone. Bibliotecas Femininas em Leilão: Leituras no Rio de Janeiro do Final do Século XIX. **Synthesis** (Caderno do Centro de Ciências Sociais – UERJ), Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.71-76, 1997.

GÓMEZ, Juan Carlos García. **Reflexiones en torno a la Biblioteca Escolar**. Docum. Original 26/01/95. Disponível na Internet: 10/08/1997. URL: <http://www.100mbps.es/gamo/bibesco.htm>

LIMA, Etelvina. Biblioteca em programas de alfabetização de adultos. **R. Esc. Bibliotecon. UFMG**, Belo Horizonte, v.11, n.2, p.133-145, set., 1982.

LIMA, Lúcia. **A rede de Bibliotecas Escolares**. Disponível na Internet: 1998. URL: <http://www.prodep.min-edu.pt/prodep/foco/paginas/oito/24.htm>

LOBO, Yolanda L. Memória e Educação: O Espírito Victorioso de Cecília Meireles. **RBEP**, Brasília, v.77, n.187, p.525-545, set./dez., 1996.

MACEDO, Neusa Dias, SIQUEIRA, Idméa S. Própero. Subsídios para a caracterização da biblioteca escolar. **R. Bras. Bibliotec. e Doc.**, São Paulo, v.20, n.1/4, p.67-69, jan./dez., 1987.

MEIRELES, Cecília. Carta a Diogo, Manuel Mendes, Montalvo, Osório e Raquel. Rio de Janeiro, 06/01/1936. In: SARAIVA, A. Uma carta inédita de Cecília Meireles sobre o suicídio do marido (Correia Dias). **Revista do Centro de Estudos Brasileiros**. p. 57.

MENDONÇA, Ana Waleska P.C. O Intelectual como Dirigente e como Educador. **RBEP**, Brasília, v.77, n.186, p.304-317, maio./ago., 1996.

MIGNOT, Ana Chrystina V. Decifrando o recado do nome: uma Escola em busca de sua identidade pedagógica. **RBEP**, Brasília, v.74, n. 178, p. 620-622, set./dez., 1993.

OLIVEIRA REIS. Administração do Prefeito Pereira Passos - 29/12/1902 a 15/11/1906. In: \_\_\_\_\_. **O Rio de Janeiro e seus prefeitos**: evolução urbanística da cidade. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1977, p. 27.

PIMENTEL, Cléa D. Pinto. Programa para criação e instalação de Bibliotecas Escolares na Rede Oficial de Ensino. **R. Bibliotecon.**, Brasília, v.5, n.2, p.693-705, jul./dez., 1977.

RABELLO, Odília C. Peres. Atividades de leitura em Biblioteca: equívocos de uma prática. **R. Esc. Bibliotecon. UFMG**, Belo Horizonte, v.16, n.2, p.130-142, set., 1987.

\_\_\_\_\_. Da biblioteca pública à biblioteca popular: análise das contradições de uma trajetória. **R. Esc. Bibliotecon. UFMG**, Belo Horizonte, v.16, n.1, p.19-42, mar., 1987.

RAMALHO, M. Olinda Horta. O silêncio na Biblioteca Escolar: necessidade ou mito? **R. Bibliotec. e Comunic.**, Porto Alegre, n.3, p.87-90, jan./dez., 1988.

REMÉDIOS, Maria José Lago dos. Ana de Castro Osório e a construção da grande aliança entre os povos: dois manuais de autoria da escritora portuguesa adotados no Brasil. **Anais do I Congresso Brasileiro de História da Educação**. Rio de Janeiro, 6 a 9 de novembro de 2000, p. 162-164.

**REVISTA MUNICIPAL DE ENGENHARIA**. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, v. 41, n. 1-4, jan./dez., 1990.

SANDRONI, Laura. O universo infantil e a biblioteca na vida da educadora Cecília Meireles. **Notícias**, Rio de Janeiro: FNLIJ, n. 5, v. 20, maio, 1999. (Suplemento: Reflexões sobre leitura e literatura infantil e juvenil)

SANDRONI, Laura. O universo infantil e a biblioteca na vida da educadora Cecília Meireles. **Notícias**, Rio de Janeiro: FNLIJ, n. 8, v. 20, maio, 1999. (Suplemento: Reflexões sobre leitura e literatura infantil e juvenil)

SILVEIRA, Itália M. F. da. Ensinar a pensar: uma atividade da biblioteca escolar. **R. Bibliotec. e Comunic.**, Porto Alegre, n.7, p.9-30, jan./dez., 1996.

SIQUEIRA, Idméa S. Própero. Projeto Arte-In: preparando o ARTE-Educador para interagir nas programações da Biblioteca Escolar. **R. Bras. Bibliotec. e Doc.**, São Paulo, v.20, n.1/4, p.45-66, jan./dez., 1987.

SOUZA, Ruth Villela Alves de. A biblioteca infantil pelos quatro cantos do Brasil. **Pir Lim Pim Pim**, Rio de Janeiro: FNLIJ, n. 1, p. 5-6, out./dez., 1988.

VALIO, Else B. Marques. Leitura: uma prioridade nas instituições educacionais inglesas e escocesas. **R. Esc. Bibliotecon. UFMG**, Belo Horizonte, v.16, n.1, p.84-96, mar., 1987.

VAZ, Paulo Bernardo. A um Passo da Barbárie. **Leitura e Leitores**, Rio de Janeiro: PROLER, p. 5-14, 1994.

VIDAL, Diana Gonçalves. Ensaio para a construção de uma Ciência Pedagógica: O Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937). **RBEP**, Brasília, v.77, n.185, p.239-258, jan./abr., 1996.

VIDAL, Diana Gonçalves. Livros, leituras e práticas de formação docente: O Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937). **20ª ANPEd**, 1997.

WITTER, Geraldina Porto. Base de dados bibliográficos e literatura infantil. **Transinformação**, Campinas, v.8, n.1, p.185-188, jan./abr., 1996.

WITTER, Geraldina Porto. Pesquisa sobre leitura e biblioteca (Summary, 1994/1995). **Transinformação**, Campinas, v.9, n.1, jan./abr., 1997. Disponível na Internet: 1998. URL: <http://www.puccamp.br/~biblio/witter91.html>

### **2.3. Dissertações, Relatórios de Pesquisa, Conferências e Teses**

ABDANUR, Elizabeth França. **Os "ilustrados" e a política cultural em São Paulo: o Departamento de Cultura na gestão Mário de Andrade (1935-1938)**. Dissertação de Mestrado, Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Unicamp, 1992.

CARNEIRO DA SILVA, Waldeck. **A utilização da biblioteca como recurso de ensino-aprendizagem em livros de didática**. Dissertação de Mestrado, Departamento de Educação/UFF, 1991.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Molde nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)**. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação/USP, 1986.



CASTRO, Léa Maria Sussekind Viveiros de. **Uma escola de professores: formação de docentes na Reforma Anísio Teixeira (1931-1935)**. Dissertação de Mestrado, Departamento de Educação/PUC-RJ, 1986.

DURO, Yvette Zietlow. **Gênese da Biblioteca Infantil no Brasil**. Relatório de Pesquisa, Centro Referencial de Literatura Infantil e Juvenil/UFRGS/CNPq, 1990.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. **Baú de memórias, bastidores de histórias: o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto**. Tese de Doutorado, Departamento de Educação/PUC-RJ, 1997.

MOREIRA, Carlos Otávio Fiuza. **Anísio Teixeira: Ciência, Progresso e Educação**. Dissertação de Mestrado, Departamento de Educação/PUC-RJ, 1995.

PIMENTA, Jussara Santos. **As duas margens do Atlântico: um projeto de integração entre dois povos na viagem de Cecília Meireles a Portugal (1934)**. 2008. 374 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

\_\_\_\_\_. **Fora do outono certo nem as aspirações amadurecem: Cecília Meireles e a criação da biblioteca infantil do Pavilhão Mourisco (1934-1937)**. 2001. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento da Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira: a poesia da ação**. Tese de Doutorado, Departamento de Educação/PUC-RJ, 1991.

SOUZA, Ida Vicenzia Dias de. **Cecília Meireles: de liberdade e outros assuntos**. Dissertação de Mestrado, Departamento de Letras/PUC-RJ, 1999.

VALLADÃO, Tânia Cristina Tavares Corrêa. **Canção da flor da infância: Cecília Meireles**. Tese de Doutorado, Departamento de Letras Vernáculas/UFRJ, 1997.

VIDAL, Diana Gonçalves. **O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937)**. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação/USP, 1995.

## **Anexos**

## Biblioteca Central de Educação

(Assunto: Biblioteca/Biblioteconomia)<sup>288</sup>

AMERICAN Library Association. **Libraries and adult education**. Chicago: American Library Association, 1926.

ARGENTINA. **Comisión protectora de bibliotecas populares**. Buenos Aires: Imprenta López, 1932, 1933 e 1934.

ARGENTINA. **Leyes, decretos y reglamentación de bibliotecas populares**. Buenos Aires: L.J. Rosso, 1934.

BACH, C. **Guide du bibliothécaire amateur; guide sommaire pour l'organisation des petites bibliothèques municipales, scolaires, de société, de patronage, etc.** Issy: Ed. Je Sers, s.d.

BAKER, Ernest. **The use of Libraries**. London: University of London Press, 1930.

BALDWIN, Emma Virginia. **Library Service**. Chicago: American Library Association, 1931.

BARROSO, Manuel. **La biblioteca en la escuela, centro de actividades**. Buenos Aires: Editorial A. Kapelusz, 1934.

BERTONI, Giulio. **La biblioteca estense e la coltura ferrerese ai tempi del duca Ercole I**. Torino: Ermanno Loescher, 1903.

BIBLIOTECA Ambrisiano. **Guida sommaria per el visitatore della Biblioteca Ambrisiana e delle Collezioni Annesse**. Milano: V. Allegretti, 1907.

BIBLIOTECA Nacional do Rio de Janeiro - Regulamentação, 1922.

BOSTOWICK, Arthur Elmore. **The Library and Society**. New York: H.W. Wilson, 1920.

BROWN, James Duff. **Manual of Library, Economy**. London: Grafton, 1937.

CANNON, Carl Leslie. **Order na Accession Department**. Chicago: American Library Association, 1930.

CANNON, Carl Leslie. **Publicity for small libraries**. Chicago: American Library Association, 1929.

---

<sup>288</sup> Informações colhidas junto ao Catálogo da Biblioteca Popular da Glória, pertencentes à Biblioteca Central de Educação do Distrito Federal. Algumas dessas obras não se encontram nas estantes, constando apenas do catálogo da Biblioteca.

CANT, Monica. **School and college library practice**. London: George Allen & Unwin, 1936.

CASTRO, Ramiro B. de. **Histórico e descrição dos edifícios da Cadeia Velha, Palácio Monroe e Bibliotheca Nacional**. Rio de Janeiro: Brasil Ed., 1926.

COLUMBIA University Teacher College. Lincoln School. **The Library of the Lincoln Scholl of Teachers College; Handbook**. New York: Columbia University, 1927.

CONGRESSO de Ensino Regional. Salvador, 1934. **As bibliotecas e os museus no sistema escolar do Município de Vassouras, memória apresentada pela Delegação de Vassouras**. Rio de Janeiro: s.ed./1934.

CONGRESSO Internacional de Bibliotecários e Bibliófilos. Paris: Fernand Mazerolle et Charles Mortet, 1925.

CÓNSOLE, Alfredo. **Fundación y Organización de Bibliotecas**. Buenos Aires: Imprenta López, 1937.

CÓNSOLE, Alfredo. **Hagamos del bibliotecario un profesional**; programa de estudio para una escuela de bibliotecarios. Buenos Aires: Imprenta López, 1937.

CROZET, L. **Manual pratique du bibliothécaire**. Nourry, 1937.

DECRETO n. 5.593 de 9 de julho de 1935; regulamento da Biblioteca Municipal, a que se refere o Decreto 5.483 de 28 de março de 1935. Rio de Janeiro: Of. Graphica do Departamento de Educação, 1935.

DENVER. Public School. Department of Curriculum. Libratur Instruction, Junior and Senior High Schools. Denver: Denver Public Schools, 1930.

DEPASSE, C. **La Bibliothèque publique complément indispensable de l'école!** Comment la créer à peu de frais? Conférence fait aux membres du personnel enseignant des écoles primaires communales, adoptées et libres, dépendant des Inspections principales de Verviers et Ruy. Ed. Biblio: Liège, 1925.

DOUBLEDAY, Willian Elliot. **A manual of library routine**. London:G. Allen & Unwin and Library Association, 1933.

DRURY, Gertrude Martha. **The Library and its home**: reprints of articles and adresses. New York: H.W. Wilson, 1933.

DRURY, Gertrude Martha. **The Library and its organization**. New York: H.W. Wilson, 1924.

EASTMAN, Linda Anne. **Furniture, fixtures and equipment**. Chicago: American Library Association, 1927.

ENGLAND. Board of Education. **Memorandum on Libraries in State-aided Secondary School in England**. London: Published by his Majesty'Stationery Office, 1928.

FARGO, Lucile Foster. **Preparation for school library work.** New York: Columbia University Press, 1936.

FIGUEIREDO, Fidelino de. **Como dirigi a Biblioteca Nacional (Fevereiro de 1918 a Fevereiro de 1919).** Lisboa: A. M. Teixeira, 1919.

FLEXNER, Jennie Maas. **Circulation Work in Public Libraries.** Chicago: American Library Association, 1927.

FRATI, Carlo. **Dizionario bio-bibliografico del bibliotecari e bibliofili italiani del Sex. XIV al XIX.** Leo S. Olschck, 1933.

GIMENEZ, Angel M. **Nuestras bibliotecas obreras.** Buenos Aires: La Vanguardia, 1932.

GRATACÓS, Miguel. **Bibliotecas y Libros (Mision social de las bibliotecas populares).** Buenos Aires: Imprenta Mercantil, 1936.

HADLEY, Chalmers. **Library buiding, notes and plans.** Chicago: American Library Association, 1924.

HIRSHBERG, Herbert Simon. **Elements of the library plan.** Chicago: American Library Association, 1930.

HUNT, Clara Whitehill. **Library work with children.** Chicago: American Library Association, 1924.

INSTITUT International de Cooperation Intellectuelle. **Mission Sociale et Intellectuelle des Bibliothèques Populaires, son Organisation ses Moyens d' Action.** Paris: Institut International de Coopération Intellectuelle, 1937.

INSTITUTO Internacional de Cooperação Intelectual. **Mission sociale et intellectuelle des bibliothèques populaires, son organisation, ses moyens d'action.** Paris, 1937.

JANZOW, Laura M. **The Library without the Walls.** New York: H. W. Wilson, 1927.

JENNINGS, Judson T. **La Biblioteca y la educación del adulto.** Washington D.C.: Union Panamericana, 1929.

LATHROP, Edith Anna. **Aids in book selection for secondary schools librarries.** Washington: United States Government Printing Office, 1934, 1935.

LOGASA, Hannah. **The high school library, its function in education.** New York: D. Appleton and Company, 1928.

LUZURIAGA, Lorenzo. **Bibliotecas escolares.** Madrid: Revista de Pedagogia, 1927.

McCOLLOUG, Ethel Farquhar. **Essentials in Library Administration.** Chicago: American Library Association, 1931.

McCOMBS, Charles Flowers. **The reference Department.** Chicago: American Library Association, 1929.

McNIECE, Jessie Sargent. **The Library and its workers; reprints of articles and addresses.** New York: The H. W. Wilson Company, 1929.

MENEGALE, José Guimarães. **O que é e o que deve ser a Biblioteca Pública.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1932.

MIÉRES DE RIVAS, Margarita. **O trabalho cultural da biblioteca infantil del Chile.** Washington; União Pan-Americana, 1936.

MILLER, Zana K. **How to organize a library.** Boston: Remington Rand, 1933.

MOODY, Katharine Twining. **The Library within the walls; reprints of articles and addresses.** New York: H. W. Wilson, 1929.

MOREL, Eugène. **La librairie publique.** Paris: A. Colin, 1910.

MUJICA FARIAS, Eduardo. **El arte de organizar bibliotecas, archivos y reparticiones en general.** Buenos Aires: Librería de la Facultad Bernabé, 1937.

MUNIZ, Antônio Ferrão. **Catálogo Geral das Obras de Ciências e Literatura que Contem a Biblioteca Pública da Bahia.** Salvador: Constitucional, 1878.

NELSON, Ernesto. **Las Bibliotecas en los Estados Unidos.** Nueva York. Dotación Carnegie Para la Paz Internacional, 1929.

NEW YORK Public Library. **Information about the New York Public Library.** New York: New York Public Library, 1933.

PLUMMER, Mary Wright. **Training for librarianship.** Chicago: American Library Association, 1923.

RICHARD, Jules. **L'art de former une bibliothèque.** Paris Rouveyre & G. Blond, 1883.

RYE, Reginald Arthur. **The student's guide to the libraries of London, with an account of the most important archives and other aids to study.** London: University of London Press, 1928.

SAWYER, Harriet Price. **The Library as a vocation.** New York: H.W. Wilson, 1933.

SIMONS, Hanny. **Bibliotecas e bibliotecarios.** La Plata: Olivieri y Dominguez, 1932.

SOUZA, Alvaro Paulino de. **Conversas bibliográficas.** Rio de Janeiro: Revista dos Tribunaes, 1917.

SQUASSI, Alberico. **La biblioteca popolare.** Milano: A. Mondadori, 1935.

UNITED States. Department of the Interior. Bureau of Education. **Statistics of Public, Society and School Libraries, 1923.** Prepared in the Library Division, with the Cooperation of the Statistical Division. Washington D.C.: Government Printing Office, 1926.

URIOSTE, Antero. **La biblioteca de maestros del Consejo N. de Enseñanza Primaria y Normal; su evolución y su estado actual.** Montevideo: A. Barreiro y Ramos, 1922.

VINDEL, Francisco. **Los Bibliofilos y sus bibliotecas, desde la introducción de la imprenta en España hasta nuestros días.** Madrid: Góngora, 1934.

VITZ, Car Peter Paul. **Circulation work.** Chicago: American Library Association, 1927.

WALLACE, Ruth. **The care and treatment of music in a library.** Chicago: American Library Association, 1927.

WARD, Gilbert Oakley. **The practical use of book and libraries.** Boston: Mas, F. W. Faxon, 1933.

WYER, James Ingersoll. **The college and university library.** Chicago: American Library Association, 1928.

WYNKOOP, Asa. **Comissions, state aid, and state agencies.** Chicago: American Library Association, 1923.

## Biblioteca Central de Educação (Assunto: Literatura Infanto-Juvenil)

BRYANT, Sara Cone. **Comment raconter des histoires a nos enfants et quelques histoires racontées.** Paris, Fernand Nathan, 1931. (1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> serie)

BRYANT, Sara Cone. **Comment raconter des histoires a nos enfants et quelques histoires racontées.** Paris, Fernand Nathan, 1932.

BUREAU International d'Education. **La coordination dans le domaine de la littérature enfantine, travaux de la Commission d'Education.** Genève: Bureau International d'Education, 1933.

BUREAU International d'Education. **Les Périodiques pour la jeunesse. Genève: Bureau International d'Education,** 1936.

BUREAU International d'Education. **Litterature enfantine et collaboration internationale. Children's book and international goodwill.** Genève: Bureau International d'Education, 1932.

DARTON, F. J. Harvey. **Children's books in England; five centuries of social life.** Cambridge: At the University Press, 1932.

FANCIULLI, Giuseppe. **La letteratura per l'infanzia.** Torino: Società Ed. Internazionale, 1934.

GARDNER, Emelyn. **A handbook of children's literature; methods and materials.** Chicago: Scott Foresman, 1927.

GRANT, Emma B. **Reading interests compared with the content of school readers; a study of reading in the primary grades.** New York: Columbia University, 1925.

HAZARD, Paul. **Les livres, les enfants et les hommes.** Paris: Ernest Flammarion Éditeur, 1932.

MARQUES JUNIOR, Henrique. **Algumas achegas para uma bibliografia infantil.** Lisboa: Biblioteca Nacional, 1928.



## Acervos e Bibliotecas

Arquivo Anísio Teixeira, CPDOC/FGV;

Arquivo Anísio Teixeira, PROEDES/Fac. de Educação/UFRJ;

Arquivo Fernando de Azevedo, IEB/USP;

Arquivo Filinto Müller, CPDOC/FGV;

Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro;

Arquivo Gustavo Capanema, CPDOC/FGV;

Arquivo Lourenço Filho, CPDOC/FGV;

Arquivo Pedro Ernesto Batista, CPDOC/FGV;

Biblioteca "Carmem Jordão" da Associação Brasileira de Educação (ABE);

Biblioteca "Euclides da Cunha";

Biblioteca da Fundação Casa de Rui Barbosa;

Biblioteca da Fundação Nacional do Livro Infante-Juvenil – FNLIJ;

Biblioteca da PUC-Rio;

Biblioteca Nacional;

Biblioteca Popular da Glória;

Biblioteca Popular de Botafogo;

Biblioteca Virtual Anísio Teixeira.

## Cecília Meireles - Cronologia

1901 - Nasce, no Rio de Janeiro, a 7 de novembro.

1910 - Recebe medalha de ouro na Escola Estácio de Sá das mãos de Olavo Bilac, então Inspetor Escolar do Distrito.

1916 - Estagia na Escola Gonçalves Dias, em São Cristóvão.

1917 - Conclui o curso da Escola Normal do Distrito Federal.

1918 - Leciona na Escola Municipal Deodoro, na Rua da Glória.

1919 - Lança o livro de poemas *Espectros*.

1921 - Casa-se com o artista plástico português Fernando Correia Dias.

1920 - Leciona desenho na Escola Normal, a convite do professor Fernando Nerêo de Sampaio, diretor daquele departamento.

1922 - Publica poemas na Revista *Árvore Nova*.

1923 - Lança os livros *Nunca Mais...*, *Poema dos Poemas* e *Criança Meu Amor*.

1924 - Publica poemas na revista *Terra de Sol*.

- *Criança Meu Amor* é adotado pela Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal.

1925 - Lança o livro *Baladas para El-Rei*.

1927-28 - Publica poemas na Revista *Festa* (primeira fase).

1929 - Concorre com a tese *O Espírito Victorioso* à cadeira de Literatura Vernácula da Escola Normal do Distrito Federal.

1930-33 - Escreve a *Página de Educação* (de 12/06/30 a 12/01/33) e a *Página das Crianças* (de 22/06 a 31/08/1930 – durante apenas 11 domingos) no *Diário de Notícias*.

1931 - Início do Inquérito sobre leituras infantis.

1932 - Assina o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova.

1933 - Escreve uma página do suplemento do jornal *A Nação*.

1934 - É designada em 11/01 para ter exercício no Instituto de Pesquisas Educacionais.

- Poemas publicados na Revista Festa (segunda fase).
- Criação da Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco.
- Série de Conferências em Lisboa e Coimbra sobre assuntos de literatura e educação, a convite do Secretariado de Propaganda de Portugal.
- 1935 - Publica o livro *Batuque, Samba e Macumba*, em Lisboa.
- É nomeada professora de Literatura Luso-Brasileira da Universidade do Distrito Federal.
- Morte de Correia Dias.
- 1937 - Transfere-se para a cadeira de Teoria e Técnica Literária.
- Integra a Comissão Nacional de Folclore.
- 1938 - Ganha o prêmio da Academia Brasileira de Letras com o livro *Viagem*.
- 1939 - Publica o livro *Olhinhos de Gato e Viagem*, em Lisboa.
- Trabalha como repórter para o jornal *Observador Econômico e Financeiro*.
- 1940 - Casa-se com o engenheiro Heitor Grillo, diretor da Universidade Rural do Distrito Federal.
- Leciona Literatura e Cultura Brasileira na Universidade do Texas, nos Estados Unidos.
- 1941 - Edita a revista *Travel in Brazil*, do Departamento de Imprensa e Propaganda.
- 1941-45 - Escreve uma série de artigos sobre educação no jornal *A Manhã*, na coluna Professores e Estudantes.
- 1943 - Publica o livro *Vaga Música*.
- 1944 - Viaja ao Uruguai e à Argentina.
- 1945 - Publica o livro *Mar absoluto e outros poemas*.
- Visita o Rio Grande do Sul.
- Publica crônicas intituladas *Rumo ao Sul*.
- 1946 - Ministra cursos de teatro de bonecos na Sociedade Pestalozzi.
- Escreve *O menino Atrasado e Nau Catarineta*.
- 1948 - Seminário sobre Educação em Minas Gerais.
- 1949 - Publica o livro *Rui - pequena história de uma grande vida*.

1949-51 - Retorna ao magistério e se aposenta com diretora da Escola Bahia, na Avenida Brasil.

1951 - Publica o livro *Problemas da Literatura Infantil*.

1952 - Publica *Doze Noturnos de Holanda e O Aeronauta*.

1953 - Visita a Índia, Goa, Itália, França e Holanda.

- Lança o livro *Romanceiro da Inconfidência e Folclore*, um estudo sobre arte popular.

- Publica *Poemas Escritos na Índia*.

1954 - Visita a Europa e Açores.

1955 - Publica *Pequeno Oratório de Santa Clara, Pistóia, Cemitério Militar Brasileiro e Panorama Folclórico dos Açores*.

1957 - Visita Porto Rico.

- Ministra o Curso de Literatura Oriental na Fundação Dulcina.

1958 - Visita Israel.

- Primeira edição de Obras Completas da Editora Aguilar.

1960 - Publica *Metal Rosicler*.

1963 - Publica *Solombra*.

1964 - Publica o livro *Ou isto ou aquilo, Giroflê e Escolha o seu sonho*.

- Inaugura uma biblioteca com o seu nome e recebe o título de Comendador da Ordem do Mérito no Chile.

- Falece, aos 63 anos de idade, no Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro.

1965 - A Academia Brasileira de Letras concede-lhe, *post-mortem*, o prêmio Machado de Assis, pelo conjunto de sua obra.

- Publicação póstuma de *Crônica Trovada da Cidade de San Sebastian do Rio de Janeiro, O estudante empírico, Sonhos, Cânticos, Morena pena de amor e Poemas 1, 2, 3*.